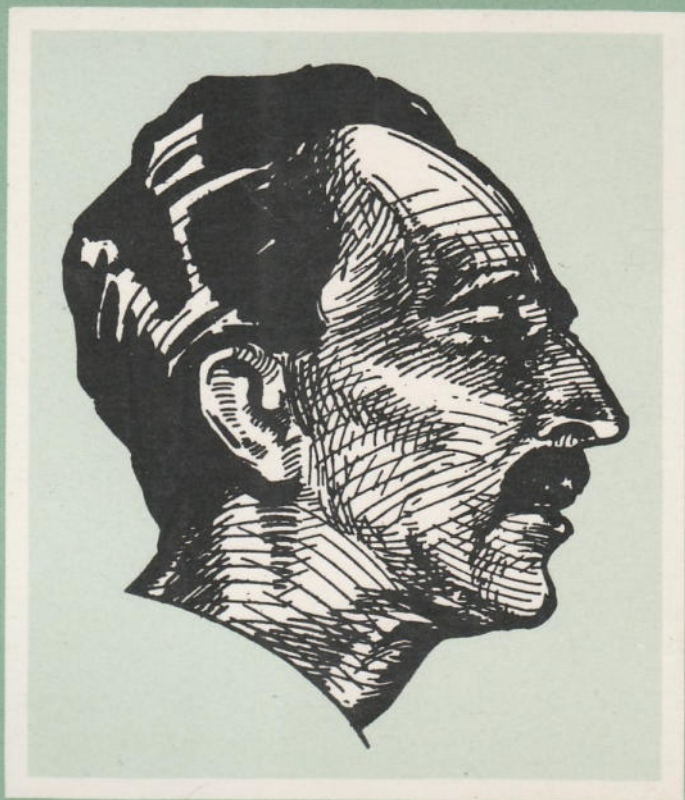


PLINIO SALGADO



IN MEMORIAM

EDITORA VOZ DO OESTE/CASA DE PLINIO SALGADO

VAMOS CONSTRUIR UMA CASA

"Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força com que se há de salgar?"

Mateus, 5-13

Amigos,

Queremos construir uma casa. O quanto antes.

Uma casa de verdade: de pedra e cal, de terra e sal.

Sim uma casa — pode ser alta ou baixa, térrea ou assobradada, num terreno doado ou comprado, na capital ou no interior.

Pode ser feita de tijolo vazado ou vazada sem tijolo. Sim, pode até não ser feita de tijolo.

O importante é que essa seja uma casa com portas e janelas abertas em todas as direções. Que suas salas e seus quartos estejam sempre cheios de livros e idéias vivas. Que suas paredes estejam impregnadas de lembranças indeléveis. Que seus corredores estejam ressoantes de afirmações, num encontro permanente de vozes do presente e do passado.

Queremos uma casa para lembrar e ser lembrada. Uma casa que não nos deixe esquecer. Uma casa que nos acolha e nos faça caminhar. Uma casa que dê agasalho a todos, a qualquer um que tenha fome de verdade e sede de justiça.

Ponto de encontro. Ponto de chegada e de partida.

Museu, arquivo, centro de estudos e pesquisas. Centro irradiador de cultura,

In Memoriam

PLÍNIO SALGADO

In Memoriam



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família

PLINIO SALGADO

In Memoriam



A Plínio Salgado
Homenagem
de
João Reis

Original do pintor João Reis.

PLÍNIO SALGADO

In Memoriam

(Volume II — Autores Estrangeiros)

Editora Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado
São Paulo — 1986

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

P783
v.1-2

Plínio Salgado : "In Memoriam". -- São Paulo : Voz do Oeste : Casa de Plínio Salgado, 1985-1986.

Conteúdo: v. 1. Autores brasileiros -- v. 2. Autores estrangeiros.

1. Ação Integralista Brasileira 2. Salgado, Plínio, 1895-1975 - Crítica e interpretação

CDD-923.281
-320.533
-324.281
-869.909

86-1287

Índices para catálogo sistemático:

1. Ação Integralista Brasileira : Partidos políticos 324.281
2. Brasil : Políticos : Biografia 923.281
3. Integralismo : Ciência política 320.533
4. Literatura brasileira : História e crítica 869.909

Todos os direitos reservados à Editora Voz do Oeste e
Casa de Plínio Salgado

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	11
PREFÁCIO:	
<i>Ruy Pereira e Alvim</i>	
Permanência e atualidade de Plínio Salgado.....	15
PARTE I — DEPOIMENTOS	
<i>Antonio de Oliveira Coelho</i>	
A personalidade de Plínio Salgado.....	39
<i>Fernando de Aguiar</i>	
Plínio Salgado, de ontem para hoje.....	43
<i>Francisco Elias de Tejada</i>	
Plínio Salgado na tradição do Brasil.....	46
<i>Henrique Barrilaro Ruas</i>	
Plínio Salgado, historiador, visto por um português..	71
<i>Hugo Rocha</i>	
De Plínio Salgado e da sua ação política e literária..	81
<i>Jacinto Ferreira</i>	
Plínio Salgado, arauto do amor.....	85
<i>João Bigotte Choro</i>	
O autor da <i>Vida de Jesus</i>	89
<i>João Maia</i>	
Evocação de Plínio Salgado, orador.....	93
<i>Joaquim Paço d'Arcos</i>	
Lembrança de Plínio Salgado.....	96
<i>Mario Saraiva</i>	
Homenagem a Plínio Salgado.....	98
<i>Padre Moreira das Neves</i>	
Lembranças de um amigo em Lisboa.....	100
<i>Natércia Freire</i>	
Plínio Salgado ou a chamada de "outro alguém"....	106
PARTE II :— CRÍTICA LITERÁRIA	
<i>Amândio Cesar</i>	
Um romancista do modernismo brasileiro — Plínio Salgado	113

<i>João Ameal</i>	
Plínio Salgado ou a nova luta por Cristo.....	127
<i>João Gaspar Simões</i>	
Vida de Jesus por Plínio Salgado.....	136
<i>J. S. da Silva Dias</i>	
Vida de Jesus, de Plínio Salgado.....	144
<i>Autor não identificado</i>	
Presença de Cristo em dois livros de Plínio Salgado..	148
PARTE III — ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA	
<i>Padre Mondrone, SJ</i>	
Plínio Salgado: o homem, a atividade e a obra-prima	159
PARTE V — UMA REPORTAGEM HISTÓRICA	
Apresentação	177
O brilhante discurso do Dr. Domingos Megre.....	180
Um Soneto do Conde de Monzaráz.....	182
A notável oração do Dr. Hipólito Raposo.....	184
O agradecimento.....	195
PARTE VI — BIOBIBLIOGRAFIA	
Síntese cronológica	209
Bibliografia de Plínio Salgado	212
Bibliografia da Vida de Jesus	216
Bibliografia sobre a Vida de Jesus	217
Roteiro de pesquisa sobre a vida e a obra de Plínio Salgado	219

Cavaleiro do Verbo

A memória de Plínio Salgado

Cavaleiro do Verbo claro e ardente,
 Sonhou, sofreu, viveu em pleno a vida.
 Aprendeu, de menino, a olhar em frente,
 Como Moisés, a Terra Prometida.

Paladino do Bem, continuamente
 Fez da Palavra uma bandeira erguida.
 Cren sempre que, lançada, uma semente
 Jamais seria inútil e perdida.

Estranho a ódios, ignorando o medo,
 Com Deus no coração, tinha o segredo
 De O confessar em tudo o que fazia.

Soubes amar o Brasil e Portugal
 Com amor tão profundo e tão igual,
 Que nunca, no seu peito, os distinguia.

6.II.76

Moreirada Nogueira

APRESENTAÇÃO

Na apresentação deste segundo volume do *In Memoriam* de Plínio Salgado, transcreveremos a primeira parte do texto que serviu para a introdução do primeiro volume.

"A Editora Voz do Oeste e a Casa de Plínio Salgado associam-se num empreendimento cujo objetivo é colocar em discussão a personalidade e a obra de Plínio Salgado. Para os jovens e adultos que pouco ou nada sabem a respeito do grande líder antecipamos algumas informações.

Plínio Salgado iniciou sua vida política e sua trajetória de grande escritor e jornalista na década de 20. Depois de ter fundado o primeiro Partido Municipalista do Brasil foi redator do *Correio Paulistano* e eleito Deputado à Assembléia Legislativa de São Paulo. Participou ativamente do Movimento Modernista, liderando a corrente verde-amarelista. Seu romance, *O Estrangeiro*, é considerado obra pioneira do romance modernista.

Na década de 30 fundou a Ação Integralista Brasileira, o maior movimento político autenticamente nacionalista do país, com núcleos em todos os Municípios e Vilas do Brasil. Foi candidato à Presidência da República nas eleições que se realizariam em 1937. Teve seu movimento político fechado por decreto da Ditadura instalada em 10 de novembro de 1937, em seguida, preso e exilado em Portugal. Nessa época escreveu grande parte da sua obra literária.

No período de exílio na Europa continuou sua atividade de escritor e didata, pronunciando inúmeras conferências e produzindo uma vasta literatura.

Anistiado, retorna ao Brasil e é eleito Presidente Nacional do Partido de Representação Popular (1946) pelo qual foi can-

didato à Presidência da República (1955), e, posteriormente, Deputado Federal pelo Paraná e por São Paulo. Suas atividades parlamentares foram registradas pela publicação de vários discursos e pareceres, inclusive em *Perfis Parlamentares*, editado pela Câmara dos Deputados em 1982.

Manteve-se em atividade constante como líder político e escritor até o seu falecimento, em 1975".

* * *

Este volume dá seqüência à série de publicações *In Memoriam* de Plínio Salgado contendo matéria escrita por estrangeiros como anunciamos na apresentação do 1.º volume, editado em 1985.

Para a realização desta edição, contamos inicialmente com o intenso trabalho desenvolvido pelo Dr. Rui de Arruda Camargo, que o idealizou e desenvolveu contatos no exterior com amigos, colaboradores e correligionários do grande escritor brasileiro. Entretanto, é preciso registrar o interesse e a excepcional colaboração do poeta e escritor português Amândio César que se empenhou, decisivamente, no sentido de ampliar os apelos brasileiros aos escritores e intelectuais co-irmãos. A sua grande preocupação está registrada em carta que enviou a D. Carmela P. Salgado, em 23 de janeiro de 1977, relatando os seus contatos com escritores como Antonio Navarro — cujo poema em memória de Plínio Salgado, infelizmente, não chegou às nossas mãos; João Gaspar Simões — grande crítico literário — que autorizou a publicação de trabalho publicado na imprensa portuguesa à época do lançamento da primeira edição portuguesa da *Vida de Jesus*; Joaquim Paço D'Arcos — prestigioso romancista e poeta — que inscreveu, no pórtico do seu livro *Ansiedade*, publicado em 1940, trecho extraído do romance *O Esperado*.

"Eu queria que a representação portuguesa fosse em número e qualidade de primeira ordem", disse naquela missiva o grande amigo e admirador de Plínio Salgado.

O jornalista Sr. João Alves das Neves, bem como, o Dr. Ruy Pereira e Alvim colaboraram também com informações

sobre dados bibliográficos a respeito de muitos dos autores portugueses, cujas informações não foram localizadas em pesquisa bibliográfica realizada em vários volumes de História da Literatura Portuguesa. Ainda devemos registrar a colaboração do saudoso Dr. José Pequito Rebelo que nos enviou o exemplar do jornal "A Voz", de Lisboa, que publicou ampla reportagem sobre a homenagem prestada a Plínio Salgado nas vésperas do seu retorno ao Brasil.

* * *

A distribuição da matéria, neste volume, resultou de um trabalho em conjunto com Gumercindo Rocha Dórea — outro grande entusiasta desta obra — e terá a seguinte ordem:

na primeira parte, os depoimentos foram elaborados especialmente para esta edição;

na segunda parte (Crítica Literária) além da contribuição de Amândio César, João Ameal e João Gaspar Simões, incluímos o texto intitulado "Presença de Cristo em Dois Livros de Plínio Salgado" cuja autoria não nos foi possível identificar, em que pese termos consultado alguns intelectuais portugueses, os quais unanimemente, entenderam ser necessária a sua publicação em virtude da profundidade da análise e dos judiciosos conceitos emitidos;

na terceira parte (Análise Bibliográfica), incluímos o estudo realizado pelo jesuíta Domênico Mondrone, publicado na revista *Civiltà Cattolica* e na apresentação da edição italiana de *La Vita de Gesù*, de Plínio Salgado; sob o título "L'uomo, l'attività, il capolavoro";

na quarta parte, transcrevemos, integralmente, a reportagem publicada no jornal português "A Voz", a respeito da homenagem prestada a Plínio Salgado, pela intelectualidade portuguesa católica, nas vésperas do seu retorno ao Brasil;

na quinta parte (Biobibliografia), publicamos um importante trabalho de esclarecimento sobre Plínio Salgado e sua obra, organizado pelo Dr. Gumercindo Rocha Dórea.

Finalmente, ressaltamos que a escrita, bem como as expressões idiomáticas dos autores foram mantidas na sua forma original, com excessão dos textos espanhol e italiano, traduzidos.

* * *

Acreditamos que com o lançamento do 1.º e 2.º volume do *In Memoriam* teremos atingido o objetivo precípua desta coleção, ou seja, colocar em discussão o pensamento e a obra de Plínio Salgado.

A matéria constante desses volumes, quer pela sua generalidade, quer pela sua especificidade, permite uma visão bastante ampla e, tanto quanto possível, isenta de "juízos de valor preconcebidos". Assim, Plínio Salgado aparece de corpo inteiro — o homem, o seu pensamento, a sua obra.

O convite que fazemos aos leitores é para que se manifestem sobre o conteúdo desses livros para que possamos, no lançamento do 3.º volume, incluir essa crítica que reputamos de grande importância, não apenas para conhecimento de Plínio Salgado, mas, também, do Brasil cuja História está indelevelmente marcada pela presença dessa genial personalidade.

José Baptista de Carvalho

PREFÁCIO

PERMANÊNCIA E ATUALIDADE DE PLÍNIO SALGADO

*Ruy Pereira e Alvim**

Numa época em que a tendência à banalização é paradigma político e social de consumo crescente, fica-nos uma sensação de angústia abordar o pensamento e a dimensão intelectual de Plínio Salgado.

Hoje, vive-se um clima de espontaneidade como forma de recusa do conhecimento e da teoria. Vive-se a caminho do irracionalismo. Há uma fuga, individual e coletiva, à razão. Vive-se para o imediato e perde-se progressivamente a capacidade de sonhar com a verdadeira emancipação do Homem. Tudo isto agravado pelo radicalismo ideológico de certos setores e outros interesses inconfessáveis, não tem permitido a diversas gerações, no Brasil, conhecer o pensamento de Plínio Salgado e a sua importância na história da sociedade brasileira. São tão nocivas estas ações mutiladoras dirigidas contra a história e a cultura de um país que este correrá o risco de formar uma sociedade perigosamente ignorante, incapaz de organicamente ter consciência de si mesma. Alguém já escreveu que a sociedade está submetida, não à fantasia das suas vontades, mas a leis que não se trata de inventar, mas sim de descobrir. Pode até a união dos homens em torno de seus objetivos criar a mentira e alimentá-la, e a sociedade pode esconder por muito tempo as suas escamoteações. Esse comportamento, porém, não fará desaparecer a verdade. Mais cedo do que se poderá pensar, os fatos, os homens e suas obras, vão reaparecer, saindo dos guetos discriminatórios onde tentaram sepultá-los.

Quando forem ultrapassados estes quistos culturais e cívicos, e tudo indica estar para chegar essa fase de maturidade cultural espontânea, será feita justiça, no Brasil, à obra e à vida de Plínio Salgado. Quando for analisada com a imparcialidade dos estudiosos, divulgar-se-á a sua poderosa e rica personalidade, a fecundidade de seu talento, a precisão de suas observações, a profundidade do educador, a qualidade do poeta, que não pode dedicar a esta faceta de seu talento tempo integral, o pioneiro romancista do Modernismo, o político revolucionário de confissão brasileira e universal, a mestria de sua oratória e o domínio precioso da língua portuguesa. Será revelada a grandeza de sua alma e superior elegância cívica, só igualadas pela coerência política com que enfrentou a ditadura de Vargas, pragmaticamente apoiada no Partido Comunista Brasileiro, e que lhe valeu a prisão e o forçado exílio em Portugal. O filósofo, o sociólogo e o historiador terão seu lugar no pódium cultural do Brasil e do Ocidente e o político será reconhecido pela identificação de seus princípios com o quadro de potencialidades e aspirações da nação brasileira. Nesta última faceta de seu talento polivalente, será feita justiça ao autor de *A Voz do Oeste*, romance de integração brasileira, grito de amor à terra e ao povo, no apelo à caminhada para o Planalto Central, dedo apontado, em gesto prenunciador da construção de Brasília.

Juscelino Kubitschek, fundador da nova capital, reconhece, com a generosidade e grandeza características de sua personalidade, em carta dirigida a Plínio Salgado, que Brasília fora “pressentida desde o século XVIII e preparada pelo grito que você, meu caro Plínio, deu conclamando todos para a marcha rumo Oeste”. Este “grito” fora dado por Plínio Salgado em 1934, em seu romance *A Voz do Oeste*. Juntar-se-á, sem ferir direitos de ninguém, mas, com precedência o nome do autor de *A Vida de Jesus*, ao fundador da cidade de Brasília e a seus construtores. Seu nome será consagrado também como um símbolo de luz, que iluminou e ilumina os caminhos do Brasil Futuro.

* * *

Injustiçado em vida pela calúnia dos adversários do Brasil ou pelo despreparo cultural e desinformação de muitos, vê-se deturpada e silenciada sua experiência política, social e literária, após a sua morte. Independentemente do destino que venha a ter sua mensagem política e cultural, observa-se hoje, no Brasil, um espaço vazio, reservado aos rumos do país, no que eles carecem de cidadania nacional e de identidade com as raízes e a cultura do povo.

Há que destacar, no entanto, a influência que as idéias de Plínio já tiveram, através da inserção de alguns desses valores na formação cultural de inúmeras gerações de brasileiros que se sucederam na direção de altos escalões da vida nacional.

Quanto ao futuro, o amanhã que bate à nossa porta, há que esperar, para além da Babel doutrinária, em que vivemos, com pretensões pastorais, que tomemos uma resolução suprema, como aconselhava o autor de “Despertemos a Nação”: revestir-nos da coragem de nos confessarmos brasileiros.

Apesar de tudo conspirar contra esse gesto, porque “os homens tomam os estilhaços da verdade como evidências da verdade inteira”, o espaço vazio confiado às novas gerações será o de construir a “quarta posição”, que desvende nas três verdades em conflito no mundo contemporâneo — socialismo, comunismo e nacionalismo — o que há de certo e que complementa as graves carências das três doutrinas conflitantes.

A vida de Plínio Salgado é um modelo de serena perseverança em seus ideais, de independência moral perante o poder e de heróica capacidade de sacrifício e resistência moral às prepotências dos governantes.

Negado por alguns que o seguiram, abandonado por outros que o deixaram seguir para o sempre doloroso destino do exílio, enfrentou com superior e exemplar serenidade as provações do forçado abandono da Pátria. Continuou na sua campanha de recrutamento das forças morais para criar uma nova mentalidade no Brasil, certo e seguro de que uma Pátria — como ele dizia — se constrói devagar e com firmeza, sem nunca dei-

xar de crer nas imensas potencialidades do povo brasileiro, hoje deformado pelos maus exemplos, mas, amanhã, redimido pelas palavras e obras dos que devem ser seu modelo.

* * *

Ao escrever estas palavras sobre o autor de *A Quarta Humanidade*, não posso deixar de revelar o meu encontro intelectual com ele. Ainda era um jovem de 17 anos, e como todos os jovens da minha geração, não podia deixar de ser alvo das contradições do conflito que se travava na Europa e envolvia quase todos os continentes. O idealismo revolucionário, adornado com um certo romantismo de aventura, abrasava meu corpo e dispunha da minha alma. Estudava em Portugal, no Liceu Sá de Miranda, da cidade de Braga. Fui assistir à conferência que Plínio Salgado pronunciava naquela cidade, sobre a "Aliança do Sim e do Não". Impressionado pela clareza de sua mensagem, transmitidas por uma voz vibrante, até mesmo incendiária, numa linguagem expressiva e riquíssima, formulando novos caminhos com a linearidade de sua poderosa inteligência, iniciei, a partir desse dia, uma reflexão política que me afastou das fronteiras do marxismo, que clandestina e silenciosamente, começava a querer atravessar. A história desse final de guerra na Europa e dos dramas provocados pelas incoerências do Ocidente, foi fatal para a jovem geração que estava a entrar nas Universidades.

Depois desse encontro procurei livros do autor e descobri em seu discurso a fantástica lucidez de um pensamento que respondia a muitas das angústias que me mantinham em conflito interior.

A sua concepção do Estado e da Sociedade ligada à concepção do próprio Universo, resolvia-me muitas das dúvidas que encontrara, tanto na visão de Marx, que negava a finalidade do espírito e o valor ideal da concepção mística, como em Charles Maurras, para quem era suficiente mudar de instituições, para que os costumes e o homem se modificassem. Essa nova

humanidade que estava nascendo do caos e a necessidade de liberdade para compreendê-la, como anunciava Plínio Salgado, mobilizou a minha inteligência para entender o novo sentido da vida que era decorrente. Percebi, então, que não se tratava de encontrar novos rumos políticos, mas de algo mais profundo de que iriam depender os rumos políticos. Estávamos em 1945. O Integralismo Brasileiro havia sido destruído pela ditadura de Vargas anos antes, e, na Europa, a alinça do sim e do não comemorava a vitória, entre os destroços materiais e morais da Civilização Ocidental.

Percebi, então, que assistira, não ao fim de um conflito que opunha civilizações diferentes, mas a uma guerra civil dentro da Civilização Ocidental, enquanto os dois molossos, servidores de Mamom e que se odeiam, correndo por fora, assumiam a guarda e a liderança de uma Europa destruída e de um mundo reduzido à escravidão ideológica.

Assim como Alfredo Pimenta, mestre da cultura ocidental, Plínio Salgado sentia a contradição daquele momento histórico: se a guerra havia sido ganha pelos "aliados do sim", a vitória, realmente pertencia aos "aliados do não", os irreduzíveis inimigos do Ocidente cristão: o capitalismo e o comunismo. O materialismo econômico iria dominar o mundo, onde havia apenas dois vencedores: a URSS e os Estados Unidos.

A minha geração vivia a perturbante e contraditória solidariedade com a vitória que, hipocritamente, se declarava horrorizada diante da cruz gamada e, no entanto, colocava e agitava sobre as nossas cabeças a bandeira vermelha imperialista e agressiva da Foice e do Martelo. Perturbava-nos uma vitória, que se dizia defensora dos Direitos da Pessoa Humana e, no entanto, espezinhava ou consentia no espezinhamento dos mais sagrados direitos dos homens.

A palavra de Plínio Salgado, na cidade de Braga, foi o encontro de uma geração — a minha — mergulhada na confusão e na incerteza, incapaz de definir a época que começava a viver, com a anunciação de uma nova Era humana, a qual, segundo o grande mestre, apresentava uma notável semelhança

com o período longo e crepuscular da formação dos primeiros núcleos sociais.

A sugestiva impressão que nos envolvera de que a história caminhava vertiginosamente para a meta da utopia prometida pela Revolução Francesa e revelada pela Revolução Russa de 1917, chocara-se com as contradições ideológicas e sociológicas do "status" sócio-político do conflito e do "post-guerra".

A visão cósmica do Estado e da Sociedade, enunciada por Plínio Salgado, segundo a qual é no sentido das finalidades humanas que se origina o pensamento da organização social, conduzia-nos a novas reflexões e à esperança de encontrar outro caminho, outra revolução, longe da violência que não conduzia a coisa alguma.

A sua esclarecida e culta visão da história das nações e das razões políticas que as movimentavam, anunciava-nos que o conflito entre a revolução e a contra-revolução iria evoluir e apresentar uma novidade que surpreenderia as instituições tradicionais e os próprios intelectuais da esquerda: a partir da guerra de 39-45, o conflito entre revolução e contra-revolução, configurava-se num campo de batalha que não seria mais estritamente político. O conflito iria travar-se, desde então, num campo de batalha cultural, ou, como Plínio Salgado dizia, num campo de batalha espiritual, em cuja opinião, é acompanhado 30 anos depois por Thomas Molnar, em seu livro "The Counter-Revolution".

Parte da geração portuguesa do "post-guerra" foi alertada, na leitura da obra de Plínio Salgado, para o dilema que, segundo o autor da "Aliança do Sim e do Não", nos era colocado: nas circunstâncias em que se debatia e debate o mundo, na confusão caótica do embate das ideologias e dos sentimentos, só poderia prever-se que a ordem ou se viria a fixar na vitória do que Moscovo corporiza, ou no domínio do que corporiza Roma.

Ao contrário daqueles que, precipitadamente, fazem crer que o pensamento de Plínio Salgado se esgotou, política e culturalmente, com a extinção do Integralismo Brasileiro, a sua

obra sociológica, filosófica e política, constitui, quanto a nós, uma fonte rica, dinâmica e atual de pontos de vista sobre os problemas brasileiros e um valiosíssimo manancial de recursos para soluções das crises, cuja natureza é idêntica a décadas e, por ele, desde há muito, identificadas.

Rer e refletir sobre o espectro de sua obra é reencontrar, no plano nacional, o Brasil de 1986, com os mesmos problemas e as mesmas chagas, denunciadas por Plínio, em toda a sua vida de ação política e social. A única diferença, ao longo destes anos, é a ausência de sua palavra e de sua pessoa. O País, entretanto, buscou soluções. Estéreis umas, sem autenticidade outras, por carência de identidade com a realidade brasileira. Os seus problemas cresceram e suas chagas culturais, sociais e econômicas se agravaram, acentuando-se os graves conflitos que minam e enfraquecem a sociedade brasileira, apesar da visível evolução tecnológica e econômica de certos setores e do crescimento industrial, a ponto de existirem áreas ameaçadas ou em evidente rotura social. Refletir, no plano nacional, desapaixonadamente, sobre o pensamento doutrinário do autor de "Reconstrução do Homem", seria contribuir para a colocação do Brasil, em corpo inteiro, num quadro de desequilíbrios congênitos, uns e conjunturais, outros, para definir as propostas de restauração, em termos de fidelidade às autênticas aspirações do povo brasileiro, de acordo com os diferentes setores de atividades em que se distribui profissionalmente a população.

No plano internacional, a atualidade de seu pensamento é ainda mais evidente. Na síntese de Thomas Molnar, em "The Counter-Revolution", editado em 1980, o ensaísta político esboça o quadro da época em que vivemos. Diz-nos o autor, que nestes últimos dois séculos, os revolucionários conseguiram cobrir o mundo com uma capa de idéias falsas. O mundo vive, por consequência, um permanente estado de conflito entre essas idéias e a realidade, que incessantemente as rejeita, se revolta contra elas e as desafia. A sociedade industrial — realidade em alguns países, simples esperança na maioria — parece ser política e ideologicamente neutra, dado que sua principal ambição

é a produção de massa que vai equilibrar o consumo de massa, fórmula contemporânea do bem-estar material. Um outro fator, não ideológico, seria a burocracia de massa, que se “antevê” poder coordenar as diferentes funções assumidas pelo Estado, incluindo a arbitragem, visto o dinamismo de uma tal sociedade provocar conflitos permanentes.

No entanto, mesmo se a sociedade, organizada em vista a objetivos industriais, proclama a neutralidade ideológica, a sua orientação revolucionária permanece essencialmente inalterada. Os meios, graças aos quais progride, na opinião de Molnar, são, indubitavelmente, de natureza tecnológica, mas a interpretação filosófica da empresa tecnológico-industrial, no seu conjunto, é de fato revolucionária, porque será em nome de um domínio sobre o universo e sobre o destino humano, inspirado pela mitologia do fausto, que se reclama o aumento do bem-estar.

Tudo isto acontece, pelo fato de, cada vez que determinado extrato social atinge mais elevado nível de vida, os revolucionários se apressam a denunciar a sua “rígida mentalidade burguesa e conservadora” e lançarem contra ele novos “missionários em nome do progresso, da justiça e, mais habitualmente, em nome do “movimento”. Molnar ilustra este retrato do mundo, dizendo que se os “Kulaks” da União Soviética, ou as novas classes médias da América do Sul, tiverem acesso à prosperidade e, por consequência, à tranquilidade política, serão objeto de acusações e sarcasmos que podem se transformar em atos de violência selvagem, caso os “revolucionários” possuam um poder exclusivo ou suficientemente forte. Em conclusão, o bem-estar não passa de um “slogan”. O que os revolucionários realmente procuram é a “revolução permanente” ou, para empregar uma expressão mais sofisticada, a “revolução dentro da revolução”.

Em resumo, a neutralidade política e as satisfações sociais da sociedade industrial do “post-guerra” não passam de aparências. Por detrás dela e de suas preocupações prioritárias oficiais, descobre-se o espírito revolucionário de 1789 e, desde então, constantemente reforçado. O espírito revolucionário não

ameaça diretamente a razão de ser da sociedade industrial, cuja essência é como diz Molnar, “alimentada pelo fausto”.

Muito pelo contrário, o centro da batalha deslocou-se para o campo espiritual, gravemente desgastado no decurso dos dois últimos séculos. Por um lado, os revolucionários favorecem a sociedade industrial, porque a sua abertura intelectual e os seus valores materiais podem destruir os bens espirituais do homem. Por outro lado, vêem na prosperidade e na organização industrial o domínio por excelência do que Heidegger chama “inautêntico”, e os marxistas classificam de “alienante”. Desta forma, a sociedade industrial é simultaneamente encorajada e condenada — em ambos os casos por razões erradas.

A posição dos contra-revolucionários, nesta situação, é a de passageiros atados e amordaçados, viajando num trem que não pudessem frear nem abandonar, embora o sintam dirigir-se a crescente velocidade para o precipício. A despeito dos sinais de alarme e da catástrofe previsível, o maquinista louco continua a alimentar a máquina já sobreaquecida.

Jean-Richard Bloch, historiador francês, numa referência a este final do século XX, afirma em tom dramático, sem contudo deixar de ser realista, que a era das guerras de religião é a nossa, “raça contra raça, continente contra continente, filosofia contra filosofia”. Na verdade, estas guerras são mais cruéis e impiedosas que as guerras tradicionais entre as nações. E Jean-Richard Bloch conclui que “presenciamos hoje uma guerra civil à escala mundial”.

Por todos os continentes sopram os ventos da violência, se generalizam os gestos de banditismo, e as conquistas do direito internacional para dirimir as relações e o comportamento das comunidades nacionais no plano internacional são feridas, desrespeitadas em sucessão de atos ostensivos, em nome de qualquer bandeira.

Ano após ano, consoante instituições e comunidades havidas por encarnações da moderação, da prudência e da razão, se lançam na refrega como participantes insensatas, o potencial de violência e crueldade aumenta, porquanto o número dos que

acreditam poder alcançar a utopia cresce cada vez mais. Como esta esperança é continuamente frustrada e, ao mesmo tempo, também, reavivada, as chamas da fogueira sobem cada vez mais. O jogo permanente das promessas e das decepções, das promessas selvagens e ensandecedoras e das decepções profundas, vai deformando, gradualmente, a realidade, fazendo com que comece a ser considerada mero campo de poder ou de ausência dele, o que estimula um crescente e irresistível desejo de poder.

O fim desta lógica revolucionária, embuida da dialética hegeliana, reside na justificação de um domínio total de todos os homens. E esse domínio assume duas formas que correspondem às duas escolhas que foram autorizadas pelos dois vencedores do último conflito mundial e pelo empenhamento ideológico dos revolucionários: liberal, no espírito de 1789, ou coletivista, segundo Hegel.

Ambas as formas produzem anarquia e utopismo, pois a primeira desorganiza as sociedades em nome de uma liberdade impossível, e a segunda suprime as liberdades em nome de uma comunidade irrealizável. O mundo que nos legaram, o mundo "post-1945", é uma mistura das duas formas: onde domina o comunismo, foram suprimidas as liberdades, e a comunidade é apenas uma mistificação; onde reina a democracia, as comunidades vão-se dissolvendo em nome de uma liberdade também mistificante.

E Thomaz Molnar, dezenas de anos depois de Plinio Salgado tê-lo mostrado em seus estudos, conclui, também, que só poderemos perceber a natureza unitária da dominação ideológica sob a qual vivemos, se compreendermos que essas duas formas de poder pertencem à mesma ideologia revolucionária.

Exemplos numerosos do crescimento de conflitos violentos entre os preconceitos ideológicos que invadem as mentalidades do nosso tempo e a indomável realidade, estão todos os dias no noticiário dos jornais, vindos do mundo inteiro e até do nosso Brasil. Porém, um conhecido revolucionário, Ignazio Silone, exemplificava o que dizemos, observando, num artigo intitulado

"Repensar o Progresso", que a ciência e a "democracia econômica", embora suavizando muitos sofrimentos, não produziram "uma reforma correspondente dos padrões da conduta do homem (...), um novo tipo de cidadão, dotado de qualidades mentais e morais muito mais desenvolvidas que outrora (...). Em resumo: os profetas da emancipação social não tinham contado com o velho Adão".

Por outras palavras, a criação de um novo Homem (a "Reconstrução do Homem"), mesmo na perspectiva algo nostálgica e saudosa de Silone, deveria ser um projeto inseparável da revolução econômica e científica do nosso tempo, sob pena de se frustrar o sonho reformista do mito revolucionário.

Outro escritor, Jean-Marie Domenach, em seu livro "Le Retour du Tragique", fornece-nos mais um exemplo da falência dos modelos ideológicos impostos nestes últimos cinquenta anos. Segundo ele, a utilização de métodos degradantes, como a tortura e o assassinio político, passaram da Rússia bolchevista à Alemanha hitleriana, e daí à França e à Itália libertadas, e depois à Argélia independente, aos novos países africanos, à Indonésia independente, ao Camboja, aos Laos, etc... As doutrinas, segundo ele, cansam-se para explicar essas "transmissões". Aqui, aparece a afirmação de que a crueldade não é parte integrante da natureza humana, mas questão dos regimes e das doutrinas que defendem.

Na verdade, não há como imaginar que a crença numa mensagem política qualquer, incorporada a um manifesto nacional ou ideológico, poderá impedir as paixões, a sede de vingança ou a crueldade ou ainda as imperfeições da natureza. No entanto, há mais de meio século o mundo vive neste quadro, sob o impacto de "slogans" do tipo "liberdade, igualdade, fraternidade", "segurança e democracia", "transição pacífica para o socialismo", "socialismo de rosto humano" e outros de gênero.

Assistimos apenas a um fato social e político, que pela repetição constante nestes processos se configura como lei social: uma falência política cada vez mais evidente torna inevitável o terror cultural.

A revolução é uma atitude essencialmente negativa, e na melhor das hipóteses, crítica, e jamais será um princípio de organização e nunca poderá estabilizar o estado de agitação permanente que provoca e de que se alimenta.

* * *

A atualidade do pensamento de Plínio Salgado evidencia-se, assim, no quadro deste final de século em crise, que acabamos de descrever. Nas páginas da "Reconstrução do Homem", ele nos fala da crise da civilização ocidental, que estremece em seus alicerces porque é uma civilização puramente técnica e baseada no individualismo, que "exclui toda a consideração do homem integral", ou, como ele sublinha, "do Homem, pois esta palavra tem perdido de tal forma o seu sentido que necessita ser adjetivada". Para ele, vivemos numa civilização essencialmente técnica, que se preocupa apenas com uma das faces da personalidade do Homem, excluindo todos os outros aspectos, como os culturais; não concernentes ao objeto da preparação especializada.

Desta forma, diz Plínio Salgado, esta civilização "fabrica em série todos os tipos de profissionais — médicos, engenheiros, economistas, arquitetos, advogados, etc. — mas não constrói homens. A sociedade está doente, desorganiza-se e agoniza, porque os homens, elemento constitutivo básico da sociedade, desapareceram da face da Terra. Em vez de homens, temos profissionais e estes nada sabem sobre o Homem, de sua origem, de sua natureza, do seu destino, das suas justas aspirações materiais, intelectuais e morais, dos seus deveres e dos seus direitos". E conclui de forma incisiva: "Sendo uma civilização individualista, prepara o mundo para o coletivismo, isto é, para a anulação total da personalidade humana. E a matéria-prima no coletivismo é a massa, e não o povo, pois a massa é um conjunto informe de indivíduos, enquanto o povo é um conjunto de pessoas, independentes e harmoniosamente dispostas, executando suas atividades próprias, todas tendentes àquele objetivo do Bem Comum, que a cada componente da associação hu-

mana particularmente favorece, no sentido de alcançar o seu próprio objetivo".

Nestas páginas, encontramos a preciosa e atualizada análise das comunidades contemporâneas, das quais o Homem desapareceu, para encontrarmos em seu lugar "as multidões de indivíduos" ou apenas "partes do Homem, sombras, espectros do Homem".

Acima de todos estes "fantasmas delirantes", ele via a "Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem".

Neste seu ensaio filosófico e sociológico, responde o autor de *Vida de Jesus* aos que pensam ter-se esgotado a atualidade de seu pensamento e ainda responde, com uma antecipação de 20 anos, à inquietante frustração do revolucionário Ignazio Silas pela falha dos profetas da emancipação social que não contaram com o velho Adão e se esqueceram de criar um novo tipo de cidadão.

Reconstruir o Homem, conduzi-lo a reconquistar-se, para que se refaça e venha ocupar o lugar que lhe pertence na organização social e no Estado. E essa cruzada terá de partir da autêntica Universidade, que terá de produzir não apenas profissionais, mas Homens. Esta é, segundo Plínio, a grande Cruzada dos tempos modernos e pela dimensão e objeto da missão será a tarefa das novas gerações contestadoras do mercantilismo que envolve o ensino no Brasil e no mundo. Este será um dos pontos de encontro do pensamento de Plínio com as novas gerações, um dos setores sociais que evidencia roturas graves neste País e que exige atenção, esforços, idealismo e juventude.

O sonho da sociedade do bem-estar, debatendo-se em suas contradições de origem ideológica, não sabe como superar os erros do nosso tempo e combater o comunismo porque não vislumbra as causas. Em consequência, de nada valem os planos econômicos, os pactos internacionais, a fatura de normas legais internas, as brigadas anti-terror e contra a desordem, se o mal do mundo, afirma Plínio, não está no comunismo, nem na anar-

quia social reinante, “mas na mais terrível das ausências, que é a ausência do Homem sobre a Terra”.

Em relação à angústia de Jean-Marie Domenach, escritor esquerdista, perplexo perante à violência e à tortura contra a humanidade, espalhada pelo mundo e tida até então como filha exclusiva do nazismo, as novas gerações podem atentar na utilização dos mitos e manipulações ideológicas com que se manobra a sociedade de massas em que vivemos, conduzindo-a para uma paranóia coletiva, levada ao extremo do irracionalismo violento e ignorante.

Será inútil todo o esforço humano, diz Plínio Salgado, tendente a inviabilizar estes perigos, se não analisarmos a autêntica questão: oferecendo um sentido espiritual, uma direção para Deus, a todas as tarefas, quer dos cientistas, quer dos estadistas, em suas atividades criadoras.

Corroborando ainda a atualidade do pensamento de Plínio Salgado, lembramos a radiografia magistral de Jacques Ellul à sociedade industrial na obra “Changer de Révolution”, publicada em 1982, pelas Editions Seuil.

Afirma-no este autor, anteriormente um paladino da sonhada Utopia, que somente a revolução de Deus em Jesus Cristo, poderia fornecer ao mesmo tempo a alavanca e o ponto de apoio para a verdadeira revolução e que o Homem Cristão será o único a poder constituir-se em alavanca dessa revolução.

Porém, em 1957, Plínio Salgado já antecipara a reconstrução do Homem como a necessária alavanca e ponto de apoio para uma autêntica mudança revolucionária, preconizando a recondução do Homem ao esplendor das Harmonias Divinas, em que ele exerce a sua integral soberania, impondo a força dos valores morais onde pretendem imperar as forças bárbaras e desconexas dos valores materiais em conflitante desordem.

Em Plínio Salgado, a “Revolução deixa de ser a desordem individualista, classista ou partidária, para ser o direito do espírito de intervir no desenvolvimento das forças materiais da sociedade, recompondo equilíbrios segundo um pensamento de justiça”.

A verdadeira revolução será aquela que concebe “o Homem como uma criatura de Deus e a Nação e o Estado como criaturas do Homem. A ciência não é renegada, mas passa a ser a servidora do Homem, em vez de ser o tirano que o subjuga”.

Esta é uma das evidências da atualidade e permanência do pensamento filosófico e político de Plínio Salgado.

Jacques Ellul reconhece, 50 anos depois do autor da *Quarta Humanidade*, a falência de todas as revoluções que em nosso século pretenderam libertar o homem de sua condição proletária. Para ele, o socialismo moderno também não fornece ao homem uma via não-utópica e plenamente humana, enquanto a Ciência nos retém na outra margem. É ainda ele que percorrendo, dezenas de anos depois, o diagnóstico feito por Plínio Salgado, afirma decepcionado: “Não há mais moral. Os valores de nossa sociedade ocidental foram, com justeza, recusados há meio século. As outras sociedades não têm valores morais ou religiosos susceptíveis de nos guiar neste drama em que somente, no momento, o Ocidente está empenhado”. Finalmente, Jacques Ellul, tal como o autor da “Quarta Humanidade”, apela para a necessidade “de uma alavanca extremamente poderosa (motivações suficientes para todo o risco) e de um ponto de apoio imutável”.

O Mestre de Brasilidade havia feito a pergunta e dado a resposta há cinquenta anos atrás: “Como restaurar o teor saudável da vida pessoal de cada um, se não encararmos de frente e resolvidos a solucioná-lo o problema do Espírito, ou melhor, o problema da Alma do Homem”? Para ele, o problema do mundo, hoje, é, antes de tudo, espiritual, religioso, e se alguma coisa poderá ainda salvar a Humanidade neste instante é o amor, a bondade, a misericórdia, a paz do espírito”. É o ponto de apoio imutável, a alavanca extremamente poderosa, capaz de produzir motivações suficientes para suportar todos os riscos de que nos fala, hoje, Jacques Ellul em “Changer de Révolution”.

* * *

A atualidade do pensamento de Plínio Salgado decorre ainda da solidez de sua obra, alicerçada em estudo sério e profundo sobre o Homem, as Nações, o Universo e Deus e na meticulosa e consciente pesquisa das raízes históricas e culturais da nação brasileira.

Desse meticoloso estudo do pensamento científico e cultural que envolveu e influenciou outros países e parte da sociedade brasileira, resultou a sólida análise pliniana dos problemas nacionais. Radica-se no rigor do estudo pluridisciplinar a que procedeu, a sensação de atualidade profética, emanada, ainda hoje, da leitura de suas obras. Ainda hoje, também, quando vemos afirmado por ministros, empresários e setores do público, a necessidade de moralizar a vida econômica e financeira do País, quando lemos o noticiário chocante da criminalidade, de todos os níveis sociais que assola a sociedade brasileira, quando lemos e escutamos as palavras contraditórias e surpreendentes de certos teólogos, quando vemos o deprimente quadro da miséria econômica e social instalado na vida das nossas, outrora harmoniosas cidades, quando assistimos à massificação do uso de tóxicos e às dependências angustiadas e deprimente exibição de riqueza inútil de certos setores da sociedade, bem como a adoção mítica de símbolos e valores, como padrões de discriminação social, reencontramos a atualidade da análise pliniana, e a permanência justificada de seu pensamento.

Suas advertências e postulações eram corretas, e tudo evidencia que a única diferença existente, entre a sua época e a de hoje, é o avolumar de problemas com origem nas causas por ele já denunciadas.

A diferença entre Plínio Salgado e os novos Messias, diz-nos que ele fez o diagnóstico, previu o agravamento da doença, se, ao Homem brasileiro não fosse dada especial atenção, centro nevralgico de seu ideário, mobilizado e integrado num movimento de reconstrução de uma sociedade mais justa; enquanto os novos Messias, ou nos anunciam o ódio, a violência, a tortura e a morte com soluções totalitárias ou preconizam projetos conciliatórios, de efeito temporário, sem resolver as causas, as quais permanecem alimentando as crises. O Homem,

como centro das preocupações, como destinatário das soluções exigidas, é esquecido, ignorado e reduzido a uma expressão meramente física e temporal, apenas com um destino biológico, circunscrito ao âmbito da Terra.

Na perspectiva pliniana, o Homem é a síntese substancial, o ser nacional onde se integram os fenômenos. Ele constrói seu edifício doutrinário a partir de uma concepção espiritualista do Universo e do Homem e acredita no destino sobrenatural deste. Por consequência ele aceita o primórdio e a prevalência do Espírito sobre a Matéria, isto é, a superação dos valores da Alma em relação às contingências do Corpo.

Da análise pliniana, resulta a crítica às diferentes visões do Homem, que ainda hoje informam a vida quotidiana de diversas sociedades políticas que comandam o planeta Terra.

Quer na expectativa marxista, onde o homem é apenas uma realidade econômica, quer na visão das democracias agnósticas, considerando-o uma realidade política, ou nas correntes "freudianas", que visualizam o homem pansexualista e onde só identificaram as realidades do prazer sensual, quer ainda na perspectiva de Nietzsche com seu Super-Homem dotado de impulsos violentos, passando pelo homem-raça de Gobineau, ou pelo bom selvagem de Rousseau e ainda pela visão exclusivista de Hobbes, que somente via no homem a maldade natural, Plínio detectava o parcialismo das concepções sobre o ser humano. A essas visões mutiladas do Homem, Plínio atribuía a origem de um conjunto de soluções deformadas que gerariam os maiores inimigos do Homem: o Estatismo e o Liberalismo, ou seja, a autoridade sem limites e a liberdade sem freios, dispostas a sacrificar o que mais importante existe no ser humano: a dignidade de sua pessoa.

Na análise de Plínio, o Homem é uma expressão de liberdade, com direitos naturais na esfera de suas legítimas aspirações materiais, intelectuais e espirituais. Na análise pliniana, o mais importante, ou melhor, o essencial e indispensável, é criar as condições para a realização efetiva da Liberdade. A Plínio, como ele próprio escreveu, repugnava-lhe a idéia de um Estado Totalitário, tendo-se a si próprio como fim: ele sonhava im-

plantar um Estado constituído de Homens integrados, com dignidades asseguradas, realizado por coletividades esclarecidas, dotadas de elevação espiritual e de espírito de solidariedade. Como ele próprio afirmou, sonhava com um Brasil honesto, bom, inteligente, e dotado do superior sentido de equilíbrio que viesse a realizar a harmonia social perfeita.

* * *

A obra legada por Plínio Salgado não é de fácil acesso cultural, especialmente num país de memória curta e de ensino horizontal.

A análise folclórica sobre sua personalidade e obra, até hoje processada, no Brasil, tem fins ideológicos dissimulados e pouco sérios ou então é o resultado de leituras apressadas feitas por ensaístas culturalmente despreparados.

Num país com vocação para o culto de falsos ídolos e de mitos de meteórica existência, com dificuldades de leitura séria, e com uma informação vocacionada para o sensacionalismo imediatista, falta de fôlego, o ânimo e o interesse cultural para conhecer toda a extensão da verdade.

A necessidade de ganhar o pão nosso de cada dia com relativa estabilidade, conduz muitos a omitir a verdade, enquanto outros, engajados ideologicamente, não fazem mais do que silenciá-la. Há, porém, um terceiro grupo, que patrulha ideologicamente todos os meios de informação que possam revelar essa verdade, não hesitando em escamoteá-la, ou dificultando-lhe o acesso com freqüência.

A propósito do silêncio sobre Plínio e da ação desinformadora desenvolvida por quaisquer grupos, recordo também a tese de Thomas Molnar em "The Counter-Révolution", sobre o fracasso geral da contra-revolução. Segundo ele, o pensamento contra-revolucionário tem falhado regularmente, não por qualquer fraqueza intrínseca da posição ou da filosofia defendida, mas porque os contra-revolucionários se têm revelado incapazes de utilizar a fundo os métodos modernos, como organização, "slogans", partidos políticos, meios de comunicação, "marketing", publicidade e relações públicas.

Na verdade, o processo publicitário foi abandonado aos "media" revolucionários, de tal modo que os contra-revolucionários, habitualmente, surgem a uma luz desfavorável quando, ao menos, conseguem fazer-se conhecer. Resulta deste processo de apatia desinteressada, que o homem da rua, mesmo quando não está comprometido com nenhuma causa, é portador de um "mecanismo" que lhe dita reações simpáticas aos heróis e às causas revolucionárias e um sentimento de estranheza ou relutância perante as causas contra-revolucionárias. Por outro lado, os meios de comunicação contra-revolucionários, quando existem, pouco ou nada fazem para corrigir essa atitude inicial do homem da rua, entretanto, permanentemente reforçada pela influência contínua de propaganda da esquerda.

Acrescenta-se a esta situação o fato de os contra-revolucionários se dirigirem essencialmente aos já convertidos, cujo número pode ser importante e até representar a maioria, mas não vai aumentar após esse primeiro contato.

Finalmente, o público contra-revolucionário é, em geral, "estático", não sentindo necessidade ou possibilidade de maior expansão, quer pelo conhecimento, pela mobilidade ou pelas conquistas das instituições: a ele, basta-lhe ter assegurado que as suas opiniões são justas. Os contra-revolucionários lêem os seus próprios jornais e livros para aí verem refletir-se as suas próprias convicções e também para confirmarem a existência de outras pessoas que comungam nos mesmos ideais.

Esta atitude não prevalece apenas entre os contra-revolucionários de uma Europa ativíssima no plano ideológico, mas também no Brasil, onde os "resistentes" não se mostram hoje capazes de articular princípios em termos filosóficos na defesa de seus pontos de vista, dando a impressão de serem conduzidos por motivos sórdidos.

Na arena política, colocamo-nos numa posição de expectativa aguardando que os acontecimentos persuadam a população e os eleitores a aderir à nossa causa. Somos incapazes de os persuadir em períodos de calma e normalidade porque não fazemos esforços sérios nesse sentido e ainda deixamos o campo livre aos meios de propaganda revolucionários. Assim,

surgindo a crise política, não dispomos de qualquer grupo organizado e experimentado, mas apenas de massas unidas pelas circunstâncias, invertebradas, clamando ansiosamente por imediata proteção contra a agressão ideológica e a anarquia.

—oOo—

Neste momento, em que a obra de Plínio Salgado está sendo reeditada, pelo esforço e sacrifício da editora "Voz do Oeste", parece-me que, para além da sua divulgação, deveriam concentrar-se esforços na promoção de estudos sérios sobre a conjuntura brasileira e a atualidade dos princípios por ele expostos na defesa das soluções que mais interessam ao Brasil.

Devia pensar-se no acesso da juventude à sua obra, como preito à validade de sua doutrina e à formação de gerações que procuram respostas às suas inquietações. Devia utilizar-se o raro manancial doutrinário por ele produzido para elaborar as sínteses indispensáveis ao Brasil do ano 2000, a que não faltarão as mensagens revolucionárias de "massa" para definitivamente desviá-lo de suas raízes e da verdadeira missão de paz e de harmonia entre os povos do mundo que geo-politicamente lhe está reservado.

Não tem o Integralismo Brasileiro nem os Integralistas de que se envergonhar. Em nossa perspectiva, eles desempenharam um papel histórico na luta contra a penetração comunista no Brasil e contra o regime totalitário de Vargas. Vencidos pelo Estado Novo, nem por isso os seus ideais foram ultrapassados ou envelhecidos pelo tempo. Eles constituem, em sua essência doutrinária, um obstáculo ao materialismo histórico e ao domínio da economia sem finalidade ética, da política sem deveres, da sociedade sem ordem e da ciência sem alma.

Eles continuam sendo a esperança dos homens desarmados e desprotegidos, perplexos diante do enigma do seu destino.

A obra doutrinária de Plínio Salgado, está atualizada pela própria erosão das ideologias, frustradas pelo fracasso destes últimos quarenta anos de instabilidade e terror mundiais.

É necessário ter-se esperança e fé para sentir que a sua doutrina é uma esperança para um Povo corroído pela desilusão e abatido pela tristeza de sentir em sua estruturas vitais a influência perniciosa do materialismo que domina a nossa época; para as elites intelectuais e para as novas gerações de estudantes do Brasil que se afligem e desesperam na contemplação da decomposição da sociedade, da Universidade e do patrimônio cultural e material do País.

Para esses há que recordar-lhes que o pensamento político de Plínio Salgado foi indiscutivelmente a primeira tentativa programática séria e cristã, a nível nacional, com preocupações sociais.

Esse vanguardismo, não maçónico, não marxista, não positivista, não liberaloide, não individualista, provocou o pânico nos arraiais conservadores e burgueses daquela época e alertou os redutos das forças socialistas comprometidas com a violência da revolução da utopia.

A sua obra é um documento de profundas preocupações sociais. A inquietação humana que brota, ao longo de milhares de páginas de sua produção, é estruturalmente social, porquanto, como ele dizia, o homem vive em sociedade e se esta revelar mazelas, necessariamente o homem será afetado por elas.

A nossa missão perante as novas gerações será apenas a de revelar-lhes o "Grande Poema da Grande Pátria" de Plínio Salgado, e o retrato moral e intelectual do gigantesco apóstolo da paz fecunda entre os povos, da verdade, da justiça e da harmonia social; o corajoso preconizador do Homem Novo "liberto de vícios e deformações, sem o qual de nada valem regimes, reformas constitucionais, leis, planos de desenvolvimento econômico, financeiro ou administrativo."

As novas gerações, à nova Humanidade que desponta, será dada, então, a tarefa de criar novos padrões culturais, morais, jurídicos, políticos e administrativos. Elas irão criar novos modelos de relações sociais e econômicas. Será nessa esquina do futuro, já a ser dobrada, que se dará o encontro final com Plínio Salgado, na busca do seu protótipo de Esta-

do: o Estado que tem de salvar o homem do totalitarismo, do materialismo finalista, da ditadura plutocrática-democrática e das oligarquias políticas e financeiras. Aquele Estado que defende o indivíduo da Sociedade e a Sociedade do indivíduo. O Estado que se renova por si mesmo de acordo com as novas e crescentes necessidades da vida humana. O Estado que fundamente a sua origem na própria origem do Universo e do Homem. O Estado que obrigue a circular os lucros acumulados e retire da avareza internacional a concentração dos bens de capital e o poder nefasto que exerce sobre todos os governantes do mundo e seus povos, causa do seu endividamento e crises econômicas-sociais.

Este Estado, teorizado por Plínio Salgado, é hoje, sem que muitos tenham consciência disso, a meta intuitiva e ansiosa das jovens gerações descompromissadas. Querem um Estado que se dirija para os fins superiores do Espírito, "integrando nas suas próprias forças todas as forças humanas superiores".

Esta identidade de propósitos e aspirações entre as novas gerações e o pensamento de Plínio Salgado, se bem que intuitiva e circunstancial, é cada vez mais perceptível e generalizada, na medida em que os jovens se revelam conscientes das manipulações a que estão sujeitos nas áreas culturais e políticas, pela imposição de valores, conceitos, linguagem e soluções.

Ruy Pereira e Alvim

Rio de Janeiro, maio de 1986.

* RUY PEREIRA E ALVIM (1928) — Nasceu em Santos (SP) a 15 de junho. Em 1930 mudou-se para Portugal, onde viveu até 1974, quando retornou ao Brasil. Bacharel e licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi diretor do jornal *Via Latina*. Jornalista, colaborou em vários jornais e revistas; correspondente no Brasil do diário *O Comércio do Porto*, de Portugal; membro da União Brasileira de Escritores. Atualmente é Assessor Técnico da Presidência da Embratur. Obras publicadas: *Revolução* (ensaio político); *Este Reino Foi Traído por Soldados* (poemas); diversos trabalhos profissionais em revistas especializadas.

PARTE I

DEPOIMENTOS

Antonio de Oliveira Coelho
Fernando de Aguiar
Francisco Elias de Tejada
Henrique Barrilaro Ruas
Hugo Rocha
Jacinto Ferreira
João Bigotte Chorão
João Maia
Joaquim Paço d'Arcos
Mário Saraiva
Pe. Moreira das Neves
Natércia Freire

A PERSONALIDADE DE PLÍNIO SALGADO

Antonio de Oliveira Coelho *

A figura literária de Plínio Salgado, não obstante algum sectarismo insidioso que nada explica porque só exprime uma concepção ideológica carregada de violências políticas e sociais, parece cobrar agora nova dimensão espiritual. Os tempos atuais, confusos e propagandísticos, em que as palavras tomam significados perigosos, recordam bastante aqueles que o romancista de *O Estrangeiro* viveu numa exaltação nacionalista, quando surgiu o movimento da *Ação Integralista*. Nessa altura tudo parecia perdido. Os internacionalismos, negadores da idéia da pátria, haviam conquistado larga audiência ao agitarem a bandeira do humanitarismo, expressão de certa fraseologia socializante. Plínio Salgado, que já tivera armas no modernismo brasileiro, ajudando-o a descobrir a realidade nacional, sente que o palavreado de Oswald de Andrade, carecente de formulações estéticas e sociológicas, não lhe define aquela ansiedade que já o trabalhava angustiosamente; pelo contrário, o manifesto de Oswald de Andrade, perspectiva-nos uma personalidade que não está segura do seu caminho, e que só se encontra, por consequência, num vago primitivismo anárquico e demolidor.

Essa atitude negativista, mais tarde reconhecida por Mário de Andrade num estudo sério e bem elaborado, provoca uma reação da parte de Plínio Salgado, agora acompanhado de Casiano Ricardo, Menotti del Picchia e de Cândido da Mota Filho, traduzida no panfleto *Verde-amarelismo* no qual se projeta ou tenta projetar uma variante nacionalista. O modernismo brasileiro procura, por intermédio do grupo de Plínio Salgado, uma profundidade e dinâmica construtiva que não se acha nos equívocos semânticos de Oswald de Andrade, voltado, na altura,

para uma esquerda de ressonâncias inteiramente européias. As palavras rebeldes de Andrade não refletiam os problemas básicos na nacionalidade porque postulavam problemas revolucionários que derivavam da revolução russa de outubro. O Brasil, que os modernistas haviam querido reconquistar, libertando-o da hegemonia da velha e caduca civilização ocidental, continuava, no entanto, aderido a esse antigo formulário. A revolta contra os parnasianos e simbolistas, imitadores de poetas passadistas, que, no dizer dos modernistas, tinham transformado a literatura brasileira numa simples cópia da sensibilidade européia, conduzia aos mesmos erros porque recolhia influências estranhas à sensibilidade brasileira. Os nomes de Verlaine e Samain, de Rodenbach e Mallarmé, tão admirados pelos simbolistas, desapareciam diante das novidades contidas nos poemas de Apollinaire, Cendrars e outros, complexos e confusos, criadores de mitos que o tempo se encarregou de aniquilar, porque representavam ou representaram apenas uma determinada fase da vida intelectual da Europa, sacudida de problemáticas de cariz decadente.

Plínio Salgado viu imediatamente o problema. À sua inteligência sutil desenhava-se logo o equacionamento da questão, que não era somente literária, porque transcendendo-a, se situava em parâmetros políticos. O jogo tornou-se claro na dicotomia: direitas e esquerdas. Daí o afastamento de Plínio Salgado, desligando-se dos antigos companheiros, para, juntamente com Cassiano, Cândido da Mota Filho e Menotti del Picchia, lançar o seu manifesto, no qual se proclamava ou divisava já uma consciência nacionalista, de temática cristã e democrática, que seria devidamente fundamentada nas suas subseqüentes obras. O Brasil passa a ser a constante da sua literatura, tanto a ficcionista como a especulativa ou ensaística, e em que o poeta e o pensador se unem para reagir aos internacionalismos epocais buscando, por isso mesmo, uma síntese que seja o retrato fiel da nacionalidade nas suas múltiplas facetas e contradições.

É esse retrato que ele nos vai dar nos romances, alguns dos quais, apesar das restrições impostas pela crítica esquerdi-

zante, marcam como as mais singulares e expressivas realizações romaneadas da década de vinte. Tanto *O Estrangeiro* como *O Esperado*, escritos numa linguagem viva e incisiva, são já os romances sociais mais explícitos daquele tempo, antecipando em alguns anos essa série interminável de novelas em que o político se sobrepunha à concepção artística. Plínio Salgado soube, porém, evitar o erro em que tantos caíram, malogrando, por conseguinte, algumas obras que poderiam significar muito no contexto renovador da literatura brasileira da contemporaneidade. Os romances de Plínio Salgado, sem embargo das limitações que lhe querem impor, adquirem hoje uma vibração subjetiva porque traduzem, não as inquietudes esteticistas dos modernistas, mas as realidades sociais desses tempos que, não obstante as mutações da humanidade, persistem como nuvem outoníca e crepuscular. O escritor ao escrevê-los, se ainda não venceu de todo o encantamento produzido pelas audácias modernistas, quanto ao sentimento, está, no entanto, a ponto de superá-las para se voltar para o novo ideário despertado pela nostalgia da pátria.

O nacionalista, visionário de uma nação recuperada na história e nas tradições, quer fazer desses romances os novos símbolos do futuro. Talvez não o tenha conseguido totalmente; mas algumas páginas, ricas de intensidade emocional e de aprofundamento psicológico e sociológico, ficam como das mais fortes e documentadas do artista, marcando igualmente uma quadra inovadora brasileira, truncada na respectiva evolução social. Ainda agora o romance *Trepandé*, escrito num momento crucial da humanidade, quando a segunda guerra pairava como densa borrasca, assume uma perspectiva nacional, abarca um pensamento construtivo que esteve presente sempre na sua inteligência de homem e de artista.

Mas Plínio Salgado não foi apenas o romancista profético de um tempo moribundo. Foi também um pensador e crítico, um analista vigoroso das problemáticas brasileiras, um ensaísta conhecedor da história e que, numa hora trágica, soube escrever estas palavras vibrantes pelo que contêm de verdade: "Um

povo que espera o Salvador e não dá um passo para se salvar, por si mesmo, é um povo destinado à escravidão e ao capricho do primeiro aventureiro". Certo. É que elas dão-nos a medida do homem, servindo também para fecho desta pequena imagem do artista sugerente que sentiu como poucos a sua grande Pátria, esse Brasil do futuro.

* ANTONIO DE OLIVEIRA COELHO (1909-1984) — Crítico literário português. Foi funcionário público. Colaborador de jornais e revistas de Lisboa e do Porto, não compilou nunca em livro os seus escritos.

PLINIO SALGADO, DE ONTEM PARA HOJE

*Fernando de Aguiar **

Conhecemo-nos em Lisboa, quando aqui fixou residência para o seu exílio político. E logo ficamos muito amigos, até pela nossa comunhão de idéias. Era um brasileiro de raízes implantadas numa nobreza de caráter, trazendo por sua portadora na alma a toda a nossa comum e enorme herança lusíada. Exilado por motivos políticos, nunca por nunca ser o ouvi malquistar-se por interesses que não fossem os seus de brasileiro, enquanto fora da sua Pátria, costumava dizer-se e sentir-se sempre e apenas como brasílico-luso. Por isso, em Portugal busca guarida por aqui achar-se como na Pátria de sua mesma Pátria, terra de avós comuns.

Como se sentiria ele hoje, a ser vivo, ao assistir a todo este desabar de quase mil anos de história que fica, que sobreviverá, apesar de tudo, à tão treta traição dos que fizeram o 25 de abril?

Era um brasileiro com alma de luso igual à do espírito lusitano que fizera o seu Brasil. E que ele tanto amava o Brasil demonstra-se com o fato de ali ter regressado logo que a política, melhor os políticos, lho consentiu. Mas nem amava menos Portugal, porquanto aqui tornou ainda para rever, pelo tempo que a sua vida lho permitia, às terras e aos homens de Portugal, aos verdadeiros amigos que por cá semeou a mãos cheias. A última vez que lhe falei foi mesmo em Portugal, há alguns anos, no Tivoli onde se hospedava.

Era um conversador de espírito franco. Mas o tema principal estava sempre na perenidade da sua alma lusíada. Certa vez, num cavaco amigo que então tivemos, brotou-lhe mesmo a idéia de escrever um livro, em edição monumental, a sair em

fascículos, sobre Portugal e a que se daria o título de a PÁTRIA DA MINHA PÁTRIA. E teria saído a não ter a Pro Domo terminado os seus dias e a não haver tido um enorme prejuízo com a publicação de uma outra obra em fascículos. Com a Pro Domo findou uma obra bastante meritória para o pensamento português. Perante a impossibilidade de editar-se a projetada obra, posto perante os avultosos prejuízos havidos e assumidos com a outra edição aos fascículos (que tivemos de terminar apesar de tudo), resolveu-se a saída de um livro onde Plínio nos desse a conhecer a evolução do seu pensamento. De aqui, esse admirável volume saído da coleção "Cultura Política" da Pro Domo, a sua excelente e curiosa *Madrugada do Espírito*, a propósito da qual escrevi um ensaiosito inserido no meu *Gente de casa*. Julgamos nada melhor para o seu *In Memoriam* do que traduzir para este lugar a pequena passagem do que ali dissemos a propósito de Plínio e da sua obra, sobretudo no que se refere à evolução do seu belo espírito, desse talento de um Homem que soube ser honradamente isento em política. Nada melhor para homenagear na morte aquele que em vida soube bem ser um amigo cuja saudade ainda perdura. O pensamento de Plínio acha-se efetivamente expresso, e bem expressivamente, neste livro que refiro e cuja crítica fizemos em tão descolorido ensaio.

Que sirva pois esta transcrição de nossa última homenagem à memória de um dos nossos melhores e mais queridos amigos — um brasílico tanto maior e mais patriota quanto se sentia Português por mercê de sua ancestralidade lusíada. Dizíamos no nosso *Gente de casa*:

"A *Madrugada do Espírito* resume, pois (e afinal) nas suas linhas, (todo) o processo de evolução do espírito de Plínio Salgado, até se acolher nele com os frutos magníficos da sua inteligência e alcançar-lhe assim o justo título na sua obra máxima com essa maravilhosamente brava e pura e tão humana *Vida de Jesus*. Ele mesmo (ora) se confessa no prefácio do livro onde junta aquilo que lhe pareceu mais expressivo do seu pensamento, (um) pensamento que "*vem de Cristo, e vai para o Cristo*".

"A sua vida peregrina, tão íntima que somente "*Aquele por Quem é e escreve a sabe inteiramente*" revela-se trilhando pelo caminho seguro que conduz o Homem à Única Verdade, onde a Vida é Sol Verdadeiro e a Morte continuação da Vida, princípio e fim no mesmo Espírito do Homem.

"*Madrugada do Espírito*, clarim anunciador de magnífica promessa repartida em pedacinhos de pão espiritual, cumpre a sua intenção vivificando as energias e ganhando as almas para a aurora esplendorosa desse Sol benfazejo e amigo, que nos clarões da Esperança se alimenta, iluminando o Futuro para além do acanhado horizonte terrestre e compondo e ajustando o Presente como presença real do Passado em fiança assegurada do Futuro".

"Por isso a Fé, em Plínio Salgado, alarga-se até se tocar na imensa dor do sofrimento humano, encerrando em si o bálsamo salvador a derramar a luz pela alma irrequieta do homem desta era de inquietação e desatino, usando da palavra de misericórdia e de certeza para Saúde e Vida do mesmo Homem. E (assim Plínio) com as luzes deste entendimento abre aos homens a estrada magnífica do enaltecimento da pessoa e fortalece-nos, em cada homem, com os dons do seu nascimento" em Cristo e por Cristo.

Porisso interpretou-se esta válida *Madrugada do Espírito* (como aliás toda sua obra de político e de homem) como o mais vasto tratado de filosofia política em que Plínio sabia-mente alia questões e assim toca em todos os mais apaixonantes temas e problemas por mais complexos, do seu mundo, com segura antevisão dos acontecimentos hoje patentes a nossos sentidos, e, onde o 25 de abril teria sido porventura aquele que maior desgosto de alma lhe daria. Toda a sua vida é uma lição máscula de uma inteligência plenamente rica para o fim último do Homem. Que Deus tenha em Sua Glória aquele que tanto O amou durante a sua passagem terrena!

* FERNANDO AGUIAR (1909-1978) — Professor e publicista português. Licenciado em Direito. Obras principais: *Na Agonia do Despotismo*, 1945; *Sob o signo da Confusão*, 1948; *Gente de casa*, 1948. Traduziu, de Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*.

PLÍNIO SALGADO NA TRADIÇÃO DO BRASIL

*Francisco Elias de Tejada **

(tradução de Gerardo Dantas Barreto)

1. Como me lembro de Plínio Salgado
2. A marcha do seu pensamento
3. A reação contra o mimetismo estrangeirizante
4. A idéia do Brasil
5. Homem da Contra-reforma
6. A Tradição brasileira
7. Teórico do tradicionalismo político
8. Apóstolo e profeta do Brasil

Sevilha, abril de 1977

1. Quando se vai aproximando de nós o final da nossa peregrinação terrena, é delicioso poder volver os olhos para os dias de ontem, a fim de recordar os fatos ou as pessoas que mais tenham influído em quem agora recorda os avatares da existência que se finda. Por isto, hoje constitui para mim especial deleite do espírito a memória daqueles já longínquos dias de 1942, nos quais, sobre o horizonte de um Portugal católico, ordenado, salazarista e ainda imperial, tive a sorte de tratar com aquele homem extraordinário que foi Plínio Salgado.

Muitos tem-no descrito fisicamente. Menotti del Picchia pinta-no-lo como um "caboclo enxuto, nervoso, formidável"⁽¹⁾. Godofredo Filho traça-nos seu perfil como de "figura serena e triste"⁽²⁾. Lembro-me dele na sua imagem de mediana estatura, magro, um punhado de nervos aguçados em penetrante inteligência, mãos frias e grandes, moreno, rosto afilado, olhos inquietos que desde longe falavam de quem vive vidas intelectuais recônditas, todo o corpo refletindo a densidade de uma alma grande, a julgar por seus constantes gestos de infinitos nervosismos; crescia ao falar, quando as palavras, saindo-lhe do fundo do pensamento, aureolavam a fragilidade do corpo com esse halo que circunda os profetas. Porque Plínio Salgado, mal se trocavam palavras com ele, aparecia como o profeta incandescente e sublime de seu povo, como a encarnação viva do Brasil melhor. Daí que a sua figura seja inolvidável e me permaneça na memória com a graça de haver conhecido em sua pessoa um dos homens mais geniais com quem em minha vida haja eu deparado. Quem visse Plínio

(1) No *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, de 22 de março de 1936.

(2) Em *A Tarde*, Salvador, Bahia, de 7 de outubro de 1933.

Salgado, uma só vez que fosse, não poderia esquecê-lo nunca mais; ele nascera dotado da graça alada da sugestão que arrasta. Uma das coisas pelas quais terei de dar sempre graças ao Senhor é haver-me Ele permitido conhecer, amar, admirar o profeta do Brasil que foi Plínio Salgado.

Conheci-o, ademais, em momentos de aguda desesperança, no tempo dos oito anos em que ele teve de ficar desterrado da sua pátria brasileira. Jamais houve alguém tão perseguido em toda a história do Brasil, diria ele mesmo no seu discurso de Porto Alegre⁽³⁾. Por não ter querido pactuar com a ditadura totalitária de Getúlio Vargas, por causa da sua firmeza de concepção cristã da vida, sobre seus ombros, frágeis ombros de caboclo forte, choveram calúnias, afrontas, injúrias, insultos de toda espécie. Porém Plínio soube suportá-los "penetrando na penumbra do subconsciente da raça", no dizer de Miguel Reale⁽⁴⁾. Após longuíssimo caminhar, encontrara ele a verdadeira essência do Brasil. Ele era o descobridor da pátria na mais apaixonante das façanhas descobridoras que tenham tido lugar no Brasil desde a época dos bandeirantes. A sua biografia é a biografia do seu povo. Nada se há escrito nem poderá escrever-se de mais certo sobre Plínio Salgado do que aquela asserção sua no pórtico de *Despertemos a Nação*: "O drama do meu povo apoderou-se de mim"⁽⁵⁾.

2. Nas veias de Plínio Salgado comungavam as variadas genealogias que forjaram a gente brasileira. Seu avô paterno, Manuel Esteves da Costa, era português, nascido em São Pedro do Sul, perto de Vizeu, emigrante para o Brasil em conseqüência da perseguição sofrida por causa das suas idéias miguelistas. Sua avó paterna, dona Maria Salgado César, provinha, de um lado, de estirpe portuguesa, e, de outro, do famoso bandeirante Manuel Preto, o conquistador de Guáíra. Seu avô materno, Antônio Leite Cortez, procedia de Castela. Sua avó

(3) PLÍNIO SALGADO: Discurso, São Paulo, Companhia Editora Panorama, 1947, pág. 82.

(4) Nas *Notas* editadas pela revista *Panorama* de S. Paulo, pág. 238.

(5) Rio de Janeiro, José Olympio, 1934, pág. 5.

materna, dona Mathilde Sophia Rennó, juntava sangue alemão com o daquele Pero Díaz que fôra guardião das chaves da cidade de S. Paulo nos dias da fundação. Na linhagem intelectual de Plínio Salgado repercutem várias e díspares procedências, presididas sempre pela tradição sentimental e humana daqueles miguelistas que eram a Tradição portuguesa autêntica frente à invasão liberal européia que ia destruir na península ibérica a própria substância do verdadeiro Portugal.

Nasceu Plínio Salgado em São Bento de Sapucaí, no Estado de São Paulo, no coração da serra da Mantiqueira, que traça o limite com Minas Gerais. Seus primeiros anos estão marcados da desorientação nas afeições políticas e nas leituras. Entusiasma-se ele com a atuação política do maçon Ruy Barbosa, de quem se desiludirá mais tarde quando, em *A quarta humanidade*, o tacha de superficial ao atingir sua maturidade intelectual⁽⁶⁾. Suas leituras moviam-se então na linha do positivismo predominante. Em 1918, é que a leitura do malogrado Jackson de Figueiredo o aproxima de posições espiritualistas, fundadas no conhecimento da filosofia de Raymundo Farias Britto. Acabava ele então de ler Spencer, e na descoberta do espiritualismo encontrou a sua estrada de Damasco.

A mudança de perspectiva em 1918 é decisiva. Nas *Notas* manuscritas que do próprio Plínio possuo, a mudança aparece como contraste entre positivismo e cristianismo. Apenas convertido ao espiritualismo, desemboca ele no catolicismo mais fervoroso. Mostra que, ao se aproximar de Cristo, repugna-lhe a visão positivista de Cristo exposta por Ernesto Renan. Dizem-no as notas literalmente: "Havia recentemente lido Renan, e agora começou a surgir no meu espírito um vago desejo: o de escrever uma Vida de Jesus, capaz de se contrapor à de Renan. Esta idéia viverá vinte anos no meu espírito, até um dia realizar-se"⁽⁷⁾.

(6) Rio de Janeiro, José Olympio, 1934, pág. 156.

(7) Guardo como Tesouro em minha biblioteca as *Notas* manuscritas que o próprio PLÍNIO SALGADO me entregou em 1949; porque não conheço nenhuma outra biografia sua tão serena, tão completa, tão humilde e tão autêntica. Possui todos os caracteres de uma confissão sincera.

Como homem de letras, a primeira repercussão teve lugar na literatura. Eis aqui como o próprio Plínio Salgado a descreve nas já aludidas notas: "O escritor que vai surgindo cada vez mais em Plínio Salgado pensa em publicar um livro que exprima a realidade da vida brasileira. Um dia, viaja ele pelo sertão da Estrada de Ferro Araraquarense, em companhia do Secretário do Interior do Estado de São Paulo, um dos homens mais eruditos do Brasil. Em Monte Aprazível, extremo da linha férrea nos sertões de Tietê, Plínio Salgado SENTE definitivamente o livro. Será um romance. Tortura-o, entretanto, a questão da forma em que deve vaziar essa obra de arte e de pensamento. Em 1922 Plínio tinha tomado parte na Semana de Arte moderna, presidida por Graça Aranha, e da qual fizeram parte numerosos escritores, poetas e artistas da nova geração. A ação revolucionária desse grupo não passara no entanto, até aquele momento, de uma atividade puramente teórica. Excepuando as tentativas dos pintores e de alguns poetas, nada mais se realizara que concretamente pudesse contrapor aos padrões clássicos da literatura brasileira um novo tipo de forma e estilo. De 1922 a 1924 o livro de Plínio Salgado vem sendo arquitetado no pensamento do autor. Escreve-o em 1925. Intitula-se *O Estrangeiro*. Ali palpitam os problemas da fusão das raças no Novo Mundo, das angústias do pensamento contemporâneo, da política nacional, e, de modo mais profundo, da própria espiritualidade brasileira em choque com o sentido materialista do século".

Não é possível descrever melhor a obra de Plínio Salgado do que como ele o fez nessas linhas. Em 1918 passa ele do materialismo para o espiritualismo, de Comte a Cristo, do positivismo ao cristianismo. A sua vocação de escritor egrégio impele-o à literatura, mas uma literatura a serviço dos ideais de um Brasil autêntico, e, porque autêntico, católico. *O Estrangeiro* foi para os críticos uma das cumiadas da literatura brasileira; mas, do ângulo em que aqui se analisa a obra pliniana, foi ele, também, a necessária análise sociológica da qual nascerá um pensamento robustíssimo, o mais brasileiro que dar-se possa. Muitos anotaram esse alcance sociológico: Virgínio Santa Rosa,

em *Personalidade de Plínio Salgado*⁽⁸⁾, Agripino Grieco⁽⁹⁾, Afrânio Peixoto⁽¹⁰⁾. Contributo de um sociólogo que estuda a situação de sua pátria para daí tirar conseqüências políticas. Com a sua agudeza característica, Jackson de Figueiredo apreendeu o que *O estrangeiro* significava; acima dos seus maravilhosos méritos literários, e além do finíssimo estudo sociológico, *O Estrangeiro* é todo um programa político; é "um livro de esperança e de fé" na pátria brasileira⁽¹¹⁾.

Nada o prova melhor do que as duas outras novelas que integram a magna trilogia sociológica necessária para a formulação do programa político. Como novelista, Plínio Salgado procura estabelecer a tábua dos males pátrios, aos quais, como político, logo procurará dar remédio. No prólogo da segunda edição de *O Esperado*, traçou ele os resultados de suas indagações sociológicas sob a cobertura literária. Com *O Estrangeiro*, intentou compreender as causas da crise, os dramas sociais, as comédias da política, a podridão dos chamados intelectuais, a pugna subterrânea entre comunismo e nacionalismo. Em *O Esperado* estabeleceu os efeitos do capitalismo internacional, chave para entender a luta entre materialismo e espiritualismo. Em *O Cavaleiro de Itararé*, baseado na lenda popular do fantasma dos sertões, apresenta-se o quadro das revoluções sangrentas e dos titeres políticos manejados por cordões invisíveis⁽¹²⁾. A trilogia novelística é o ponto de partida do pensador político, é a lista dos males do Brasil, é o negativo a emendar. O quadro pintado por Bauer em *O Esperado* constitui o retrato triste do Brasil enfermo que queima as carnes da sua alma de patriota⁽¹³⁾.

A participação de Plínio Salgado no movimento verde-amarelista em 1927 e no movimento da Anta em 1929, juntamente com as suas atividades políticas de deputado estadual

(8) Em *Notas*, 70.

(9) Em *A Manhã* do Rio de Janeiro, de 29 de dezembro de 1936.

(10) Em *Notas*, 273.

(11) Na *Gazeta de Notícias* de 1.º de dezembro de 1926.

(12) PLÍNIO SALGADO: *O Esperado*. Segunda edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, pág. 13.

(13) P. SALGADO: *O Esperado*, 260.

entre 1927 e 1930, são períodos de transição durante os quais vai-se perfilando o conjunto de suas idéias e aumentando os seus saberes no duplo plano do estudo das populações índias aborígenes e das doutrinas do marxismo. Para lhe arrematar as perspectivas faltava-lhe o conhecimento da Europa e da terra onde vivera Cristo, constante objeto de seus mais íntimos afãs. O ano de 1930 tem oportunidade de lhe completar a formação. Quando, a 4 de outubro, regressa à terra brasileira, está ele de posse de quanto necessita para empreender a missão de sua vida: brasilizar o Brasil. *O Esperado* em 1931 e *O Cavaleiro de Itararé* em 1933 são os últimos retoques iniciais. Os trezentos artigos publicados em *A Razão* entre 1931 e 1933 valem pelas primeiras mostras da sua esplêndida maturidade de pensador. O manifesto de 7 de outubro de 1932, em que lança a Ação Integralista Brasileira, abre a etapa em que ele manterá desfraldada a bandeira do Brasil verdadeiramente brasileiro, frente aos políticos mesquinhos, suportando calúnias e perseguições, exilado e proscrito, num sistema coerente de elaborado pensamento. Não tem razão Arnaldo Nicolau de Flue Gut em *Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro, na literatura brasileira*, ao opinar que em 1939 Plínio ainda carecia de um sistema homogêneo de princípios filosóficos⁽¹⁴⁾. Permite-se-me dissentir do juízo desse bom e velho amigo; o que sucede é que Plínio Salgado vai depurando e aclarando incessantemente o seu ideário; porém sempre em torno de umas linhas-mestras, cuja fixação será precisamente o objeto do presente estudo.

O que Plínio Salgado levanta desde a sua conversão intelectual em 1918 são duas colunas solidíssimas: Cristo e o Brasil. O que Plínio Salgado nega são os termos opostos, as idéias estrangeiras que corrompem o Brasil e repelem o reinado social de Jesus Cristo: o liberalismo e a democracia, os totalitarismos de todo gênero, a filosofia positivista, a herança do século XIX. O resultado será o Integralismo como ação, como volta à Tradição brasileira; por meta intelectual e política, a aproximação cada vez mais profunda, de Santo Tomás

(14) Speyer a. Rh., Pilger-Druckerei, 1940, pág. 64.

de Aquino. Existe na obra de Plínio Salgado uma lógica evidente. Verdade é que, ano após ano, vão ficando mais claras as suas idéias, quer aperfeiçoando conceitos, quer estabelecendo mais exatamente as suas posições; mas são exposições e esclarecimentos conservados sempre em torno daquelas duas temáticas centrais, de Cristo e da pátria brasileira. Com todos os defeitos que toda obra humana possui, e Plínio era um ser humano, a sua obra aparece majestática precisamente pelo que tem de coerente, pela lógica interna que anima o seu sistema, pela magnitude do pensamento que sabe elaborar uma teoria da Tradição brasileira com traços de granítico castelo, destinado a suscitar adesões para quem queira em tempos vindouros conhecer a substância do Brasil.

3. Elaborado no Brasil e para brasileiros, o sistema de Plínio Salgado nasce da contemplação das crises pátrias. O que o move em política é olhar a mediocridade da vida pública, onde os governantes se medem pela possibilidade de serem eleitos, e onde os partidos não têm outros ideais a não ser a partilha das prebendas inerentes ao exercício do poder⁽¹⁵⁾. Porém Plínio Salgado aprendeu, nos estudos profundos tão bem aproveitados pela sua grande inteligência, que o mal é muito mais antigo, que o mal do Brasil se revela desde quando, no século XVIII, a história brasileira foi torcida pelos mações europeizados do absolutismo importado da França, tanto em Portugal como no Brasil. "A história portuguesa, assim como a brasileira, foi falseada desde o reinado de D. João V até os nossos dias", lê-se em *O Rei dos reis*⁽¹⁶⁾.

Com o que, o posicionamento político presente atinge dimensões históricas mais amplas para colocar-se no dilema de Tradição pátria contra a europeização destruidora e inimiga. Linha de contraste que durará sob o Império, no qual o afrancesamento de uma burguesia que suplantou a nobreza em seu papel dirigente, conforme ele apontara em *O Cavaleiro de Ita-*

(15) P. SALGADO: *Despertemos a Nação*, 131.

(16) Lisboa, Pro Domo, 1945, pág. 158. Também nas págs. 167, 168.

raré⁽¹⁷⁾, é a nota peculiar de uma sociedade incolor e grosseira. A Elvirinha e a Nina, em *O Esperado*, são católicos à francesa, sem nada do catolicismo peculiar à gente do Brasil⁽¹⁸⁾; o Teodorico de *O Cavaleiro de Itararé* pensa em francês, e em francês fala⁽¹⁹⁾, versado na cultura francesa tanto como ignorante do que ao Brasil diz respeito⁽²⁰⁾. Figuras expressivas de novelas expressivas que, em *A quarta humanidade*, pululam em concordância perfeita com a teoria de que a crise do Brasil já é, no século XIX, a renegação da substância própria. As palavras de Plínio Salgado são o cabal diagnóstico das enfermidades pátrias: "Essa chusma de catedráticos, de poetas, de legisladores, de economistas, de técnicos financeiros, de jornalistas, de pintores e músicos, sempre teve em alta conta as consagrações das palmas colhidas nas salas de aluguel da Sorbonne, os dísticos em relevo dos institutos científicos estrangeiros, as cartas de Renan, as críticas das revistas francesas e as referências do *Times* sobre a honorabilidade nacional. Em literatura, esses títeres eram lacaios dos salões de Paris, e em finanças não passavam de capachos às portas dos bancos do Tâmisa. Em filosofia eram divulgadores medíocres da obra alheia, e em política eram uns sovados serviçais das democracias imperialistas manobradas por ocultas forças escravizadoras. Toda essa fauna, que pedia idéias a Comte, a Spencer e a Haeckel, como pedia figurinos a Jean Patou, chusma que imitava o cepticismo de Anatole e tomava emprestado o canivete com que Heredia entalhava seus sonetinhos, e furtava uns cinzentos de Carrière para compor uns versos à Samain e enternecer-se diante dos canais de Bruges, e transformava o chá com torradas em "five-o-clock-tea", para dizer paradoxos de Wilde e, mais tarde, as graçolas de Shaw, essa fauna imensa era apenas uma casca engelhada, que está caindo de podre. O isolamento da América do Sul foi completo, apesar dessa

(17) Terceira edição. São Paulo, Companhia Editora Panorama, 1948, pág. 24.

(18) P. SALGADO: *O Esperado*, 80.

(19) P. SALGADO: *O Cavaleiro de Itararé*, 30-31.

(20) P. SALGADO: *O Cavaleiro de Itararé*, 52.

gente cosmopolita. Não tomaram conhecimento da nossa existência"⁽²¹⁾.

Neste quadro ao vivo da desnacionalização do Brasil em tempos do Império, Plínio Salgado não alude ao máximo dos europeizados, ao próprio imperador Pedro II, sem dúvida por motivos de respeito. Porquanto o Império foi no Brasil redondamente inimigo da pátria; a confissão de afrancesamento, vergonhosa e repugnante confissão de afrancesamento, que consta da carta de Pedro II ao Conde de Gobineau, datada de 4 de abril de 1874⁽²²⁾, é o indício supremo de como o Império, burguês, maçonzado e europeizante, simbolizou a antítese daquilo que Plínio definiu como sendo a essência do Brasil.

Não menos estrangeirado que o Império será a República, pois o que ela trouxe foi "apenas a mudança de rótulos e de pessoas", conforme se diz em *O Cavaleiro de Itararé*⁽²³⁾. Não foi brasileira a República, e sim mero prolongamento dos mimetismos da França, "cuja origem é francesa e se embebe na revolução de 1789", como ele assegura no discurso de Porto Alegre⁽²⁴⁾. O Século XIX inteiro, sob o Império como igualmente à sombra da República, redonda em simples europeização bastarda. É a confusa torre de Babel de que ele fala em *A aliança do sim e do não*⁽²⁵⁾; confusionismo ideológico de onde manam os males que angustiam a vida brasileira no século XX, pois o século XIX foi a "vasta sementeira de ventos de que estamos agora colhendo as tempestades"⁽²⁶⁾; origens da "tremenda Babel dos dias que vivemos", repetirá ele ao prefaciá-la tradução portuguesa do *Pio IX* de Villefranche⁽²⁷⁾. Toda a obra de Plínio Salgado no seu afã de brasilizar o Brasil consistirá, por conseguinte, em repelir as ideologias estrangeiras, copiadas da Europa nos séculos XVIII e XIX. "Estamos fartos dos séculos

(21) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 181-182.

(22) Pode ver-se nas págs. 471-472 do livro de GEORGES RAE-DERS: *D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondência inédita)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

(23) P. SALGADO: *O Cavaleiro de Itararé*, 25.

(24) P. SALGADO: *Discursos*, 84.

(25) São Paulo, Presença, 1945, pág. 31.

(26) P. SALGADO: *A aliança do sim e do não*, 53.

(27) São Paulo, Panorama, 1948, pág. VIII.

XVIII e XIX, que insistem em viver no século XX", declara ele em *A aliança do sim e do não*, com frase que é justamente a chave do seu pensamento político.

Daí combater ele as duas frentes da europeização destruidora do Brasil: o absolutismo totalitário e o liberalismo democrático, opondo-lhes a verdade da Tradição brasileira.

4. A definição do Brasil como Tradição é o final de uma longa caminhada de pensador, percorrendo a qual Plínio Salgado, sem o menor apoio de precedente entre os seus contemporâneos, foi construindo como Tradição católica a concepção de sua pátria brasileira; tateando idéias várias primeiro, e como doutrina cabal nos anos do seu exílio português.

Em 1931, o negativo do espetáculo deslumbra-o, e foi preciso todo o ardor de sua fé patriótica para continuar crendo nos destinos do Brasil. Em *O Esperado*, o quadro que Bauer pintou, como igualmente as sinfonias de Evangelho Tupan, delatam um Brasil em crisol de futuros, uma nação ainda por fazer⁽²⁸⁾. Em meados dos anos Trinta, o Brasil ainda é para ele o enigma de um colapso geográfico, de cuja variedade nascerá o "tipo futuro" do brasileiro na *Geografia sentimental*⁽³⁰⁾, fruto de um "instinto que ainda não se cristalizou"⁽³¹⁾. Preponderância do fator geográfico que o impele a cingir o Brasil à luta do homem sobre o território em *Nosso Brasil*⁽³²⁾, e que ainda, em *Como nasceram as cidades do Brasil*, coloca o brasileiro nas gestas dos bandeirantes, conquistadores do solo que, em sua marcha, por onde passavam faziam nascer cidades⁽³³⁾. Nos dias de luta da Ação Integralista, talvez por influência do seu admirado Euclides da Cunha, e quiçá por sua própria condição de caboclo das idéias, Plínio Salgado identi-

(28) P. SALGADO: *A aliança do sim e do não*, 75.

(29) P. SALGADO: *O Esperado*, 260-268.

(30) Rio de Janeiro, José Olympio, 1937, pág. 49.

(31) P. SALGADO: *Geografia sentimental*, 63.

(32) Cito pela segunda edição. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco, 1947.

(33) Lisboa, Atica, 1946, pág. 101.

fica o Brasil com a terra e com o caboclo que a desbrava. O Zé Candinho de *O Estrangeiro* é a réplica patriótica e realista, vibrante e contundente, contra o urbanismo tarado de babélicas confusões⁽³⁴⁾; e, em *A quarta humanidade*, o Brasil será salvo quando o espírito do sertão penetrar nas cidades, quando triunfar sobre o confucionismo amorfo das urbes gigantescas, "o Brasil caboclo, o Brasil forte, o Brasil do sertão, o Brasil bárbaro e honesto"⁽³⁵⁾.

Era ele o poeta, todo olhos da alma, que descobria o Brasil na luta do homem com a terra, em concepção tão lírica como simplista. Não obstante isso, o fervor imenso do seu espírito arraigadamente cristão já o fazia vislumbrar que a vitória sobre o solo na ocasião suprema da epopéia bandeirante possuiu alcances mais profundos do que o do mero assenhoreamento da terra; que foi façanha cristã, que as bandeiras pelejaram por "dilatam o "Reino de Cristo", que no Brasil sobre ser luta com o território adverso, constituía-se em elevada missão evangelizadora": assim se expressa em *Nosso Brasil*⁽³⁶⁾.

Foi no fecundo exílio lisboeta que Plínio Salgado completou e aperfeiçoou a sua visão do Brasil pátrio. Ali teve ele oportunidade de conhecer, em primeira mão, os clássicos da Tradição das Espanhas, quer os portugueses miguelistas, quer os carlistas castelhanos. Sei pessoalmente da sua fecunda e tenaz leitura de Juan Vázquez de Mella, o magno poeta e pensador carlista. Fruto de semelhantes leituras, meditadas na plenitude de seus talentos, Plínio Salgado vai referir o Brasil à continuidade missionária do materno Portugal. Vai agora falar na linguagem dos tradicionalistas hispânicos, e vai aplicar ao Brasil as idéias dos tradicionalistas hispânicos. Em *Como nasceram as cidades do Brasil* contempla ele a unidade nacional como o resultado do "gênio lusíada", argumentando que "tão grande tradição, pelos brasileiros herdada dos portugueses, constitui a força aglutinadora por excelência"⁽³⁷⁾.

(34) Quinta edição. São Paulo, Companhia editora Panorama, 1948, págs. 172-173.

(35) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 183.

(36) P. SALGADO: *O nosso Brasil*, 38-39.

(37) P. SALGADO: *Como nasceram as cidades do Brasil*, 24.

Com o quê, o Brasil é o que era no seio das Espanhas filipinas; monarquia missionária, ao invés do agnosticismo aburguesado e decadente em que se despenha a partir do século XVIII. Impulsionado pelo seu sólido fervor cristão, Plínio Salgado se enlaça com a verdadeira essência de seu povo, nascido daqueles portugueses chegados à terra americana “para fundar uma nacionalidade nova e integrá-la no grêmio de Cristo”⁽³⁸⁾. De sorte que Cristo e Brasil são uma entidade só. “Sustentar o seu Nome, o seu Ensino, e viver segundo o seu Espírito é sustentar a tradição lusíada e nacional brasileira, a honra da nação e as suas prerrogativas de soberania”⁽³⁹⁾. Como ficavam atrás os dias em que, no *Nosso Brasil*, apresentara ele como modelos os liberais Andradas, o mação Ruy Barbosa, o kantiano Diogo Antônio Feijó ou o revolucionário Tiradentes⁽⁴⁰⁾! Nem sequer lhe valerão os nomes da trilogia insigne dos precursores, de Euclides da Cunha, de Raymundo Farias Britto e de Alberto Torres, com serem os três tão egrégios brasileiros, trilogia na qual ele resumia a alma pátria no estudo *Couto de Magalhães, decifrador de enigmas éticos*, em 1939⁽⁴¹⁾. O Brasil é missão evangelizadora cristã e nisso concretizar-se-á a alma da pátria.

Plínio Salgado restabeleceu a exatidão histórica. É “o Reino pela expansão da religião católica”, em *O Rei dos reis*⁽⁴²⁾; é a continuidade do apostolado lusitano, em *A aliança do sim e do não*⁽⁴³⁾. Agora o Brasil não será a estrita conquista da terra, senão a empresa católica em concepção idêntica à dos dias da Contra-reforma hispânica; com efeito, em *Como nasceram as cidades do Brasil* concluirá ele que o Brasil, longe de ficar na tarefa inconclusa que ele julgara em meados dos anos Trinta, é nação completa desde o século XVII, e isto mercê da guerra de religião contra os protestantes instalados na Bahia, de onde nasce a nação brasileira: “pode-se dizer que a cons-

(38) P. SALGADO: *Como nasceram as cidades do Brasil*, 34.

(39) P. SALGADO: *Como nasceram as cidades do Brasil*, 146.

(40) P. SALGADO: *Nosso Brasil*, 57-65, 71-76, 109-112, 135-140.

(41) Na *Revista da Academia Paulista de Letras* II (1939), 6-12.

(42) P. SALGADO: *O Rei dos reis*, 59.

(43) P. SALGADO: *A aliança do sim e do não*, 87-89.

ciência nacional despontou, definitivamente, nessa guerra”⁽⁴⁴⁾. Em lugar de desbravar terras, a guerra religiosa contra os protestantes holandeses; ao invés de nação em gestação, nação conquistada desde o século XVII; para Plínio Salgado, o Império missionário e a Contra-reforma são a chave para a definição do Brasil. O Brasil é a perpetuação da Contra-reforma filipina. Plínio Salgado vai ver no Brasil o que os carlistas eram em Castela e Aragão, e o que os miguelistas foram em Portugal: os últimos soldados da Contra-reforma católica são os caudilhos que guerreiam contra a Europa.

5. Uma vez ganha essa perspectiva, o sistema pliniano será conjunto de idéias sólida e harmoniosamente fundidas sem fissuras nem falhas lógicas. Paladino da Contra-reforma, ele lutará contra a Europa sem concessão alguma; contra a Europa protestante e comtiana, contra a Europa afrancesada que é o inimigo maior da Tradição brasileira.

Em primeiro lugar, contra Lutero. “A história das desgraças do mundo contemporâneo começa nessa coisa que se chamou o livre exame, depois transformada em livre pensamento”, afirma ele em *O Rei dos reis*⁽⁴⁵⁾. Lutero, Calvino e Henrique VIII são “os inimigos de nossas pátrias e de nossa religião”, afirmará ele em *A aliança do sim e do não*, tal como poderia escrever um súbdito de Felipe II⁽⁴⁶⁾.

Em segundo lugar, contra o positivismo, maneira máxima da europeização brasileira. As doutrinas positivistas são a origem do confucionismo de que o Brasil padece no século XX, lê-se em *O Rei dos reis*⁽⁴⁷⁾; porque o positivismo deforma o ser humano com o seu experimentalismo de detalhes privado de horizontes integrais, argumenta Plínio em *Direitos e deveres do homem*⁽⁴⁸⁾.

(44) P. SALGADO: *Como nasceram as cidades do Brasil*, 116.

(45) P. SALGADO: *O Rei dos reis*, 131.

(46) P. SALGADO: *A aliança do sim e do não*, 49.

(47) P. SALGADO: *O Rei dos reis*, 50.

(48) P. SALGADO: *Rio de Janeiro, Livraria Clássica Brasileira*, 1950, pág. 159.

Contra esses dois inimigos europeus, ergue Plínio Salgado o conceito integral do homem, conceito formulado por Santo Tomás de Aquino e assentado pelos teólogos de Trento. Em *Direitos e deveres do homem*, Plínio insiste dizendo seguir o que Santo Tomás ensina⁽⁴⁹⁾. A filosofia da história sustentada no discurso do Rio de Janeiro de 27 de outubro de 1946, é o providencialismo cristão conforme o jogo das causas primeiras e segundas da Escolástica, exatamente o contrário do homem tragicamente escravo da teologia luterana e do homem recortado à máquina do positivismo, ou seja o homem livre e responsável definido em Trento em 1546⁽⁵⁰⁾. Santo Tomás é o mestre dele, em *A aliança do sim e do não*⁽⁵¹⁾. O integralismo ficou encaixado em seus devidos horizontes: será a teoria integral do homem integral da Contra-reforma católica.

Plínio Salgado aludiu ao aperfeiçoamento ideológico do integralismo em *A mulher no século XX*, ao indicar as linhas da sua adesão ao pensamento tomista⁽⁵²⁾. A mim coube a altíssima honra de haver seguido mui de perto o titânico esforço com que ele queimou os seus talentos prodigiosos na empresa da aproximação à tradição católica da Contra-reforma filipina; nunca saberei se mais admirar a grandeza dos seus talentos ou a humanidade com que mostrava a sua alegria de homem justo cada vez que compreendia melhor a identificação do seu bem-amado Brasil com a secular guerra de Felipe II contra a Europa protestante; quando entendeu que a novidade do pensamento integralista, por ele tão proclamada em *A quarta humanidade* dez anos atrás⁽⁵³⁾, era o que há de mais velho no Brasil, era a própria Tradição brasileira.

Ao retornar ao Brasil depois dos oito anos do exílio lisboeta, suas idéias são um perfeito sistema de doutrina. Ele não se cansará de desfraldar o estandarte do tradicionalismo brasileiro, será um tradicionalista herdeiro da Contra-reforma,

(49) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 24.

(50) P. SALGADO: *Discursos*, 42.

(51) P. SALGADO: *A aliança do bem e do mal*, 41.

(52) São Paulo, Editorial Guanumby, 1949, pág. 18.

(53) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 87.

o irmão de miguelistas e carlistas. "O de que o Brasil mais necessita é da grande consciência histórica das suas tradições", proclamará ele em seu discurso de regresso⁽⁵⁴⁾. Ele é o porta-bandeira da Tradição "contra ideologias estrangeiras"⁽⁵⁵⁾. Será essa a sua batalha "pelo bem do Brasil, pelo amor às nossas tradições"⁽⁵⁶⁾. "Ensinei aos brasileiros o amor da pátria e das suas tradições religiosas"⁽⁵⁷⁾; o integralismo perdura não obstante as perseguições, "porque a sua doutrina embebe as suas raízes na própria generosidade do sangue patricio e nas tradições espirituais da terra brasileira"⁽⁵⁸⁾, porque era "um grande movimento nacional baseado nas tradições cristãs da pátria brasileira"⁽⁵⁹⁾. Nos anos do exílio, o integralismo passou de entusiasmo nacionalista à concepção tradicionalista do Brasil.

6. Não quer isso dizer que ocorreram mudanças radicais em seu pensamento. No regresso do desterro, pôde ele assegurar com exata justiça não haver mudado o seu pensamento integralista, "que professo e professarei sempre"⁽⁶⁰⁾. O que aconteceu foi que, na meditação serena do desterro e no manejo dos clássicos espanhóis, o seu profundo sentido católico da vida deu lugar à universalização do conceito do Brasil, agora inserido na luta das Espanhas contra a Europa por Felipe II desfraldada.

Já em 1936, em *Palavra nova dos tempos novos*, Plínio Salgado concebera a pátria como entidade cultural, como "uma arquitetura moral e espiritual"⁽⁶¹⁾. Juvêncio, que encarna o próprio Plínio em *O estrangeiro*, define a pátria, por sentimento vivo, como sendo "a voz do país saindo pela boca do homem"⁽⁶²⁾. Em *A quarta humanidade*, a pátria é uma realidade

(54) P. SALGADO: *Discursos*, 10.

(55) P. SALGADO: *Discursos*, 13.

(56) P. SALGADO: *Discursos*, 50.

(57) P. SALGADO: *Discursos*, 76.

(58) P. SALGADO: *Discursos*, 83.

(59) P. SALGADO: *Discursos*, 145.

(60) P. SALGADO: *Discursos*, 77.

(61) Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, pág. 18.

(62) P. SALGADO: *O Estrangeiro*, 33.

histórica patente e imperativa⁽⁶³⁾. Em *Despertemos a Nação*, a nação é um conjunto de forças materiais, morais e intelectuais, "um índice da tradição histórica, de raça, de costumes, de tendências, de caráter próprio"⁽⁶⁴⁾, com ingredientes políticos e econômicos, entre os quais a tradição é um a mais⁽⁶⁵⁾. Já foi superado o momento em que a doutrina política pliniana considerava a Tradição como um dos fatores componentes da nação, para passar a identificá-los ao modo de pensamento tradicional hispânico.

Em compensação, essa fusão está clara em *Direitos e deveres do homem*. Plínio separará o país, que é a terra a que havia reduzido o Brasil nos anos Trinta, separá-lo da pátria, que é mera subjetividade emotiva, e da nação, que é Tradição viva⁽⁶⁶⁾. Agora, nação e tradição já são uma coisa só. A nação vem a ser a Tradição atualizada, no sentido tomista do vocábulo, na instância de um determinado momento histórico; a Tradição é o que explica e justifica a realidade sociológica nacional; a Tradição é o fundamento da nação. O que era genuíno e admirável anseio nacionalista converteu-se em doutrina do tradicionalismo político. Sem alterar suas idéias capitais, mercê de uma simples remodelação espiritual, agora mais do que um nacionalista fervoroso, Plínio Salgado é o tradicionalista coerente que sabe explicar seus sentimentos patrióticos com a teoria tradicionalista das entidades nacionais.

7. Partindo desses ângulos visuais, num tradicionalismo primeiramente pressentido com anseios patrióticos, e depois arrazoadado em completo sistema de pensamento, cumpre valorizar o que o integralismo nega: o liberalismo democratizante, os totalitarismos marxistas ou fascistas, o racismo e, inclusive, o falso tradicionalismo francês chefiado por Charles Maurras. Consideremo-los sucessivamente.

(63) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 120.

(64) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 112.

(65) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 169.

(66) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 134.

a) Com o seu ardor fogueiro de grandíssimo patriota, o liberalismo foi desde sempre para Plínio Salgado mero instrumento de colonização estranha. Dí-lo Urbano em *O Cavaleiro de Itararé*, ao caracterizar o liberalismo importado como fator para que os "yankees" dominassem o Brasil, valendo-se do qual "as empresas estrangeiras estendiam as suas garras"⁽⁶⁷⁾; seu acólito, que é a democracia inorgânica, resulta em *Despertemos a Nação* no meio de que se valem os poderosos do capitalismo internacionalista para matar o Brasil verdadeiro, para "a desnacionalização do país"⁽⁶⁸⁾.

Era a herança do século XIX, anti-cristão à moda européia, e Plínio Salgado aplaudirá as condenações decretadas no *Syllabus* por Pio IX, glosando-as com a sua mestria habitual. Jamais deparei análise mais completa dos danos que o liberalismo causa, do que as observações formuladas por Plínio Salgado na *Introdução ao Pio IX* de Villefranche, quando escreve: "Era a liberdade degenerando em liberalismo e licenciosidade, era a democracia transformando-se em desordem, era o começo de uma loucura que terminaria na tragédia, a que hoje assistimos, da inversão de todos os valores morais. A sua tradução política denominava-se liberalismo; a sua tradução ética chamava-se utilitarismo; a sua tradução religiosa designava-se pelo nome de indiferentismo, ou paganismo, dos nossos dias"⁽⁶⁹⁾.

A censura de Plínio Salgado condensa-se em três pontos: que acaba no totalitarismo, matando a própria liberdade que apregoava defender; que é o contrário da Tradição do Brasil; e que é uma satânica rebeldia contra Deus. Argumentos político, histórico e teológico que, na sua positiva brevidade, possuem a solidez das armas dialéticas demolidoras.

Ao primeiro, o posicionamento rousseauniano leva implícito o esmagamento das minorias pelas majorias, de onde Plínio Salgado deduzirá que "o Estado totalitário é um resultado das democracias", em *O conceito cristão da democracia*⁽⁷⁰⁾, e que

(67) P. SALGADO: *O Cavaleiro de Itararé*, 247.

(68) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 153.

(69) P. SALGADO: *Prólogo a VILLEFRANCE: Pio IX*, pág. XX.

(70) Coimbra, Edições Estudos, 1945, pág. 97.

a revolução bolchevique é o mero desenvolvimento lógico das premissas estabelecidas pelos revolucionários burgueses na França de 1789⁽⁷¹⁾.

Ao segundo, o liberalismo democrático é uma fórmula européia importada, uma entre as idéias estrangeiras hostis à Tradição pátria. "Nos países de formação histórica fundamentalmente cristã, como o meu país e todas as nações da América ibérica, o combate à Tradição significa arrancar as raízes da nossa cristianidade; e quanto à prédica daquele liberalismo sem freios, já condenado por Gregório XVI, Pio IX e Leão XIII, e pelos seus sucessores, ela constitui o caldo de cultura mais propício à proliferação dos germes da desordem e da dissolução social, dos quais o comunismo é o maior de todos", acentua ele em *Direitos e deveres do homem*⁽⁷²⁾.

Ao terceiro, é incompatível com a Tradição brasileira, porque Plínio Salgado definiu-a como tradição católica, ao passo que o liberalismo supõe a rebelião luciferina do homem contra Deus, visto que coloca a liberdade na "exaltação da vida, acima do bem e do mal" por Deus fixados⁽⁷³⁾. O liberalismo situa o homem acima de Deus, elevando-o a juiz do bem e do mal, sem levar em conta o que Deus manda e o que Deus proíbe; é o radical antropocentrismo negador da concepção teocêntrica cristã. Donde ser ele blasfêmia pura e simples, e, para o cristão inabalável que foi Plínio Salgado, a blasfêmia é o mais horrendo mal que pensar-se possa.

b) Por iguais razões combate ele o totalitarismo em todas as suas maneiras.

Em primeiro lugar, o totalitarismo marxista, na qualidade de herdeiro e aperfeiçoador do conjunto dos erros liberais. Aqui, mais não é possível do que aludir, de passagem, aos talentos polêmicos de Plínio Salgado na sua farta demonstração das contradições do marxismo, tal como consta, por exemplo, em *A quarta humanidade*⁽⁷⁴⁾; tema que é merecedor de estudo à

(71) P. SALGADO: *Direitos e Deveres do homem*, 37.

(72) P. SALGADO: *Direitos e Deveres do homem*, 155.

(73) P. SALGADO: *Direitos e Deveres do homem*, 56.

(74) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 98-103.

parte, e qualificaria, por si só, Plínio Salgado como um dos maiores pensadores da nossa época. Baste aludirmos à agudeza com que ele assinala como a redução das questões ao apriorismo científico, por Carlos Marx elevado a dogma, imbuca num apriorismo dogmático unilateral cimentado numa tábua de leis econômicas cuja contradição reside em oscilar irrevogavelmente no dilema de que: ou elas são verdadeiras, e neste caso a futura sociedade marxista carece de razão de ser, ou são falsas, e então ao marxismo faltam as bases científicas que seu fundador tanto encareceu.

De mais a mais, o marxismo é, tal como o era o liberalismo, a tentação satânica da rebeldia do homem contra Deus, o antropocentrismo que expulsa Deus dos altares para sobre estes deificar o homem. Capitalismo e comunismo, liberalismo e marxismo são iguais manifestações dessa rebelião blasfema, são as duas tentações de Lúcifer a Jesus em a *Vida de Jesus*⁽⁷⁵⁾, dois irmãos siameses na negação de Deus⁽⁷⁶⁾. São expressões do ódio⁽⁷⁷⁾, são a antítese da religião do amor que Cristo pregara. Por isso, em *O Estrangeiro*, Lenine encarna o Anticristo⁽⁷⁸⁾. Com a altura de miras que o caracteriza, Plínio Salgado sobe das questões rasteiras da economia ao plano superior religioso, para condenar o marxismo, depois de pôr em relevo os erros científicos deste, lá dos cimos de sua sólida teologia de cristão brasileiro.

c) Algo de semelhante acontece com o fascismo. Uma enfiada de interesseiras calúnias, propaladas pela imprensa hostil, procurou apresentar o integralismo como forma brasileira do fascismo italiano; quando o certo é que Plínio Salgado, na sua atitude de católico granítico, sem tolerar a mais mínima concessão, respondeu sempre repelindo o totalitarismo nacionalista de Benito Mussolini. Em *A quarta humanidade* ele condena com palavras expressas o papel absorvente outorgado ao Estado

(75) Lisboa, Editorial Atica, 1943, págs. 88-89.

(76) P. SALGADO: *A mulher no século XX*, 77.

(77) P. SALGADO: *Vida de Jesus*, 261. — *A aliança do sim e do não*, 50-51.

(78) P. SALGADO: *O Estrangeiro*, 118.

pelo fascismo⁽⁷⁹⁾; condenação reiterada em *Palavra nova dos tempos novos*⁽⁸⁰⁾, e no contundente repúdio que consta do *Despertemos a Nação*⁽⁸¹⁾. Portanto, se alguma coisa existe, claro como a luz do meio-dia, no pensamento pliniano, é que, em todos e em cada um dos momentos de sua vida a concepção católica do homem sustentada pelo integralismo era incompatível com a exclusividade do totalitarismo estatal postulada pelo fascismo. Em *O Rei dos reis*, essa repulsa é arrazoada conformemente aos cânones do mais estrito pensamento tradicionalista, ao repelir Plínio “o messianismo totalitário, que vê num Estado, de configuração biológica, o Messias cruel, absorvente, em seu próprio proveito e finalidade, dos direitos mais sagrados da pessoa humana”⁽⁸²⁾.

d) Dados tais pressupostos, a sua inimizade ao racismo aparece ainda mais positiva, uma vez tida em conta, ademais, a realidade etnológica brasileira. Em *Despertemos a nação*, a censura ao racismo é irritação indignada⁽⁸³⁾. Em *A aliança do sim e do não*, explica ele o erro de se imputar a falazes superioridades de raça o fato, muito mais desprezível, de haverem os países de gente loira possuído carvão em suas minas numa época em que o carvão era a fonte da energia industrial⁽⁸⁴⁾. Argumento esse não somente caro aos teóricos do racismo hitleriano, senão também contra as fumaças de superioridade racial anglo-saxônia proclamados pelos americanos⁽⁸⁵⁾. E é que a consciência cristã da igualdade dos homens perante Deus era em Plínio o melhor argumento contra os racismos de toda laia, germanos ou anglo-saxões.

e) Em sua vigorosa postura de católico coerente, também não admitirá ele as teses de Jacques Maritain, empenhado em acomodar o cristianismo à revolução de 1789⁽⁸⁶⁾, porque isso supõe, sim, mais “um abdicação vergonhosa da nossa fé cristã, já

que implicaria substituir a palavra de Cristo, que é Deus vivo, pelos princípios proclamados por um punhado de homens agnósticos e rebeldes”. Descomunal blasfêmia seria que um cristão aceitasse a blasfêmia radical do antropocentrismo.

f) Finalmente, o pensamento de Plínio Salgado nada tem que ver com o falso tradicionalismo francês de Charles Maurras. Expressamente assinala-o Plínio em *A quarta humanidade*⁽⁸⁷⁾. Esta é matéria tratada exaustivamente por Arnaldo Nicolau de Flue Gut em *Plínio Salgado, o criador do integralismo brasileiro*⁽⁸⁸⁾, com profundidade que me exime de maiores considerações. Se bem que a disparidade nos anos Trinta aparece mais como pressentimento do que como argumentação. Foi ao manejar os clássicos do tradicionalismo hispânico, durante o seu desterro lisboeta, que Plínio Salgado completou aquela inata antipatia para com um Charles Maurras enquanto herdeiro do positivismo de Augusto Comte, na comparação com a doutrina tradicionalista espanhola de raízes católicas, e portanto a única admissível para o pensador brasileiro.

8. A tais negações expressas e argumentadas corresponde a concepção tradicionalista do poder político, por Plínio Salgado condensada em sistema de doutrina. Se o que caracteriza o pensamento tradicionalista é centralizar a ordenação política e social numa sociedade autárquica e robusta, frente ao liberalismo que só considera o indivíduo a-histórico, e o totalitarismo, que unicamente toma em consideração o Estado, Plínio Salgado é tradicionalista desde que nega a sociedade inorgânica liberal do mesmo modo que nega o Estado absorvedor da sociedade.

Para ele, o Estado tem a missão de ordenar a vida social, e nada mais; é “interferente modificador”, na expressão que está em *A quarta humanidade*⁽⁸⁹⁾; linguagem esta aperfeiçoada, no regresso do exílio, na afirmação contra qualquer totalitarismo, de que o Estado não é fim de si mesmo, senão apenas

(79) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 83.

(80) P. SALGADO: *Palavra nova dos tempos novos*, 126-127.

(81) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 150-151.

(82) P. SALGADO: *O Rei dos reis*, 65-66.

(83) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 142.

(84) P. SALGADO: *A aliança do sim e do não*, 48-49.

(85) P. SALGADO: *Despertemos a Nação!*, 120-122, 126.

(86) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 33.

(87) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 87.

(88) A. N. DE FLUE GUT: *Plínio Salgado*, 84-85 e 93.

(89) P. SALGADO: *A quarta humanidade*, 115.

“um meio” e “um instrumento” ordenador, porém nunca suplantador, da vida das instituições sociais autárquicas⁽⁹⁰⁾.

Em *Direitos e deveres do homem*, a concepção tradicionalista de uma sociedade por si mesma constituída não dependente do poder estatal, em grupos que sejam os leitos naturais das liberdades; barreira contra as demasias do Estado e via social para o exercício das legítimas atividades livres dos indivíduos, esta concepção aparece exposta de acordo com critérios positivamente tradicionalistas. É a afirmação de que a sociedade está integrada pelos “grupos naturais que são o anteparo do homem na defesa das suas liberdades em face do Estado”⁽⁹¹⁾; é estabelecer que as liberdades só podem ser exercidas através dos grupos naturais nos quais o homem se acha inserto pelo simples fato de nascer⁽⁹²⁾; é a visão da nação como conjunto de sociedades livres⁽⁹³⁾; é a consequência de que, se bem regulado, deve o Estado respeitar, sem jamais oprimi-las, as autarquias da família, do grêmio, da propriedade e do município, que são os condutos por onde o homem, nascido, movendo-se dentro deles, leva a termo o uso de suas liberdades⁽⁹⁴⁾.

Contra o totalitarismo ele opõe a sociedade autárquica; contra o liberalismo, afirma a sociedade orgânica. O pensamento de Plínio Salgado é tradicionalista até à medula neste ponto, regra de ouro para a definição do tradicionalismo político. Ali coloca ele a verdadeira liberdade e não nas falácias das mentirosas declamações revolucionárias; para ver até onde ele voltava as suas miradas, para avaliar como ele toma por meta a Tradição pátria, basta lembrar a sua apologia de “a lusitana antiga liberdade”, em *O Rei dos reis*⁽⁹⁵⁾. Tal como formulara a noção tradicionalista do Brasil, Plínio Salgado adscrive-se ao pensamento tradicionalista na totalidade das suas facetas.

9. Considerado o pensamento de Plínio Salgado com a fria imparcialidade do estudioso, a fim de aquilatar as linhas

(90) P. SALGADO: *Discursos*, 167.

(91) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 58.

(92) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 84 e 110.

(93) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 121 e 123.

(94) P. SALGADO: *Direitos e deveres do homem*, 126.

(95) P. SALGADO: *O Rei dos reis*, 28.

da sua obra de pensador, seja permitido a quem abaixo se subscreve ligeira referência à poderosa personalidade dele. A fecundidade dos seus talentos, a finura de suas observações, a luminosa vibração de suas palavras, tudo o que dele comovia com emoções, vinculava-se à sua dimensão de apóstolo. Num Brasil dominado por europeizados e mações desde o século XVIII; num Brasil cuja triste história intelectual é a de que ele “recuava, abandonando o traçado superior das suas tradições”, para o dizer com palavras de Euclides da Cunha em *O Marechal de ferro*⁽⁹⁶⁾, Plínio Salgado soube sacudir de si a moda covarde da imitação simiesca, e pensar o Brasil como brasileiro de verdade. Desde quando, em 1918, encontra-se com o espiritualismo de Raymundo Farias Britto, o seu caminhar intelectual é a apaixonada e luminosa luta por encontrar a alma da pátria, soterrada sob os perseverantes mimetismos da Enciclopédia, do positivismo e do liberalismo. Nos anos Trinta a sua poderosíssima inteligência intui a via segura que, na madureza sossegada do desterro lisboeta, fixar-se-á na teoria certa da Tradição do seu Brasil. Foi uma luta tenaz, na qual, sem desfalecimentos, sem antecedentes nenhuns, sem mais auxílios que a sua fé cristã e a sua paixão patriótica, ia ele elaborando a teoria brasileira do Brasil.

Luta esforçada na qual foi passando do patriota ao místico, do nacionalista ao tradicionalista, ganhando perfis de apóstolo e de profeta, esses traços que seduziam mal se tinha a ventura de conhecê-lo, de tratar com ele. Cristo chamou-o, e ele a Cristo seguiu, na certeza de que o serviço ao Senhor era a medida do serviço ao Brasil que ele tanto amava. Há na *Vida de Jesus* uma página sedutora que talvez explique a imensa grandeza humana de Plínio Salgado: aquela em que, ao descrever o chamado de Jesus a Tiago, ele comenta com tremores de apaixonada autobiografia: “Por todos os tempos, Jesus há-de proceder assim. E é preciso ter em alguma ocasião ouvido essa voz, para compreender o que se passou na alma de Tiago naquele momento”⁽⁹⁷⁾. Teria Plínio Salgado tido revelação direta

(96) P. SALGADO: *Em Contrastes e Confrontos*, oitava edição, Porto Lello e Irmãos, 1941, págs. 11-19. Citação à pág. 12.

(97) P. SALGADO: *Vida de Jesus*, 113.

do chamado do Senhor? Mistérios que a história averiguará. Em todo o caso, as perseguições que ele sofreu foram as que sofrem os confessores de Cristo, seus sofrimentos foram a Cristo ofertados; pelo que a sua figura humana possuía, acima dos seus talentos e saberes, a graça alada da santidade.

Ninguém havia entendido a Tradição brasileira antes dele, e, depois, convém apenas compará-la com o empreendimento intelectual de José Pedro Galvão de Sousa em nossos dias, se bem que este tenha apurado até às suas últimas consequências os planos das raízes tridentinas, filipinas e hispânicas do Brasil, que, aliás, em Plínio Salgado constam também com patente claridade.

Ignoro o eco que o futuro reservará às teorias construídas por Plínio Salgado, varão justo, santo e sábio igualmente, encarnação viva de seu povo e descobridor bandeirante das essências de sua pátria. Parece-me, sim, que, se o Brasil há de ser autenticamente brasileiro, terá de volver seus olhares para esse apóstolo caboclo, baixinho e nervoso no corpo, porém grandíssimo na alma e na fé. Por minha parte, agradecerei sempre a Deus por me haver concedido a graça de conhecê-lo, de tratar com ele e de admirá-lo, exemplo incomparável de saberes e de virtudes. Porque Plínio Salgado foi um desses presentes que a Providência rarissimamente faz a um povo, para que sejam faróis de verdade e bandeiras de esperança.

* FRANCISCO ELIAS DE TEJADA Y SPINOLA — Nasceu na Estremadura (Espanha). Filósofo do Direito do Estado e historiador das idéias políticas. Foi professor de Filosofia do Direito nas Universidades de Murcia, Salamanca, Sevilha e Madri. Pioneiro do Jusnaturalismo tomista e fundador da Associação dos Jusnaturalistas Hispânicos e organizador das Primeiras Jornadas Hispânicas de Direito Natural, realizada em Madri em 1972, às quais se seguiram outras semelhantes em Genova, Bari, Atenas, Santiago do Chile e em São Paulo. Era profundo conhecedor dos homens e das coisas do Brasil. Foi um dos fundadores e diretor da secção espanhola da revista de cultura Reconquista, publicada em São Paulo de 1950 a 1955, tendo sido, mais recentemente, colaborador da revista Hora Presente, fundada e dirigida em São Paulo pelo Dr. Adib Casseb. Obras principais: *Introducción al estudio de la Antología Jurídica*, 1942; *La causa diferenciadora de las comunidades políticas*, 1943; *Las doctrinas políticas en Portugal*, 1944; *La tradición gallega*, 1944; *Historia de la Filosofía del Derecho y del Estado*, 1946; *Las doctrinas políticas de Farias Brito*, 1953; *Tratado de Filosofía del Derecho*, (obra monumental, incompleta em face do seu falecimento) Tomo I, 1974.

PLÍNIO SALGADO, HISTORIADOR, VISTO POR UM PORTUGUÊS

*Prof. Henrique Barrilaro Ruas **

O Plínio Salgado que eu conheci, há trinta e três anos, numa Coimbra que ninguém mais pode encontrar, era sobretudo o doutrinador católico, o estilista esplêndido, o orador incomparável. A obra-prima do seu gênio literário, a *Vida de Jesus*, era demasiado rica em espírito e verdade e demasiado opulenta de estilo, para poder ser olhada, sem deliberação, de um ponto de vista científico.

O Plínio Salgado que a História há-de lembrar para sempre será o fundador desse profundo movimento de idéias, semeador de verdades e defensor da humanidade dos homens, a que chamou Integralismo Brasileiro. Em Lisboa, num meio em que o Integralismo Lusitano se mantinha ainda vivo (da minha geração, eram-lhe aí mais que todos fiéis o Gastão da Cunha Ferreira e o Nuno Vaz Pinto), Plínio tomou parte em alguns atos de significado político, quando Hipólito Raposo congregava à sua volta os últimos e os primeiros do Integralismo de sempre. A minha longa fidelidade a Coimbra, onde, em 1949, se fundaria a grave e juvenil revista "Cidade Nova", como fruto de identidade espiritual entre o núcleo neo-integralista de Lisboa e o que, em Coimbra, já concretizava o discreto apostolado do Fernão Pacheco de Castro; essa minha relutância em sair da "pequena pátria" não me deixou participar em nenhum dos convívios integralistas da capital.

Mas, de Lisboa ou de Coimbra, todos poderão louvar, em Plínio Salgado, a extrema isenção com que, em público, sempre se absteve — ele, o exilado da ditadura de Getúlio Vargas, o chefe político de imensa projeção — de qualquer referência à situação política do seu País, e à universalidade dos valores que sempre defendeu.

Hoje, a amizade do Amândio César deu-me a conhecer um Plínio Salgado que eu mal imaginava: o autor de uma obra didática, uma excelente *História do Brasil* "para o curso médio", isto é, para os adolescentes da sua terra. Esta leitura, feita e refeita ao gosto da verdade e da beleza, veio convidar-me a pegar uma vez mais na *Vida de Jesus*, agora como obra historiográfica.

"Não fiz aqui obra de erudição ou de exegese. Estas narrativas são o espelho de um sentimento que vive em mim e tudo explica em mim" — diz-nos Plínio Salgado nos "Apontamentos Iniciais (Palavras à edição brasileira)" da *Vida de Jesus*. E, efetivamente, nada aqui se apresenta com a pesada indumentária da erudição ou com a aguda subtileza da discussão de hipóteses. Plínio Salgado escreveu, antes de tudo, um ato de fé: "Cumpre ficar bem claro: creio na divindade de Jesus Cristo. A significação deste livro, no mundo atormentado de hoje, é a da frase imortal de Filipe gritando a Natanael: Achamos Aquele de quem Moisés escreveu e os Profetas anunciaram! Em meio à catástrofe de uma civilização alucinada, quero também gritar esse grito sobre as montanhas do meu país."

É certo que a *Vida de Jesus* tem a limpidez e a transparência da Graça. Mas a suprema arte do seu Autor consistiu em enfeixar todo o arco-íris na pureza da luz-branca: o seu texto é um tecido perfeito, onde não falta nenhum dos fios da História, mas nenhum é visível.

"O velho sacerdote reveste-se dos trajes e insígnias do ministério: a túnica azul-ouro-púrpura-carmesim; as ombreiras faiscantes de pedrarias; o peitoral com as quatro ordens de gemas preciosas, cada qual correspondendo a uma tribo de Israel: o manto azul com borlas e campainhas minúsculas de ouro; a mitra em que se lê: "Santidade do Senhor". Assim, Plínio Salgado descreve Zacarias, o que iria ser pai de João Baptista. E, nesta descrição, a ciência histórica, segura na sua generalidade, concretiza-se, reveste o homem pessoal e oferece ao leitor a linguagem da vida.

"Roma reuniu o Gênero Humano — imenso e complexo —; substituiu o conceito "nacional" pela conceito "impe-

rial", começando ela própria a transformar o sentido *concreto* da nação romana, que perdurara desde Rômulo a Tarquínio, num sentido ideal, que se acentua após as reivindicações plebéias e a conquista da Itália, e se amplia, com a fixação da ordem pública, da estrutura militar e das normas jurídicas, atingindo pleno fastígio, com a transfusão dos povos, costumes, artes e filosofias sob seu domínio." Assim descreve o papel do império de Roma na gênese do Homem-novo: "preparador de uma Idade Humana, o precursor da Confraternização dos Povos." "Que há de novo no Homem? Coisa alguma. E, entretanto, há alguma coisa *nova* em política: o universalismo, no sentido da extensão; o humano, no sentido da altura."

"A ciência dos iniciados de Heliópolis e de Tebas, que antecipou, há quatro mil anos, os modernos conhecimentos sobre a forma e o peso da Terra, o volume do nosso planeta, a área territorial sobre os mares, a distância da Terra ao Sol; a ciência dos faraós, cuja Mensagem de Pedra encontramos hoje na planície de Gisé, precisando até a época de sua erecção, pela posição da estrela Alfa e da constelação das Plêiades no seu transcurso polar; essa velha ciência possuidora das noções exatas sobre as harmonias do Universo e da nomenclatura sideral, que aparece nos poemas de Homero e no livro de Job; essa misteriosa ciência se originava das margens do Tigre e do Eufrates." Assim prepara a vinda dos Reis-Magos.

"Grande, como de costume na época da Páscoa, era o movimento no átrio e nas escadarias que se desdobravam das colunatas do peristilo para o pátio dos holocaustos. Comerciantes de Tiro e Damasco estendiam seus panos de púrpura e linho; gentes de Sefélia e de Daroma, das montanhas de Efraim e de Neftali, penduravam em arcos gaiolas de caniço com variegados pássaros; baliavam ovelhas dos montes de Judá e, amarrados às colunas do átrio, mugiam novilhos de Decápole, de Abiena e Traconitida. Artífices de Sídon, de Cesaréia e Tiberíades exibiam em seus mostruários artefatos de ourivesaria; e, pouco além, trescalando o aroma capitoso dos campos, dos rebanhos e dos pomares, alinhavam-se os cântaros e os cestos dos merceeiros, com toda a sorte de comestíveis e bebidas: azeitonas, quei-

jos, figos, tâmaras, mel e vinho. Sobre toscos balcões, magras mãos de cambistas, entre pilhas de moedas de ouro, prata e cobre, trabalhavam ativamente, trocando, mediante gordo ágio, sestércios e dracmas que circulavam no Templo." Só quem tenha tido alguma vez que pintar a verdade histórica de uma feira, ou de qualquer grande e variegado ajuntamento humano, para mais muito distante do tempo e do espaço familiares, pode supor o mérito deste trecho. "A Humanidade está ali. Está com os olhos abertos e todos os seus livros abertos: Vedas, o Zend Avesta, o Livro dos Mortos, a Ilíada, o Pentateuco. Ergue as pirâmides, desenrola a pauta sideral dos signos do Zodíaco. Conversa com as Plêiades, o Dragão, a Ursa e o Órion gigante. Conhece Arturo e Sírius, e, pela boca de Job e de Homero, antecipa, à distância de milhares de anos, a palavra de Dante, quando exclama: "Subi ao céu que mais a luz recebe/ do infinito, e vi coisas tais, que embalde/ tentará repetir quem de lá volte!" E, neste quadro do Limbo, dos "Infernos" a que Jesus "desceu", Plínio Salgado completa a medida da sua força de historiador, que sabe ultrapassar as fronteiras do Tempo e entrar numa meta-História.

Mas o Escritor regressa, para concluir a sua obra, à História-documento, que nunca, aliás, desprezou. E as últimas palavras da *Vida de Jesus* são tiradas dos *Atos dos Apóstolos*, e têm todo o sabor de uma narrativa exata e discreta: "Eles regressaram a Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, o qual está perto da cidade à distância do caminho de um sábado..."

E é tempo de passar à *História do Brasil*. Escrito em dois volumes de cerca de 250 páginas cada um, este manual, desconhecido no meu país, foi extraído "de obra de maior tomo destinada ao curso superior, eliminando-se, do texto básico, pormenorizações de acontecimentos, comentários, interpretações e críticas, assim como documentações, algumas inéditas, que exigem revisão de vários fatos históricos." Na impossibilidade de recorrer ao manual universitário, vou-me limitar ao exame rápido desta obra dedicada aos "alunos ginasiais". Naturalmente que me interessa, especialmente, o lugar dado a Portugal e aos Portugueses neste trabalho do grande Luso.

Ao contrário do que parece ser a tendência de grande parte da historiografia brasileira, Plínio Salgado dá prioridade aos elementos dinâmicos da História. Vai, portanto, descobrir na Península Ibérica, ainda dormente, a força que, um dia, há-de saltar o Atlântico de Leste para Oeste e de Sul para Norte, e desencadear o prodígio a que se chamará Brasil.

"A História do Brasil está inserida na de todos os povos. Não podemos iniciar a narrativa dos acontecimentos, que constituem o processo de formação da Nacionalidade Brasileira, sem antes buscarmos as fontes da civilização européia e o papel desempenhado pela Península Ibérica".

Mas a Península tampouco se explica por si mesma. Há que procurar raízes étnicas e fundamentos de sabedoria. Tudo começa quando os homens decifram os segredos cósmicos: os navegadores que, pelo final do século XV, aportaram ao Brasil, obedeciam às leis fecundas pouco a pouco formuladas desde "os primeiros investigadores do Universo".

Nas breves palavras que consagra à Reconquista, pena é que um evidente lapso (desfeito poucas páginas após) leve os estudantes a acreditar que a fundação do Condado Portucalense se deu "em princípios do século XIII".

Também na época de D. João I a ordem das principais batalhas saiu errada: Atoleiros é anterior a Aljubarrota.

Nesta sequência, diremos que D. João I e D. Filipa de Lencastre tiveram sete filhos, e não apenas quatro. Mas, como dá gosto ver um grande brasileiro afirmar que o Infante D. Henrique foi "a maior figura da Europa no seu tempo"!

A equilibrada formação deste espírito superior não suporta o unilateralismo das ideologias pretensamente explicativas dos "empreendimentos marítimos". Na esteira do primeiro cronista das Descobertas e Conquistas, Plínio Salgado sabe, como Zurara, que os grandes atos humanos, sobretudo os coletivos, têm na origem uma complexidade de fatores. Neste caso, esses fatores foram "o pensamento dos fundadores da Monarquia Portuguesa que era o de "dilatar a fé e o império"; a preparação de navios, principalmente por D. Fernando; as investiga-

ções científicas e técnicas da Escola de Sagres, fundada por D. Henrique; a reconquista da Península Ibérica, abrindo novos horizontes à expansão peninsular; o advento da Dinastia de Avis, com um sentido social-revolucionário, criando a consciência da Nação." Todos estes fatores, porém, ficariam latentes, como fontes do possível, se não fosse o Infante: "Nada, entretanto, seria possível realizar-se sem um impulso forte e isso se deveu a D. Henrique, o Navegador." O fator pessoal, o homem na sua liberdade. Cegamente negado pela escola marxista de historiografia, a força ímpar do gênio tem sido já reconhecida por um pensador tão marcado pela formação materialismo-histórica, como é António José Saraiva (ver o admirável Prefácio à 2.^a edição do seu *Gil Vicente*).

E chega o momento do *encontro*. Também aqui, Plínio Salgado toma partido, e com sólida argumentação (embora sóbria, como a economia da obra didática o exige), pela tese da prioridade portuguesa. Numa atitude em que o historiador se enlaça com o sociólogo, conclui: "Mas, acima de todos os acontecimentos, a posterior colonização da terra descoberta confirma a primazia portuguesa."

"Devemos orgulhar-nos por ter sido o Brasil povoado por gente de nobre estirpe, oriunda de um povo que foi o desbravador dos oceanos e, posteriormente, dos sertões continentais. Será mau brasileiro aquele que, contrariando a verdade que ressalta dos documentos históricos, pretender desmerecer nossas origens, deprimindo nosso espírito nacional." Assim conclui o Autor o problema das origens portuguesas da Nação Brasileira. E como é admirável, de singeleza e de força, este juízo intangível!

No problema da escravatura, Plínio Salgado recorda, entre as instruções dadas por D. João III a Tomé de Sousa, "a que recomenda bom tratamento aos índios e aliança com os tupi-niquins, acrescentando serem réus de pena de morte os colonos que escravizassem os gentios." E logo explica: "Essa atitude do Rei adveio certamente da posição tomada pela Igreja na Bula de Paulo III, de 1537, condenando a afirmativa de que os índios não eram homens e sim animais."

Assistamos à fundação de S. Paulo: "A 25 de janeiro de 1554, inaugurou-se o Colégio e o povoado, que recebeu o nome de São Paulo, por ser naquele dia celebrada a conversão do Apóstolo dos Gentios. A solenidade é emocionante, vendo-se a presença dos indígenas e seus chefes, adornados com seus cocares e trazendo seus arcos e flechas, como reproduziu o quadro do pintor paulista Benedito Calixto. Celebra-se a missa solene. Está nascendo a cidade de onde partiriam os Bandeirantes para a conquista dos sertões." E o papel pacificador dos Jesuítas: "Foi nessa ocasião que Nóbrega e Anchieta resolveram ir, corajosamente, conversar com os selvagens insurrectos. (...) Para firmar definitivamente a paz, os selvagens exigiram reféns. Ficou Anchieta. Foi bom; seu comportamento caridoso, sua castidade, suas palavras agradáveis em língua tupi, suas horas de contemplação e silêncio diante do mar, levaram os selvícolas a dizer 'ele não é, por certo, um homem simplesmente como nós; é pessoa do céu.'"

Continuemos a ouvir o Historiador: "A integração dos índios na comunhão lusitana constitui acontecimento básico, sem o qual não teria sido possível a colonização do país."

"Os propósitos dos jesuítas coincidiam com a vocação histórica de Portugal: dilatar a fé cristã."

E é com perfeita justiça que comenta: "Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e do Brasil. Não conseguiu expulsá-los dos corações dos brasileiros, por tudo quanto fizeram em duzentos anos da nossa formação nacional."

Fascinado pelos grandes horizontes históricos, Plínio Salgado ensina os jovens estudantes a compreender o significado dos processos sociais: "Não tardaram, desde o século XVI, os cruzamentos das três raças. (...) Foi se elaborando, no imenso laboratório do Novo Mundo, a expressão de uma nova humanidade."

O momento, trágico para nós, portugueses, em que o trono é ocupado por Filipe II de Espanha, não pode ser sentido com a mesma gravidade por um brasileiro. Assim se explica a demasiada simplificação a que o Autor sujeita o acontecimento do-

loroso: "Em 1580, falecendo D. Henrique, e não havendo herdeiro português, o cetro passou a Felipe II de Espanha." Do mesmo modo se tem de compreender a secura com que recorda que 'uma revolução em Lisboa libertou Portugal do domínio espanhol, sendo aclamado rei o Duque de Bragança, com o nome de D. João IV.' É hoje indiscutível que D. João sucedeu no trono português como herdeiro de Dona Catarina, a neta de El-Rei D. Manuel I a quem cabia a coroa por morte de seu tio o Cardeal-Rei. Guiado por uma escola de historiografia portuguesa teimosamente derrotista, Plínio Salgado ainda diminui a forte personalidade do Duque de Bragança.

Com grande profundidade, acompanha o Autor o germinar da Pátria Brasileira: "Nação é consciência de diferenciação dos demais grupos humanos. Gradativamente, íamos verificando que éramos diferentes da Metrópole. O idioma (prosódia e termos afro-tupis); a indumentária (sob a influência do clima); as construções também sujeitas às condições climáticas; a culinária (síntese afro-asiática-americana); os costumes, subordinados a novas circunstâncias de vida — tudo isso diferenciava o Brasil da Mãe-Pátria. Havia ainda os cruzamentos, com grande preponderância do espírito selvagem de independência. A guerra contra a Holanda e a epopéia das Bandeiras consolidaram nosso sentimento de auto-suficiência.

"Era natural que apontasse, como primeiro sinal da nacionalidade nascente, o nativismo."

Mas nunca Plínio Salgado deixa de olhar na sua real grandeza humana a "Comunidade Lusfada". Porque, uma coisa é a comunidade nacional; outra, o Estado que juridicamente lhe corresponda; outra, ainda, a comunidade supra-nacional, forjada e garantida pela História.

Como é natural, Plínio Salgado defende a decisão do Príncipe Regente D. João, de transferir a Corte para o Brasil. E, entre as habituais razões de que se socorrem os bons historiadores, o grande escritor intervém pessoalmente: "No arquivo do autor deste livro acha-se um documento autógrafo intitulado "Regulamento de sinais que devem observar os navios

do comboio português destinado a sair para os portos da América, sob o comando do Chefe de Divisão Luís da Mota Feio". Traz a data de 1799. E de tudo conclui: "Portanto, não é verdade que D. João VI tivesse vindo fugido; o plano era velho e somente naquela oportunidade tornou-se possível a sua execução."

Constitui página de excelente poder sintetizador a rememoração conscienciosa e clara da "obra gigantesca" do "construtor da nação". Ao cabo dessa longa enumeração, pode o Autor escrever: "A Nação Brasileira estava agora montada institucional e materialmente, para dar corpo, em termos de realidade, aos sonhos inexequíveis dos idealistas do século anterior".

"A gratidão e o respeito por D. João VI só podem dignificar os brasileiros." Aproxima-se o momento crítico, a hora da separação. Com grande objetividade, escreve Plínio Salgado: "A 16 de dezembro de 1816, D. João VI elevou nossa Pátria à categoria de Reino. Ficávamos, como os atuais países da Comunidade Britânica, unidos a Portugal, mas gozando de privilégios que nos conferiam uma vida autônoma. O dia 7 de setembro de 1822 foi a data da nossa separação, quando as Cortes de Lisboa — *as primeiras, seja-me lícito recordar, eleitas por um processo revolucionário* — haviam decidido submeter-nos novamente à condição de colônia, suprimindo todas as regalias que D. João VI nos havia concedido."

Não quero deixar de considerar, nesta rápida viagem por uma obra cheia de encanto, as últimas páginas, dedicadas à vida cultural brasileira. Atendo-me apenas ao período anterior à separação, encontro nesta obra referência mais ou menos precisa aos seguintes escritores: Manuel da Nóbrega, Anchieta, Fernão Cardim, Pedro de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Manuel Morais, Diogo Gomes Carneiro, Antônio de Sá, Francisco de Sousa, Bento Teixeira Pinto, Gregório de Matos Guerra, Eusébio de Matos, Manuel Botelho de Oliveira, Nuno Marques Pereira, Sebastião da Rocha Pita, Jaboatão, Itaparica, Alexandre de Gusmão, Matias Aires, Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Caldas Barbosa, Sousa Caldas, Cláudio Ma-

nuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga, Antônio José da Silva. Infelizmente, de poucos destes nomes tem notícia o comum dos Portugueses. O Padre Antônio Vieira, Frei Francisco de Monte Alverne e Frei Francisco Sampaio são os oradores lembrados. Quanto a artistas plásticos, o Autor cita o Aleijadinho, Mestre Valentim e seus discípulos. Entre os músicos, José Maurício. Nas ciências e técnicas, mostra o Autor como se distinguiram Frei Mariano da Conceição Veloso, José Bonifácio, o Intendente Câmara e Alexandre Rodrigues Ferreira.

Numa hora da vida portuguesa em que os valores pátrios são contestados e conspurcados, faz bem reencontrar Portugal no coração e na inteligência de um grande brasileiro.

Abril 1977.

* HENRIQUE BARRILARO RUAS (1921) — Professor e ensaísta português. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, tem exercido o magistério em estabelecimentos de ensino superior universitário. Obras principais: *Vida do Santo Condestável*, 1956; *A Moeda, o Homem e Deus*, 1957; *Nun'Alvares e a Igreja do Século XX*, 1950; *A Liberdade e o Rei*, 1971.

DE PLÍNIO SALGADO E DA SUA AÇÃO POLÍTICA E LITERÁRIA

Hugo Rocha *

Conheci mal Plínio Salgado. Contudo, não careci de o conhecer bem para o admirar — e, sobretudo, para simpatizar com ele. Foi há muitos anos. Contando alguns amigos no movimento integralista português, um dos quais era Abílio Pinto de Lemos, que viria a chefiar a representação diplomática portuguesa na República Argentina, creio que foi ele quem, durante uma das vindas de Plínio Salgado ao Porto, me apresentou ao chefe do movimento integralista brasileiro, então exilado em Portugal. Houve um almoço informal (passe o neologismo em voga) de homenagem ao literato político, do qual, se não estou em erro, pára ainda, apesar de já passado tanto tempo, a cartolina da ementa entre a minha papelada tão repassada de pó como de saudade. É possível, senão provável, que, entre os oradores eventuais, se contasse a minha obscura pessoa. Mas, ainda que a minha memória não seja de todo má, é-me quase impossível asseverar que tenha dito da minha justiça, perante o inevitável prato de tripas à moda do Porto, réplica tripeira à substancial feijoada à brasileira com que, anos depois, por ocasião das minhas estadas turísticas (ou, melhor, culturais, se este adjetivo não tresanda a presunção...) em terra brasílica, me havia de regalar no Rio de Janeiro, em São Paulo e alhures. Mas, tenha ou não contribuído, oralmente, para essa homenagem portuense prestada ao grande brasileiro que os fados políticos, para nosso bem haviam trazido ao Porto, do que bem me lembro é de haver participado, encantadamente, no audi-

tório que ouviu Plínio Salgado falar do seu Brasil — e do nosso Portugal.

Como não era, nem sou, político e ao meu republicanismo histórico (histórico, elucidado, porque se fundamenta, sobretudo, na herança idealista do meu avô materno, revoltoso militar do 31 de janeiro de 1891) não ficaria bem confraternizar, politicamente, com um integralista puro, mais perto da monarquia que da república, não fiz causa comum, mesmo na simples despretensão da conversa accidental, com o ativista vibrante do integralismo brasileiro, que não viera ao Porto para fazer política, mas a quem os confrades políticos, obviamente, não deixavam de trazer nas palminhas. . . Mas, se não exalte, *et pour cause*, o político exilado, não deixei de prestar homenagem sincera ao político sincero que o ativismo político forçara ao exílio e com cujo ideário político, pelo menos em parte considerável, não deixava de me irmanar. Da ação literária de Plínio Salgado, então, para mim, mais importante do que a ação política, o que mais e melhor conhecia era a *Vida de Jesus*, editada em 1942, no Brasil e reeditada, mais tarde, em Portugal. Como toda a gente que lê, tinha lido algumas biografias do Homem-Deus, além, claro está, das evangélicas, mas nenhuma tivera o condão de me impressionar tão intensa e profundamente como a que o grande escritor, em boa hora, dera a público. Não pretendo, com isto, afirmar que a *Vida de Jesus* de Plínio Salgado seja a maior, a melhor, a biografia por excelência, a biografia “non plus ultra” do Filho Unigênito do Criador. É, porém, a que, mais incisivamente, toca a minha inteligência e a minha sensibilidade. Porquê? Difícil explicá-lo. Talvez pelo halo de poesia, mas de comunicativa poesia humana, que a envolve, a impregna e dela faz, mais do que uma biografia, um poema de transcendente e insuperável expressão. Todos os portugueses, até porque em português da mais pura cepa está vazada, deveriam ler essa verdadeira obra-prima da literatura sacra, que, ao invés de tantas verdadeiras obras-primas

da literatura sacra, não fatiga, não enfada, não acaba por pesar, desagradavelmente, no espírito do leitor.

De Plínio Salgado escritor pouco mais conheço. Um dia, se Deus me der vida e saúde bastante para me deleitar e me retemperar com leituras úteis, farei por ler, senão todos, pelo menos os principais livros desse literato de eleição que, tendo sido um dos corifeus do chamado “verdamarellismo”, ousada corrente suscitada pela Semana da Arte Moderna de 1922, de que foram mentores um Graça Aranha, um Ronald de Carvalho, um Cassiano Ricardo, um Menotti del Picchia, veio a converter-se num dos mais requintados clássicos brasileiros, atrever-me-ei a chamar-lhe assim, daquela estirpe que hauriu os alentos para bem prosar e poetar na pura linfa literária derramada por um Olavo Bilac ou um Machado de Assis. Não me interessa menos, porém, a obra política de Plínio Salgado. Nas páginas de *Literatura e Política*, *O que é o Integralismo*, *Psicologia da Revolução*, *Despertemos a Nação!*, que me interessa deletrear (dos livros políticos de Plínio Salgado só conheço, se não estou em erro, *A Aliança do Sim e do Não*, sem dúvida um dos mais representativos), antevejo tesouros de sã doutrinação política, que, ainda que não adira a esta, não deixarão de, mentalmente, me enriquecer. Praza a Deus que os consiga ler!

O romancista de *O Estrangeiro* é menos conhecido (e, talvez, até, menos admirado) em Portugal do que o doutrinador político do integralismo brasileiro, cuja estatura mental é mensurável pela dos autênticos gigantes do pensamento político. Havendo-se batido, galhardamente, pela sua crença política, num tempo em que o Brasil, como havia de voltar a acontecer, não tolerava desvios ostensivos da linha geral, foi Plínio Salgado um nacionalista puro, radical, cem por cento. Pode não se aceitar a sua gramática política, mas não se pode pôr em dúvida a pureza, o radicalismo, a totalidade do nacionalismo atuante e construtivo que, nos anos 30, agitou, salutarmente, poderosamente, a nação brasileira, com especial relevância para

a sua parte jovem, a quem o verbo oral e escrito de Plínio Salgado e dos seus ardentes pares ideológicos galvanizou e arrebatou. Na História política do Brasil, Plínio Salgado ficou assinalado por um padrão tão sólido e tão alto como o que o assinala na História literária da pujante nação irmã da minha.

Porto, novembro de 1976.

* HUGO AMILCAR DE FREITAS ROCHA (1911) — Nasceu na cidade do Porto. Professor, poeta, jornalista. Sócio n.º 1 do Sindicato dos Jornalistas. Pertence à Real Academia Galega e é condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem do Império Colonial. Dirigiu a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Foi diretor-fundador da revista *Além*, e Presidente do Grupo de Estudos Brasileiros. Obras publicadas, entre outras: *Bayete (crônicas africanas)*, 1933; *Paixão e Morte dum Rapaz Romântico (romance)*, 1942; *Gentio Branco (romance)*, 1943; *Itinerário na Galiza (crônica)*, 1946; *Sotavento (romance)*, 1950; *Viagem sem Fim (romance)*, 1954; *Sinfonia Incompleta do Brasil Maravilhoso (crônicas)*, 1965; *Histórias Fantasmagóricas (contos e novelas)*, 1969.

PLÍNIO SALGADO, ARAUTO DO AMOR

Jacinto Ferreira *

Quando naquela Semana Santa me dispuz a reler a *Imitação de Cristo* a fim de mais recolhidamente me preparar para a meditação dos Mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição do Redentor, longe estava de suspeitar o interesse que me iria suscitar a leitura do Prefácio de Plínio Salgado ao precioso livro de Tomaz Kempis, traduzido por Frei Antônio de Pádua, — a versão que o falecido escritor brasileiro selecionou entre todas para a magnífica edição da Editorial Verbo.

Intimamente possuído do espírito do autor da *Imitação de Cristo*, Plínio Salgado faz uma digressão repleta de espírito crítico pelo campo da vaidade, de tudo o que foi e é vão nos domínios da impiedade e do materialismo, desde os agnósticos aos inimigos declarados de DEUS, estes confessores implícitos da Divindade, pois não se pode odiar o *nada*, ninguém se insurge contra o que *não é*, contra o que considera simples fantasia, sem qualquer fundamento físico.

E assim, ao longo de curtas páginas, faz desfilar Locke, Condillac, D'Alembert, Voltaire, D'Holbach, Nietzsche, Spencer, Darwin, Kant, Hegel e tantos outros. Todos os que, nos tempos modernos, não conseguiram, apesar dos seus esforços, prevalecer contra a Pedra indestrutível da Fé em Cristo.

Partindo do princípio de que na *Imitação de Cristo* se coloca, antes de tudo, a própria concepção do Ser Humano, Plínio Salgado situa, a par desta, as diferentes concepções opostas, considerando que é a ausência de definição do Homem a origem de toda a confusão dos espíritos e das crises que atormentam o mundo em nossos dias.

Entre todos os citados, Plínio vê em Nietzsche a antítese da *Imitação de Cristo*, por se opor frontalmente ao Evangelho, classificando-o como o mais franco, o mais desabrido inimigo de Cristo.

E termina o notável Prefácio afirmando que “Diante do espetáculo do mundo contemporâneo, a *Imitação de Cristo* ganha uma importância nunca atingida nos séculos anteriores”.

Foi escrito este Prefácio em Brasília, no ano de 1961, depois de o autor ter trocado as “oliveiras de Portugal sobre as montanhas da Beira” pelas “palmeiras do Brasil, sobre as colinas paulistas”, já regressado à sua Terra-Natal depois de diluído o ódio político — “o mais cruel de todos os ódios” (Apêndice à *Vida de Jesus*).

Qual Nicodemos, sentia-se dominado pela *Imagem daquela noite*, pois, como confessa, mesmo quando se entregou intensamente à vida pública, “o Divino Mestre era (para ele) uma idéia constante, uma idéia que vinha e ia e tornava a vir” e “quanto mais conhecia os homens mais amava o Mestre”.

Por isso: “o Cristo viverá nas almas e nelas reinará, ainda que, e principalmente quando, os ímpios pretendam havê-lo enterrado de novo e selado definitivamente o Seu túmulo”.

Este Amor absorvente ressalta de muitas páginas dos seus escritos. Assim, no “Auto dos Anjos, dos Pastores e da Estrela” pode-se ler:

“A Paz é a medida justa, e toda a Justiça vem do Amor.”

E ainda:

“Os homens (...) confundem a imobilidade do terror com a serenidade do Amor”.

E a fala do Arcanjo Gabriel esclarece:

“O mais humilde é o que mais souber amar. Amar é saber perdoar. Quem mais perdoa mais ama”.

A isto acrescentam os Anjos Bons:

“Inspiremos o Amor e o perdão aos homens, para que sejam dignos do Amor que se fez Homem”.

Mas Satanás contrapõe a sua fala:

“É preciso que o Amor seja desprezado, humilhado e que os homens riam dele. O Amor é a Verdade. Ninguém mente ao Amor porque o Amor não ameaça; e o Amor não mente a ninguém porque a ninguém teme. A Verdade inspira o Amor, e o Amor gera a Verdade. E o Amor e a Verdade são a Luz, a Luz da Compreensão”.

Que nesta dádiva de si próprio ao Amor, Plínio Salgado se integra no espírito da mesma *Imitação de Cristo* demonstra-o a seguinte transcrição que nos permitimos fazer de uma das páginas admiráveis do piedoso livro:

“Grande coisa é o Amor. Ele faz leve o que é pesado. Faz sentir com ânimo sereno as inconstâncias da fortuna. Faz sentir doce o que é amargo. O amor nasce de Deus e, elevando-se acima de todas as criaturas, não pode descansar senão em Deus. O amor é diligente, sincero, pio, alegre, agradecido, forte, sofredor, fiel, prudente, constante, varonil, sem procurar jamais o seu próprio interesse. Não é frouxo nem leviano. É cheio de ardor (...) porque o amor não se vive sem penas”.

São expressões de semelhante integração no Mistério Sublime do Amor.

Em Plínio Salgado o Amor de Deus transborda de si próprio, e se não atinge os extremos de um São Francisco de Assis, estendendo-se à multidão dos seres criados, sem se deter mesmo ante a Irmã-Morte, não deixa de se derramar largamente sobre o Homem, todos os homens, sobre o seu Brasil, que tanto amou na paisagem, nos costumes e tradições, e também sobre a Lusitanidade, e, portanto, sobre Portugal, sua segunda Pátria, a Pátria-Mãe, cuja glória honrou no frontespício da sua edição da *Imitação de Cristo*, em lápide brônzea e marmórea, ao oferecer-lhe “para uso e meditação da comunidade lusitana de todos mares e continentes, aonde os barões assinalados levaram a Cruz de Cristo”.

É que o Amor quer ser amado. E não só em Si Próprio, como também nas criaturas, em especial nas que são Sua Ima-

gem e Semelhança. Primeiro, amar a Deus sobre todas as coisas. Segundo, amar ao próximo como a nós mesmos.

Na obra de Plínio Salgado respira-se profundamente este sentimento de Amor. Por isso me agrada designá-lo como um verdadeiro arauto do Amor. Amor-Verdade, Amor-Caridade, Amor que é a expressão sensível e sublime do Próprio Deus, Senhor do Céu e da Terra.

* JACINTO FERREIRA (1906) — Professor e jornalista. Catedrático jubilado da Escola Superior de Medicina Veterinária, tem publicado trabalhos da sua especialidade. Foi, enquanto se publicou, director do semanário da doutrinação monárquica *O Debate*. Obras principais: *Para um Verdadeiro Governo do Povo*, 1963; *No Debate das Idéias*, 1973.

O AUTOR DA "VIDA DE JESUS"

João Bigotte Chorão*

A primeira faceta que conheci de Plínio Salgado foi a de orador. Ainda o ouvi. Mas, sendo eu então muito novo, o que me prendia era o sortilégio da palavra; o fio das idéias não podia segui-lo. Era o tempo do êxito da *Vida de Jesus* — esse grande livro que o autor concluiu em Portugal e de que se esgotavam edições sobre edições.

Precedido de tanta fama, não admira que fosse pequeno o grande salão onde Plínio Salgado ia falar. A sessão começaria muito depois da hora marcada. Por qualquer motivo, o orador chegou com grande atraso. No salão dominava já a impaciência, e só o prestígio de Plínio Salgado impedia que a gente se fosse embora. O orador sempre acabou por chegar, e sentiu-se um certo desapontamento na assistência quando viu aparecer aquele homem que parecia desmentir fisicamente a imagem que se faz de um tribuno ou de um gênio. Um Bernanos, ou um Papini têm inscrito no próprio rosto os sinais da virilidade intelectual — e a paixão que os devora. Não assim com Plínio Salgado. Lembrava ele um professor ou um funcionário — nada que fizesse adivinhar, sob aquela aparência correta, o agitador de idéias, o orador eloquente, o jornalista combativo, o escritor polímorfo.

Plínio Salgado começou entretanto a falar — e transfigurou-se. Ninguém mais cuidou do seu aspecto nem se lembrou da longa espera e da hora tardia. O tempo como que foi abolido, o dia-a-dia esquecido. Só existia aquele mago a quem as palavras e as idéias obedeciam. De todas as artes, a oratória é das mais sugestivas porque há um contato direto do orador e do ouvinte, um calor humano que se comunica de um ao outro, um não sei quê de encantamento. Não se vá porém

judgar que a oratória de Plinio Salgado era feita de palavras doces ao ouvido ou de palavras ocamente sonoras. Não, ele não era um charlista ameno nem um orador acadêmico: homem de idéias e homem de paixão, desse contato chispava uma eloquência onde a força da convicção e o intuito de persuadir achavam as palavras mais adequadas e mais calorosas.

O meu segundo contacto com Plinio Salgado foi ainda auricular. Em minha casa ouvia ler a meu pai páginas da *Vida de Jesus* — e nunca mais se me varreram da memória passagens admiráveis, como aquela em que o viandante se defronta com a esfinge. Parece-me ouvir ainda hoje a pergunta inquietante: “Que significa este monstro de granito, na sua imobilidade milenar?”

Mais tarde é que eu li esse grande livro, suma do escritor, do homem e do cristão. É um livro da maturidade, que se vale de todo o cabedal de cultura e de experiência acumulado ao longo de uma vida de estudo, de combate e de sofrimento. Terminada no exílio — e como observa Vintila Horia, o exílio significa a passagem do profano ao sagrado —, e publicada em pleno desastre pessoal e coletivo — a guerra mundial talava campos, cidades, países, homens e mulheres, velhos e crianças —, a *Vida de Jesus* tem impressa nas suas páginas a *via crucis* do autor.

Artisticamente, é como um políptico, uma série de quadros ou retábulos que se podem ver isoladamente, e refletem os vários estilos ou fisionomias do autor — o modernista (vid. o capítulo “Crucificado”), o esteta (vid. “A dança da morte”), o poeta (vid. “Alegria de viver”, “A figueira”), o dramaturgo (vid. “A traição” e “A Ceia”), o político (vid. “A batalha” e “Cristo e César”), o pensador (vid. “O Império Romano”, “Satanás”, “O desfile dos séculos”). Comparada a outras obras literárias sobre Jesus Cristo — como a de Papini, tão violenta, e a de Mauriac, tão febril, — a de Plinio Salgado nada fica a dever-lhes e até se lhes avanta. A *Storia di Cristo* ressent-se do excesso de paixão que nasce da fé reencontrada: o melhor Papini não está ali, mas em *Un Uomo Finito*, no *Gog*, no *Pas-*

sato Remoto; a *Vie de Jésus* também não revela o melhor Mauriac, que se oferece em novelas como *Thérèse Desqueyieux* ou em volumes autobiográficos. No caso de Plinio Salgado, é mesmo na *Vida de Jesus* que o escritor fez render todos os seus talentos e que o homem, ainda não muito avançado em idade mas já muito provado pelo sofrimento, deixa o seu testemunho mais alto.

Depois, em anos de formação, pude ler os editoriais de Plinio Salgado num semanário que ele entretanto animava. Como um velho cabo de guerra que não aceita a derrota e procura reunir as suas forças dispersas, Plinio Salgado regressa para dar combate ao inimigo. As derrotas não o vencem nem as desilusões o tornam céptico.

A mentalidade hedonisticamente burguesa que na sua insensibilidade social julga o comunismo uma questão de polícia (lá estão os agentes da repressão, os tribunais, as prisões para zelarem pelo nosso descuidado viver), denuncia-a Plinio Salgado, que vê nesse egoísmo o melhor aliado do marxismo. Adverte ele: “O comunismo (...) não se acaba com violência, com opressões e fuzilamentos: acaba-se com a extinção das fontes de que ele provém.” E acrescenta: “Sob o ponto de vista intelectual, o comunismo só pode ser combatido eficientemente pela crítica, pelas idéias, no livro, na tribuna, na imprensa. Sob o ponto de vista moral, o comunismo só pode ser combatido pelas medidas que melhorem o sofrimento da massa e pelos exemplos de virtude”. E o nosso autor vê também nesse semialfabetismo que governa as sociedades modernas a causa da livre circulação de todos os lugares-comuns e do êxito de todos os erros. Porque não presume ir além da chinela e vive em contacto com a natureza, o analfabeto atinge não raro uma sabedoria que se nega à auto-suficiência do semialfabeto.

Soube da morte de Plinio Salgado quase por acaso, tão silenciada ela foi na imprensa portuguesa. E pensei, olhando tantas ruínas à minha volta, como fora acertado o diagnóstico do grande escritor quando apontava as consequências funestas

da aliança do sim e do não — essa aliança espúria de que víamos, atônitos, e tarde, demasiado tarde, os frutos podres.

* * *

Quase no fim da vida, pensou Bernanos em abandonar a sua vocação de romancista e de panfletário — que nele tanto se confundem — para escrever só um livro: aquele que tem por protagonista Jesus Cristo. Mas desse projeto não restam mais do que algumas páginas em que há o rastro do seu gênio tumultuoso. Também Dostoievski planejou um livro sobre Cristo — livro que nunca escreveu. Mas Plínio Salgado pôde legar-nos essa *Vida de Jesus* que outra mais bela não conheço. Realizou-se nessa obra como cristão e como escritor. E eu imagino que na hora final a lembrança do seu livro terá confortado Plínio Salgado. Depois de uma vida agitada e, ao menos no aspecto político-social, humanamente fracassada, esse livro era como um travesseiro em que podia descansar a cabeça fatigada. Nele repousava a sua esperança — não a esperança dessa coisa falível que se chama glória literária, mas a esperança de uma outra glória menos passageira e mais alta.

Lisboa, novembro de 1976.

* JOÃO BIGOTTE CHORÃO (1933) — Crítico e ensaísta português. Licenciado em Direito. É diretor literário de uma editora. Obras principais: *O Discípulo Noturno (diário)*, 1969; *Camilo, a Obra e o Homem* (ensaio biográfico), 1979; *O Escritor na Cidade* (ensaios e crônicas), 1986.

EVOCÇÃO DE PLÍNIO SALGADO, ORADOR

João Maia*

De quem mais gostaria de falar era de Plínio Salgado, escritor. Acontece porém, que teria de me limitar à estupenda *Vida de Cristo*, a um romance lido há muito e às conferências feitas em Portugal, ainda hoje de atualidade flagrante. Tivemos, porém, o prazer de ouvir pronunciar algumas dessas conferências e devemos confessar que nunca mais assistimos a uma encarnação tão perfeita de alma, estilo, pensamento, convicção, coerência; — qualidades essas que se iam projetar na emoção dos ouvintes, a cada passo deflagrada em estrondosas ovações. Plínio Salgado persuadia e dominava não de forma barata, com agitar pensamentos já possuídos pelos ouvintes e a que basta um golpe de mão, ou de língua, para fazer explodir. A oratória de Plínio Salgado baseava-se numa escrita em que arte e pensamento se aliavam com liga de metal genuíno. Era um pensador responsável, um ideólogo no bom sentido da palavra, um condutor de povos, um meditador desenganado de abusões e de utopias.

Estou a vê-lo, mais baixo que alto, com um perfil recortado na meia penumbra do noturno salão iluminado com luzes altas, enquanto o auditório pigarreia e arrasta cadeiras, a mesa da presidência se emoldura. Há um momento de silêncio. A um gesto todos se sentam. Uma breve apresentação do orador que todos conhecem, estimam e admiram. Sobre as palmas e antes que Plínio se levante desfolham-se as primeiras notas do Hino brasileiro! Plínio Salgado ergue-se e põe o seu rosto de medalha romana na luz suave que o banha. Fronte escanteada, nariz fino e bem acusado, olhos luzentes e fixos a escutar longinquamente como se os ouvidos lhe tivessem passado para os olhos. O coro terminou o Hino. Todos se sentam de novo.

Plínio Salgado demora, sem um frêmito, apenas os olhos adquirindo amorável mobilidade vão pela sala de canto a canto, sala à cunha. Os lábios vão falar e calam de novo. Um silêncio unânime, uma ansiosa expectativa. De improviso, sacudindo a emoção, num português puríssimo disse mais ou menos isto que recolho de uma má memória e à distância de vinte e tal anos: — “Cantastes o Hino da minha Pátria e pareceu-me que metestes o Brasil dentro desta sala com seus rios e sertões, suas florestas e seringais, seus brejos e suas cidades tentaculares. E eu vi através do tempo homens vossos e meus que andavam por aquela espacidão a cabo erguendo a capela e o moinho de cana e celebrando com amor o matrimônio cósmico das raças. Vi Nóbrega e Piratininga e Anchieta mais ao sul...” E continuou, uns momentos, numa evocação cheia de colorido para em seguida erguer o volume de folhas da sua conferência escrita que ia ser dita — conferência sobre S. Tomás e a filosofia medieval. O que mais me impressionou foi a mescla de pensamento robusto, de inteligência arguta e de lastro de conhecimentos do mundo moderno e de suas carências e positivities. O auditório era um bosque agitado e dócil aos movimentos do orador que não cedia nunca à fácil complacência mas ia adiante com rigor lógico e uma arte espontânea e viril em que a língua cantava e o pensamento esplendia. Fundia-se a vida medieval com a vida moderna por meio dos princípios que tornam viável e humana uma civilização. Estávamos não digo perante um filósofo mas sim perante um *sages* atraído pela vida política, por essa vida difícil de comandar, continuamente distorcida por aventureiros de entendedeiras escurecidas.

Pode dizer-se que a atividade de orador que Plínio Salgado desdobrou em Portugal, nesses anos quarenta, foi de uma eficácia única pelo desassombro, pela preparação esmerada, pelo aturado estudo. Ia-se ouvir um homem que dizia coisas essenciais; e até os meros literatos, palhosos e sem idéias, se rendiam porque o verbo do orador queimava como vitríolo e a poesia andava com ele. Figura impressionante de quem podemos dizer que passou fazendo o bem. Bem perdurável. Depois da sua retirada para o Brasil seu nome era murmurado com

respeito, sua lembrança guardada com amor. Figura cimeira das letras que não são meras tretas. Quando a literatura é só literatura, quando não arfa nela o anelo humano integral, a força do destino, a existência a arder, estamos perante o que Léon Bloy chamava o melhor vomitório a propinar aos imbecis.

A Vida de Cristo de Plínio Salgado é um dos grandes livros da Literatura portuguesa e até da Literatura universal pois se bate à vontade com qualquer Vida de Cristo de cariz psicológico, de respiração humana a que Jesus dá um sopro salvífico.

Um dia, Plínio Salgado passou por Portugal. Vinha da UNESCO onde representara o seu país. Acorreu toda uma multidão a cumprimentá-lo, e o grande escritor ficou admirado e confundido perante a onda de amizade que a sua atuação aqui lhe grangeara. Disse-o. E levantando o pensamento ao drama da Europa profanizada, da Europa grande na técnica e no pensamento de seus grandes Poetas e Pensadores, mas onde Deus é menos sensível no bojo dos Parlamentares e Areópagos — o velho escritor teve um sorriso de compaixão magoada e concitou, num breve *suelto*, os homens de hoje a serem dignos dos maiores europeus que atalaíam os séculos. Parecia um Sólon de novo estilo, sempre cuidadoso da pólis, da cidade, da civilização. Ao saber-se em Portugal a notícia da sua morte, entre muitos e afetuosos desejos que para ele voaram não faltou o de que sejam editadas as suas Obras Completas, os seus ensaios, os seus artigos, os seus poemas. Em Portugal há coisas como esta: há quem leve para o remanso de férias a *Vida de Cristo* de Plínio Salgado e renove a lembrança do seu autor...

* JOÃO MAIA (1923) — Poeta, cronista, crítico. Licenciado em Filosofia, é religioso da Companhia de Jesus e redator da revista *Brotéria*. Obras principais: *Abriu-se a Noite* (poemas), 1954; prêmio Antero de Quental; *Verbo do Verbo* (poemas), 1957; *Ecloga Impossível* (poemas), 1960; *Um Halo de Solidão* (poemas), 1963; *O Livro dos Animais* (apólogos), 1982; *O Mago que Lia a Sina* (contos e lendas), 1960; *Poemas Helênicos*, 1962.

LEMBRANÇA DE PLÍNIO SALGADO

Joaquim Paço d'Arcos *

Quando em meados de 1940 terminei o romance *Ansiedade*, cujo título condizia bem como o estado de espírito dos protagonistas e com o ambiente português da época, e por isso o utilizei, lembrei-me duma passagem, que assinalara, do romance *O Esperado*, de Plínio Salgado, e aproveitei-a para legenda do meu livro:

"Passam, através deste livro, os inquietos, os Inadaptados.

.....

Chocam-se direções contrárias do Pensamento. É o drama do nosso Espírito. Onde não há culpados. Onde tudo é incompreensão.

Este romance não defende nenhuma tese. Expõe uma situação e procura marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada."

De Plínio só conhecia aquele romance e vagamente a sua ação política no Brasil. Na época em que o Fascismo italiano exercia atração e influência sobre políticos que buscavam para a governação modelos de autoridade, ele tentara competir no Brasil com um estadista que no emprego da autoridade não pedia meças a ninguém, Getúlio Vargas. Esmagado o seu movimento, tomou ele o caminho do exílio. E aqui desembarcou, na praia lusitana que já anos antes acolhera, com hospitalidade, os vencidos de outra revolução de sinal oposto, a revolução constitucionalista de 1932 em São Paulo.

Conheci Plínio Salgado e sua mulher na casa acolhedora de D. Adelaide e D. Alberto Bramão — um dos últimos salões

literários de Lisboa. Estreitamos relações de amizade e recorde-me da dignidade com que ele se manteve, exilado político, sem uma palavra de acrimônia ou de comentário à política do seu país.

Em Lisboa, nas forçadas horas vagas, escreveu ele essa admirável *Vida de Jesus*, que foi um dos grandes êxitos literários daqueles anos da guerra, em que os homens se destruíam por métodos paradoxalmente tão bárbaros como sofisticados.

Passada a celeuma e esquecido já o seu golpe conspiratório, regressou ele ao Brasil e reingressou na "sociedade angustiada" de *O Esperado*, que eu evocara no pórtico de *Ansiedade*. Diminuiu com o rodar dos anos a sua inquietação? Ter-se-ia adaptado à nova ordem geométrica, de que Brasília, onde residia por deveres ainda da política, se tornara o símbolo?

O último livro que lhe enviei, de que só fui humilde introdutor, *Missão Diplomática do Conde de Paço d'Arcos no Brasil*, voltou-me às mãos meses depois, devolvido por morte do destinatário.

A fé ardente que o iluminava, e que lhe invejava, permitiu-lhe ir ter com o Senhor, cuja passagem suave e dolorosa nos caminhos deste mundo ele narrara em páginas memoráveis.

* JOAQUIM BELFORD CORRÊA DA SILVA (Paço d'Arcos) (1908-1979) — Nasceu em Lisboa, foi comerciante e jornalista no Brasil de 1928 a 1930, para onde regressou em 1932 e em 1959 "quando realizou diversas conferências em Universidades". Desempenhou importantes funções em Moçambique. Foi chefe dos Serviços de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros (1936) e Administrador por parte do Governo português na Trans-Zambésia Railway Co. Ltd. Foi um dos escritores mais festejados, único possuidor dos três prêmios Eça de Queiroz, Fialho de Almeida e Gil Vicente, para romance, novela e teatro. "Daí que sua obra ficcional seja das mais importantes da modernidade literária em Portugal". (in *A Literatura Portuguesa*, Massaud Moisés). Obras principais; entre outras, *Herói Derradeiro* (ficção) 1933; *Amores e Viagens de Pedro Manuel* (novela) 1935; *Diário de um Emigrante* (romance), 1935; *Ana Paula* (romance), 1938; *Ansiedade* (romance), 1940; *O Cúmplice* (teatro), 1940; *O Caminho da Culpa* (romance), 1944; *Espelho de Três Faces* (romance), 1950; *Memórias duma Nota de Branco* (romance), 1952; *Poemas Imperfeitos* (versos), 1952; *A Corça Prisioneira* (romance), 1958; *A Cela* (romance), 1965.

HOMENAGEM A PLÍNIO SALGADO

Mário Saraiva*

Não tive o gosto de conhecer pessoalmente Plínio Salgado. Foi através da leitura que fiquei admirador da sua alta figura de pensador e de homem de ação e das extraordinárias dimensões do seu espírito.

A obra que nos deixou escrita mostra em plenitude a esclarecida percepção que teve da aguda problemática social, no particular brasileira, mas que, no geral era e é comum a todos os países. Por esse motivo Plínio Salgado alcançou uma acentuada e especial projeção na mentalidade contra-revolucionária extra-fronteiras e extra-continente, tornando-se escritor universal. Ele viu, com toda a clareza, que as ideologias imperialistas, internacionais e totalitárias e, como tal empenhadas numa luta combinada, extensiva a todos os setores do pensamento e da ação, exigiam uma atenta e inteligente contra-ofensiva em todos os mesmos setores.

Para além da doutrinação estritamente política, todos os meios que a facilitem são, para a revolução-subversão, de capital importância. É patente como, precedendo, às vezes, e acompanhando, sempre, a franca propaganda das idéias políticas, a literatura, aparentemente romanceada ou crítica, mas na realidade política, ou o teatro, e a história, muito especialmente, como a própria poesia e a pintura, etc., têm sido objeto de "ocupações" que sugestionam, que falseiam, que induzem, que pervertem e que, no fim, conquistam.

A exacta noção que Plínio Salgado teve deste formidável processo revolucionário apontado à civilização humanista cristã determinou o seu labor, que foi um verdadeiro trabalho de missão e de exemplo. Não custa verificar como ele chegou aos limites das possibilidades humanas, numa dádiva completa ao

seu Ideal. Podemos compreender como a diversidade de gêneros literários, que abarcou, não significa nenhuma dispersão de riqueza de espírito ou diletantismo. Temos de ver, em verdade, na multifacetada personalidade de Plínio Salgado a coerência intelectual que, integrando as partes, fez a unidade.

O "Integralismo Brasileiro" aliou, em sistema, a doutrinação do pensador à necessidade de realização.

Assim como qualquer ação não se compreende sem um pensamento que a inspire e determine, assim também as virtudes doutrinárias não se concebem, nem se justificam, senão como realizáveis.

Encerrados nas suas *torres de marfim* alguns escrevem e não saem daí, não fazem mais nada, porventura ciosos apenas de renome na história literária. Outros tomam as idéias alheias, perfilham-nas e vão para a rua mostrá-las e agitá-las, catequizando. Sem dúvida que uns e outros merecem consideração pelo valor que mostrem, mas por muito que se revelem serão sempre tomados como incompletos, homens ou só de alma, ou só de corpo. Neste sentido Plínio Salgado realizou-se, correndo a vida num afã incansável, da mesa de estudo às revisões tipográficas, da recolhida prece no altar ao agitado comício na praça pública!

Não foi necessariamente pela sua permanência em Portugal que Plínio Salgado aqui deixou uma legião de amigos e de admiradores. Foram os seus primeiros livros que, atravessando o Atlântico antes do Autor consagrado, o anunciaram e impuseram o seu valor à intelectualidade portuguesa. Mas a aproximação e a afinidade que teve com a *escola integralista lusitana* deram-lhe um lugar notável entre os mestres do pensamento contra-revolucionário em Portugal. É essa imagem, de mestre entre os mestres, que continua viva na comovida lembrança e no elevado apreço de quantos de nós tivemos o enlevo de o ouvir ou o proveito de o ler.

* MÁRIO SARAIVA (1910) — Médico e ensaísta português. Obras principais: *Claro Dilema*, 1944; *As Portas da Cidade*, 1976; *Nosografia de D. Sebastião*, 1980; *Outra Democracia* (uma Alternativa Nacional), 1983.

LEMBRANÇAS DE UM AMIGO EM LISBOA

Padre Moreira das Neves *

Por ocasião da morte de Eça de Queirós, escreveu Ramalho Ortigão, em carta de Florença para o Conde de Sabugosa, em 7 de setembro de 1900:

"Eu devo muito a Queirós... Por isso o amo como a um pai. Mas eu posso enternecidamente acrescentar que Queirós... alguma coisa me deveu também... E é por esta secreta razão que, além de amar Queirós como se ama um pai, eu o amava também — e mais carinhosamente ainda! — como se ama um filho".

De certo modo, eu poderei julgar-me igualmente, sem paradoxo, filho e pai de Plínio Salgado.

Filho no sentido espiritual, através de quanto me veio do seu magistério e dos seus impulsos interiores. Pai, na medida em que fui o instrumento circunstancial que serviu para o arrancar ao silêncio a que espontaneamente se reduzira após a sua entrada em Portugal, em 1939, na condição de exilado político.

Em certo fim de tarde, apareceu-me Luís de Montalvor, então empenhado em desenvolver a produção da Livraria Ática, de que fez um grande modelo editorial, pela competência técnica e pelo carinho com que escolhia os papéis e os caracteres gráficos, para alcançar, na mais clara simplicidade, a elegância helênica e o equilíbrio formal dos textos e das capas das obras lançadas pelo seu arrojo de livreiro.

Vinha pedir-me cartões de apresentação da *Vida de Jesus* de Plínio Salgado aos Prelados portugueses.

Foi dias depois que conheci pessoalmente Plínio, quando a sua gentileza me quis agradecer a anuência à solicitação de Montalvor.

O nosso primeiro encontro foi o começo de uma profunda amizade, que jamais conheceria hiatos nem desfalecências. Tornaram-se amigadas as visitas recíprocas, para troca de idéias e impressões, em conversas íntimas que, conforme as circunstâncias, nos ocupavam por momentos ou se prolongavam por horas.

A *Vida de Jesus* foi um êxito extraordinário, talvez só ultrapassado, na sua expansão mundial, pela *História de Cristo* de Papini. Milhares de portugueses a leram e meditaram, mesmo alguns de confessado agnosticismo.

É que, a par do rigor hermenêutico na interpretação das narrativas testamentárias, havia a sedução da linguagem, ao mesmo tempo vigorosa e límpida, com admiráveis toques épicos ou líricos de um excelso pintor de paisagens e desenhador de figuras, em que à doçura dos pincéis de Fra Angélico se sucedesse a força dos traços de Dürer. Firmeza de doutrina, fidelidade à história, capacidade de reconstituição de quadros, visão dos problemas da antigüidade palestiniana e sua discreta aplicação às conjunturas sociais do nosso tempo: tudo ressalta nessa biografia do Divino Mestre oferecida às ansiedades e aspirações dramáticas do mundo, como testemunho de fé e apelo incendiário.

Dirigi-se-me, um dia, um grupo de alunos do Seminário Patriarcal dos Olivais, para eu convencer Plínio Salgado a fazer, naquele estabelecimento de ensino eclesiástico, uma conferência sobre qualquer assunto de caráter filosófico-religioso.

Imediatamente abordado, respondeu-me Plínio:

— Plenamente de acordo. Não desejo, de maneira nenhuma, tratar de questões que possam, mesmo apenas na aparência, criar à roda de mim a mínima suspeita de quaisquer intenções políticas. A tanto me obrigam o respeito e a gratidão pelo País que generosamente me acolhe e que eu estimo como terra dos meus remotos avós e como criador da minha Pátria, assim como o amor inalterável que me vincula ao Brasil e ao seu destino.

Plínio Salgado foi, de fato, ao Seminário de Cristo-Rei.

Presidiu à sessão o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

O orador versou o tema *A Aliança do Sim e do Não*, tratando-o com o nível intelectual de um doutrinador sem hesitações nem ambigüidades, e os transportes contagiosos de um apóstolo.

No final, depois de comentar com os maiores elogios a lição ouvida, volta-se para mim Sua Eminência e diz-me:

— Esta magistral conferência não pode ficar por aqui. Precisa de conhecê-la Portugal inteiro. Desde já o encargo de promover a sua repetição numa sala de Lisboa.

A sala escolhida foi a do Teatro Nacional D. Maria II, que veio a ser pequena para a multidão que acorreu a escutar a palavra de Plínio Salgado. O entusiasmo despertado pôde bem comparar-se ao que, dezenas de anos antes, despertou, no Teatro de S. Luís, a eloqüência transbordante de Leonardo Coimbra, ao falar de *A Rússia de hoje e o Homem de sempre*.

Dali por diante, jamais descansou o insigne tribuno, que, a instâncias de vários Prelados e de Organismos católicos, discursou nas principais cidades portuguesas. Foram todas uma bênção, de Norte a Sul, as suas aparições em público.

E não era menos impressionante a sua vida privada.

Não raro fui dialogar amistosamente com ele, no seu apartamento da Alameda D. Afonso Henriques. Estendiam-se por vezes pela noite a fora os nossos colóquios, em que ele me ensinava sempre alguma coisa nova e eu reaprendia coisas velhas mal aproveitadas ou esquecidas. Era maior do que a minha a sua experiência dos homens e muito mais ajustada e cristalina a sua visão dos acontecimentos. Assim, eram-me preciosos os conselhos de prudência que me repetia, para me conter e orientar na nervosa lufa-lufa do jornalismo.

A sua isenção e nobreza moral iam ao ponto de nunca resvalar em recriminações ou queixas de vítima. Chegou à conclusão de que a correspondência recebida do seu País lhe era, na origem, abusivamente violada. Adoptou então um pseudônimo para as cartas de além-Atlântico, que eram remetidas

ao meu cuidado. Mas, além disto, nada. Nada que denunciasse, no patriota impoluto, quaisquer razões de azedume do desterrado.

Numa das paredes brancas do seu gabinete de estudo e de abelha operosa via-se um imenso mapa do Brasil, com a Bandeira do Cruzeiro do Sul erguida ao lado. Ao alto, uma cabeça de anjo alado, em que brilhavam ainda restos de ouro de algum retábulo antigo.

Em diversas estantes perfilavam-se, em perfeita ordem, milhares de brochuras e encadernações. Eram os seus instrumentos de trabalho. Eram a sua companhia predileta. Filósofos de todas as épocas, sociólogos de várias procedências, historiadores e poetas: de todos se queria próximo Plínio Salgado, para lhes escutar e crivar as idéias, os interrogar como amigos ou adversários, sem medo de se defrontar com Hegel ou Nietzsche, como cheio de respeito e veneração por Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino.

Se se engolfava nas florestas hirsutas dos teóricos heterodoxos, sabia defender-se dos ursos agressivos e das serpentes insidiosas. E, quando se fatigava, saturado de sofismas e dialéticas, inclinava a cabeça sobre a Bíblia ou sobre a *Imitação de Cristo*, pedindo aos Profetas e aos místicos a explicação do Universo e da Vida que não lhe podiam dar os orgulhosos construtores da ciência profana.

Solicitamente Marta, com a ternura e delicadezas de Maria, estava sempre à sua beira D. Carmela, sua Mulher, como vara florida e orvalhada, que era também a sua coluna de fogo no deserto.

Tendo, como ele, Portugal no peito, dedicava-se D. Carmela a entretecer tapetes de Arraiolos ou a bordar ramagens coloridas, ao jeito do artesanato rural, no empenho de levar para o Brasil o segredo dos dedos de tantas trabalhadoras da aldeia que produziam pequenas obras-primas, dignas dos melhores museus etnográficos em qualquer parte do mundo.

A esta presença constante e carinhosa devia Plínio o mais quente e luminoso conforto, sobretudo nas horas ásperas e

amargas, em que a sensação de abandono ou as naturais inquietações quanto ao futuro mais o atormentavam.

Do seu modesto lar, com janelas viradas para as turbulências da rua e para as estrelas do céu, costumava sair Plínio Salgado em romagem às livrarias, aos alfarrabistas, aos antiquários, à Feira da Ladra, na busca alvoroçada de velhos volumes e velhos documentos.

Assim lhe foi ter às mãos, como preciosa surpresa, um diário de bordo, com ilustrações, da frota que acompanhou ao Rio de Janeiro a retirada de D. João VI.

Mais do que a formosa capital moderna, com seus luxos e esplendores, Lisboa era, para Plínio Salgado, a cidade das pedras armoriadas, dos paladinos que a conquistaram e defenderam, dos santos que lhe afeiçoaram a consciência e o coração, dos poetas que a cantaram, e do povo que entoou, há séculos, ladainhas de louvor ou de angústia pelas ruelas da Baixa, ou dançou folias expansivas na alegria das travessas do Bairro Alto e dos largos de Alfama. Em cada colina do burgo e em cada miradouro sobre o Tejo das ninfas camonianas lhe paravam, em manhãs de Sol ou em tardes desenfastiadas, os seus olhos indagadores, tão atentos às sagradas ruínas como às legendas das esquinas e das fontes de mármore que os terremotos não destruíram.

Acrescente-se e acentue-se que não se contentava Plínio Salgado com tais peregrinações de erudito, contemplações de esteta e de emotivo, que gostava de ver e de sentir, até sofrer crepitações de lume nas veias carregadas de seiva lusíada, o que de mais puro e válido descobria nas relíquias de Antanho, e, nas suas andanças pela Província, na grandeza e na graça dos panoramas. Mergulhavam mais fundo as raízes do seu ser e tinha outros vãos o seu espírito. Como cristão que era de credo e mandamentos, não se dispensava de frequentar os atos de culto, participando neles com a piedade de um monge para quem o Evangelho era uma exigência inarredável e a Igreja a sua Mãe estremecida.

Era vê-lo de mãos postas a rezar no primeiro templo de portas abertas e, humildemente ajoelhado, a fortalecer-se na comunhão sacramental.

Após o seu regresso ao Brasil, não se diluíram, com a distância, as nossas relações.

Algumas vezes voltou Plínio a passar por Lisboa, por ocasião de congressos internacionais efetuados na Europa, em que oficial ou particularmente interveio. Os dois nos juntávamos, retomando o fio das palestras de outrora. A mesma lealdade absoluta, o mesmo intercâmbio de pensamentos, a mesma harmonia de almas, mestre e discípulo a divagarem à sombra das mesmas árvores tranquilas ou sob o clarão das mesmas lâmpadas.

Eis o meu testemunho de amigo, pálido reflexo do muito mais que teria a dizer, se não me tremesse a pena, na comoção de recordar o lutador intemorato a quem só a Morte obrigou a embainhar a espada condestabriana, sem manchas de ferrugem nem de sangue.

Lisboa, setembro de 1976.

* PE. FRANCISCO MOREIRA DAS NEVES, (1906) — Nasceu em Gandra (Portugal), a 18 de Novembro de 1906) — Jornalista, Conferencista, Orador Sacro Influente. Foi Chefe de redação do Jornal Novidades, diário católico português, fechado em 25-04-1974, e responsável pelo Suplemento Letras e Artes do mesmo diário. Comendador da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, (pela Santa Sé); Comendador da Ordem Militar de Cristo, pelo Governo Português; Acadêmico Emérito da Academia Mondiale degli Artisti e Professionisti de Roma; Monsenhor, na categoria de Camareiro Secreto de Sua Santidade, concedido por Pio XII nas suas Bodas de Prata Sacerdotais. "Homem, Poeta, Jornalista, Ensaísta, Conferencista, Orador, mas em tudo e sempre, Sacerdote". Em livro publicou: — *Sonho Azul* (sonetos 1931); *A Liturgia dos Mortos* (Etnografia e Crítica, 1932); *São Gonçalo de Mosteiro* (Monografia, 1933); *Antonio Correia D'Oliveira* (Bibliografia com ilustrações, 1934); *Hóstia Flórida* (Lendas eucarísticas e outros poemas, 1936); *As Sete Palavras de Nossa Senhora* (Cantata, 1938); *Leal Conselheiro Infantil*, (Versos, 1940); *Inquietação e Presença* (Miguel de Sá e Melo e o movimento modernista, 1942); *Guerra Junqueiro — O Homem e a Morte* (Prêmio Ramalho Ortigão, do S.N.I., 1943); *Mendigo de Deus*, (Poemas do Sofrimento e da Graça, (1944); *O Grupo dos Cinco* (Dramas Espirituais, 1945); *O Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa*, (Edição Monumental, 1945/48; *Legendas Latinas em Trovas Portuguesas*, (1981). Dirige a Livraria Bertrand e é Presidente da Obra de Proteção aos Leprosos.

PLINIO SALGADO
OU
A CHAMADA DE "OUTRO ALGUÉM"

Natércia Freire *

Nenhum homem, neste caso, nenhum escritor, escolhe um caminho de tão difícil itinerário como o da interpretação do Cristianismo, sem que, para tal, haja recebido uma insistente chamada de um "Outro e Supremo Alguém", usando as palavras esclarecidas, por melhores que as minhas, de Teilhard de Chardin.

Plinio Salgado, que trilhou na sua vida e na sua obra, ásperas sendas de duras perseguições e de resplandescentes relações, é um símbolo perfeito, embora de surpreendentes mistérios, da paixão, em sentido extremado de Amor, à figura de Jesus Cristo.

Pensando nós que Jesus não é um caso arrumado e que a sua metamorfose ou a sua transfiguração, em todos os tempos e homens, é sempre nova, imprevista e revolucionária, há que auscultar, com rigor e humildade, as palavras e as idéias de todos aqueles que se acenderam de espanto, verdade e êxtase, na procura de uma eterna atualidade que os homens por vezes entendem incômoda e inapreensível.

Breves expressões subtis, notas de palavras discretas, dão, ao leitor, que segue já compenetrado da graça que assiste ao escritor, em sua ardente missão, a certeza de estar em companhia de um ser que escuta o invisível, com antenas de sobre-humana agudeza, ele próprio personagem principal de muitas cenas que sabe descrever nas vidas de outrem.

Quem, senão ele próprio, Plinio Salgado, viveu, fora do tempo medido, a magnética fuga ao seu espaço de homem, em

variadas ocasiões, sempre inesperadas, impossivelmente preparadas, e que tão bem descreve na revelação recebida pôr aquele que iria ser S. Mateus?

Este, que outro não era senão o publicano Levi, desde que fitara Jesus, jamais deixaria de pensar no mistério daquele olhar. E "alta madrugada, entre as névoas do torpor, que não chega a ser sono, teve a impressão de que acompanhava o Mestre, por uma longa estrada, levando debaixo do braço o rolo de papiro dos assentamentos da alfândega: nos papiros não havia algarismos marcando dracmas e sestércios, porém versículos de algum profeta".

Toda esta descrição, qualquer escritor agnóstico a poderia fazer. Bastava dar asas à imaginação para o conseguir. Mas já muito poucos colocariam o sonho do publicano na *alta madrugada entre as névoas do torpor que não chega a ser sono...*

Assim se explica o segredo existente entre este homem e Deus, nascido em fundas e essenciais experiências, fluídas revelações, segredo que o conduz por sendas que se poderiam considerar talvez perigosas, porque em seu avanço reflexivo e intuitivo, por pouco roçariam a blasfêmia ou ousariam orgulhosas definições das histórias divinas. Em toda a sua vasta obra, escrita em Língua Portuguesa, Plinio Salgado manifesta-se sempre como um intermediário das forças interiores da espiritualização do homem, que ele revela, como um eixo que rodasse impulsionado por transcendente missão.

Contemporâneo de Teilhard — contemporâneos ambos de Cristo — recebendo de Deus e de uma Humanidade em ascensão, talvez as mesmas irradiações de amor e permanente interrogação que abrasaram o filósofo francês, também ele parece perseguir a verdade de Sto. Agostinho, *Deus fez a matéria fazer-se*, ou nos êxtases e nas fascinantes viagens de Jesus que palmilha geográfica e cosmicamente, repercutir desmesuradamente o louvor Teilhardiano: *Oh carne que és toda alma!*

Nós, que nem sabemos em que consiste a nossa felicidade terrena,⁽¹⁾ que nem vislumbramos porque procuramos tornar

(1) Plinio Salgado

compreensível, um mundo incompreensível, ao recebermos de um escritor que passou pela vida com um destino aparentemente claro, completo e conclusivo, a dádiva de uma aventura que o absorveu integralmente, a aventura divina, entramos com ele na proposição de se preparar para conhecer o homem do futuro, recordando-o. *A carne que nos enclausura não consegue apagar toda a luz interior que conduzimos e para a qual o tempo é indivisível e as palavras "passado" e "futuro" se confundem numa indestrutível unidade.*

Ora nestas suas afirmações, após muitas lutas e interrogações íntimas, após a *visão* de um Cristo, de túnica branca, em plena floresta, se forjou a convicção de Plínio de que, não se sentindo dos melhores, era contudo chamado a dar notícia da vida de Jesus.

É pois de Plínio, nessa obra, que me ocupo e me assombro.

Desde o retrato da traição e do traidor, às múltiplas interpretações do Evangelho, desde a luz com que pinta os locais trespassados de Deus, ou das trevas incendiadas de Satanás, montanhas de martírio e de milagre, palavras peçadas de tantas e tão vivas e tão altas e tão largas e tão humanas e tão transcendentes significados, tudo nos faz deter, perplexos e sublimados, num sortílego encantamento de ler, no homem, a atualidade fremente de um Cristo intemporal.

A biografia de Plínio está impressa nas antologias. A sua bibliografia sabem-na os eruditos. Do amor a Jesus e do amor de Jesus, que ele reconheceu, bem cedo, no regaço de sua mãe, dessa intensa comunicação que perturbou os seus algozes a ponto de não só prenderem o escritor como o próprio editor de a *Vida de Jesus*, é que se espanta o leitor; ser, tão pequeno, quando avalia de que matéria tão ágil é constituída a trama deste Romance e se sente ao mesmo tempo engrandecido porque um homem como ele ousou, iluminado e sereno, a mais difícil simplicidade de uma criatura de Deus: a de ser inocente e sábio por direito divino. Por direito homologado nas pradarias do Céu.

É Plínio Salgado as muitas personagens de a *Vida de Jesus*. Essa, a sua maior glória de escritor, de homem, de novo

evangelista. Se nada se parece tanto com a Via Sacra como a Epopéia Humana, Plínio bem o confirma neste livro infundável.

Infundável tal o Espírito que o anima. O Espírito que, como o vento, no seu dizer de magnética poesia, não se sabe donde vem, nem para onde vai.

Para um poeta português, no Portugal de 1976, estremecido de tão complexas mentiras e tão complexas verdades, um Portugal de tantos e maus retratos, seria com certeza na decifração da sobrevida do Homem, do Filho do Homem, que encontraria a melhor fonte de expressão do grande escritor brasileiro. Ele próprio mais um apóstolo que se insere na cadeia, não de glórias e facilidades terrenas dos cegos e falsos cristãos, mas na daqueles que assim conhece: *Os apóstolos são lapidados, crucificados, degolados, enforcados, mas outros surgem e a luta jamais terá fim até à consumação dos séculos.*

* NATÉRCIA RIBEIRO DE OLIVEIRA FREIRE (1920) — Nasceu em Benavente (Portugal, a 28 de Outubro de 1920) — Professora, Jornalista, autora de contos e novelas. Diretora do Suplemento Artes e Letras, do Diário de Notícias de Lisboa, há vinte anos. No campo artístico começou compondo músicas. É Presidente, em Portugal, da Associação Internacional de Jornalistas e Escritores Latinos; fundadora do Prémio Portugal, que já premiou, dentre outros: José García Niete (espanhol), Enzio di Poppa Volluse (italiano), Jean Londgland (americano), tradutora de poetisas portuguesas. É detentora da Medalha de Ouro, da Junta Nacional Francesa, e do Diploma de Honra n.º 13, da Academia de Jogos Forais de Love Ocean. Por incumbência do Governo, organizou, em 1972, a monumental Exposição do "Luziadas", comemorativa do transcurso do 4.º Centenário da publicação do poema de Luiz de Camões, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Meu Caminho de Luz*, (1939); *Estátua*, (1941); *Horizonte Proibido*, (1942); que obteve menção honrosa no concurso anual do SNI, *A Alma da Velha Casa*, (1943); *Rio Infundável*, (1957); Prémio Antero de Quental, *Anel de Sete Pedras*, (1952); Prémio Antero de Quental, *Poesias Escolhidas*, (1957); *Infância de Que Nasci* (memórias poéticas); prémio Ricardo Malheiros, da Academia de Ciências de Lisboa, *Kiberte em Pedra*, (1964); *A Segunda Imagem*, (1966); *Poëmes Portugais* (Bruxelas), *Intrusos*, (1971); Prémio Nacional de Poesia. Traduziu, de parceria com sua irmã Maria da Graça Freire, romancista, obras de Teatro de Pirandello, Arthur Miller, e romances de Charles Dickens e outros autores. A autora figura em várias antologias nacionais (portuguesas) e estrangeiras, entre as quais se inclui a Enciclopédia Larousse.

UM ROMANCISTA DO MODERNISMO BRASILEIRO — PLÍNIO SALGADO

Amândio Cesar

PARTE II

CRÍTICA LITERÁRIA

Amândio Cesar

João Ameal

João Gaspar Simões

J. L. da Silva Dias

Autor não identificado

UM ROMANCISTA DO MODERNISMO BRASILEIRO — PLÍNIO SALGADO

Amândio Cesar*

Quando se refere na 5.^a série dos “Estudos ao romance de Plínio Salgado, Tristão de Athayde tem estas palavras para com o aparecimento de *O Estrangeiro*: “Sua obra de romancista, revelada até hoje no “*Estrangeiro*”, que se impôs imediatamente, como das poucas páginas fortes e duradouras do movimento literário modernista em prosa — é uma obra interessada. Pertence à categoria dos romancistas sociais, que Graça Aranha anunciou com “Channan” em 1902, estudando o problema da imigração, como “*O Estrangeiro*” voltaria a fazê-lo vinte anos mais tarde. Mas não pertence a essa sub-espécie de romancistas sociais “de tese”, no gênero do Sr. Pedro Motta Lima, por exemplo, com o seu medíocre marxismo literário, deformador da realidade e última moda do modernismo mais asanhado, que vai infelizmente contaminando, com o prestígio da novidade, alguns espíritos poderosos e originais”. Nestas palavras via-se, primeiro que tudo, ter interesse duplo o romance de Plínio Salgado, pois constituía um regresso a uma tradição de romance, que o Autor referido ultrapassara; o outro interesse advinha-lhe do facto de constituir um romance social, sem estar, este, preso aos liames ou directrizes de qualquer partido, fosse este marxista ou não. Por isso *O Estrangeiro* era em si uma das tais páginas fortes e duradouras do movimento modernista em prosa. O que desmente aquelas palavras de Mário de Andrade tão pouco a propósito vindas em “*O Movimento Modernista*”: “Assim Plínio Salgado que, vivendo em S. Paulo, era posto de parte e nunca pisou os salões”. Então o movimento modernista fechava as suas portas e punha de parte

o Autor "das poucas páginas fortes e duradouras do movimento literário modernista"?...

Eis por que, trinta anos depois do aparecimento do romance que imortalizou Plínio Salgado, as palavras de Tristão de Athayde possuem para nós profunda actualidade; eis por que não poderemos dizer o mesmo das palavras de Mário de Andrade, apesar de terem apenas passado sobre elas dezasseis anos! É que o tempo tanto serve para sepultar na sua cinza aquilo que foi escrito com reservado fim; como aquilo que pretendia dar impressão temporal sobre uma obra, a que esse mesmo tempo daria alforria para os dias vindouros.

E não há dúvidas que o romance de Plínio Salgado foi escrito para desafiar o tempo, vivendo embora a sua temporalidade. Quase se lhe paderá chamar um poema dramático à semelhança daqueles que Eliot e Auden nos dariam na poética língua inglesa. Pois que o ritmo em que *O Estrangeiro* foi vivido, pensado e escrito é ritmo de poesia, uma poesia dramática, embora, mas assim mesmo com todos os andamentos de um verdadeiro, de um autêntico poema. E isso dará ainda razão àqueles que pensam ser o romance um poema épico, transposto para prosa. Neste caso de Plínio Salgado o épico da acção funde-se com o viver dramático da figuração: um drama em que as figuras não têm máscara como na antiga tragédia helénica, pois os comparsas são a máscara de si próprios; e isso afastaria qualquer tentativa de aproximação com a filosofia personalista. Ali o que há é vida: vida que se cumpre, que se realiza e na qual o homem ocupa o lugar do centro, bicho número um da criação, mesmo quando ele disse não se aperceba. Há ainda um vago e saboroso simbolismo nos tipos de uma metrópole que se está criando e que está assistindo à sua própria gestação e parto. O simbolismo aqui adiciona-se à história: o Autor é também personagem, é testemunha e juiz, ouve ler e é capaz de ler a sentença. O tempo lhe dará ou não razão. Esta constante é sempre um facto a ter em conta no romance social; pois que o romance social, para ser autêntico documento humano, necessita da permanência do princípio da

não contradição. E esse estava tão vivo no romance *O Estrangeiro* que trinta anos depois ele nos aparece tão vivo como na altura em que Plínio Salgado o viveu, nos aparece tão cristalinamente verdadeiro como quando a primeira edição veio a lume; nos aparece tão despido de idéias preconcebidas como quando a acção se localizava num certo tempo para todos os tempos; e nos surge cheio, pletórico de realidade e de verdade humana, como nos dias do rescaldo da "Semana da Arte Moderna" de S. Paulo". Por isso creio que o romance social é terminologia pouco suficiente para demarcar balisas a uma obra da estatura humana de *O Estrangeiro* — e digo isto porque nesse romance há alguma coisa mais, mas bastante mais, do que o simples anotar de ocorrências do homem em sociedade. Daí a aproximação que fiz com poema dramático e com o simbolismo e a história. Daí poder afirmar-se, sem grande esforço, que este romance de Plínio Salgado está mais perto do neo-realismo (não haja confusão com o realismo socialista...) do que de outro movimento literário qualquer. Só não sendo neo-realista porque o seu Autor o criou quando esse movimento era praticamente inexistente e porque ainda hoje quererá para si a originalidade de um livro que não é pertença de grupos, nem de doutrinas: apenas um romance seu que anunciou tempos e mundos e factos que haviam de vir. Sem messianismos, o tempo futuro deu razão ao tempo que Plínio Salgado imprimira à acção romanesca. Quase tem razão o Oscar Wilde, que um dia escreveu que a natureza copiava a arte...

O drama que está no *Estrangeiro* é o drama da terra que se está fazendo e que a si própria não chega para se realizar. Necessita para isso do concurso alheio, necessita dos imigrantes, que a terra absorverá ou que então permanecerão como ilhas de coral, às quais a maré cheia nada mais fará do que inundar de água, na impotência de as descobrir ou destruir. A msicegenação não será, assim, possível com todos os que chegam até às terras do Sacy; e mesmo aqueles que por consanguinidade serão susceptíveis de uma integração, no corpo e alma da nação nova que lhes abre as portas, hão-de muitas vezes sentir em si a voz do passado, a voz de outras terras,

de outras línguas, de outros costumes, que foram exactamente o seu passado. Se Ivan, o eslavo, é a ilha do coral contra a qual é inoperante qualquer factor, interno ou externo; os italianos que foram no mesmo barco, ainda que vivendo a terra e vivendo da terra, sentirão mais depressa o apelo de além atlântico do que o apelo telúrico do chão em que pousam os pés. Terão as suas organizações, as suas fanfarras, a sua "Dante Alighieri" que constituirá tantas vezes um problema, quantas a memória psicológica trabalhe ao ritmo do passado. Mesmo a riqueza que venham a auferir servir-lhes-á apenas para a desejada ascensão ou pseudo-integração no meio, ligando-se às velhas famílias decadentes. Se o drama de Ivan é o da não integração num mundo novo que tudo lhe dá, pouco pedindo em troca, não integração essa que precipitará a vocação niilista do eslavo; o drama do brasileiro será o de ver os pseudo-integrados chamarem a si a vida da sua Pátria, dando-lhe pouco mais pedindo-lhe tudo, inclusive a consciência de uma passada aristocracia que o não soube ser e que ao dinheiro dos arrivistas vai buscar o lustre de seus nomes carunchosos.

Poderá parecer que a terra brasileira é apenas isto: uma luta de imigrantes, um conflito de raças à procura de um denominador comum e pouco mais. Mas quem tal pensasse ou supusesse — errava. Pois a cota parte maior encontra-se exactamente no brasileiro que, no meio rural ou na metrópole urbana, cria as condições de vida que o Brasil vive — e que, modesto ou venal, sonhador ou céptico, é ainda a consciência de uma pátria, que se tem defeitos na gestação a que vai assistindo e de que é parte maior, nem por isso deixa de constituir uma existência colectiva. Se os Mondolfi, como o quer Plínio, constituem o ciclo ascendente e os Pantojo, o ciclo descendente (matéria demasiado movediça para uma explicação de evolução de classe), não é neles, nem na luta da ascensão ou da queda, que está o futuro do Brasil. Esse devemos procurá-lo na figura do Zé Candinho, o novo bandeirante, ou então, na fixação à terra de um Humberto que sente ser parte integrante da história daquele povo e nada afeito a sentir em si a guerra em que a Europa se esfarela, para mais tarde lançar seus detritos

humanos nos porões dos navios que inundarão de novos imigrantes as terras do novo mundo. E ainda como parte integrante de consciência nacional — realista e sonhador — o mestre-escola, perseguido ou incompreendido, mas sempre lutando para que os outros consciencializem dentro de si o verdadeiro sentido de se ser homem brasileiro.

Para lá de tudo, há as infra-figuras, os venais e os patrioteiros, os que dizendo servir o Brasil se servem a si, e os elementos sociais heterogéneos que a grande marcha do mundo aniquilará nas suas calhas, impenitentemente, cegamente, como no rodado de uma máquina. Afinal o drama de *O Estrangeiro* é o drama do crescimento de uma Pátria e drama tanto maior se, na continuidade do que neste romance ficou assinado, as virtudes se forem escoando e os germes da desintegração se forem multiplicando até ao aniquilamento. Romance social, portanto, neste plano; mas documento dramático do homem, onde este se encontra em toda a sua plenitude, de erros e glórias, de esforços e de lassidões. Por isso ao terminar-se a leitura destas páginas fica dentro de nós, como dentro de um búzio, a vaga música, a surdina de uma qualquer coisa que não saberemos explicar, mas que nos inquieta. Sim: a resultante deste belo e inesquecível poema dramático é a inquietação, quase a angústia de não sabermos prescrutar o que virá depois, por qual trilho tomará a consciência colectiva de uma nação que nos interessa, porque ela é um pouco de nós mesmos, do nosso sangue e da nossa alma.

Trinta anos não bastaram para responder a estas perguntas. E a resposta não a encontramos ainda cartesianamente clara nos sucessos que, ao diante, se nos deparam. A grande obra de arte não é aquela que dá solução a todos os problemas — seria equipará-la a um feiticeiro elixir. A obra de arte autêntica está naquela afirmação de Kierkegaard que parte de um conhecimento cristão autêntico, isto é, inquieto: "*Todo o conhecimento cristão, por estricte que seja de resto a sua forma, é inquietação e deve sê-lo; mas essa mesma inquietação edifica. A inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida,*

para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa para o cristão, a seriedade por excelência; a elevação das ciências imparciais, muito longe de representar uma seriedade superior ainda, não é, para ele, senão farça e vaidade. Mas sério é, eu vo-lo afirmo, aquilo que edifica". Em síntese podia-se dizer aqui, que um romance edificado na inquietação é positivamente um romance sério, sobre o qual as rugas do tempo não desfiguram, por impossibilidade, o seu verdadeiro rosto.

Como se comportam os personagens na engrenagem materialista que dentro de si tem os germes da auto-destruição? Como sentem ou agem? Como vibram e como reagem diante de uma catástrofe que está iminente? E como sucederá isto tudo, se eles são as pedras do drama no qual nós somos apenas as testemunhas oculares, embora em nosso próprio mundo o drama seja igual? Mesmo querendo ver nestas páginas vivas, como o afirma Tristão de Athayde, apenas exteriorização, esta não é mais nada que a ressaca de uma sociedade pouco habituada ao exame de consciência. Assim nos parecerão menos rigorosas as observações do Autor de *Estudos*: "*Querendo dar a sensação da trepidação da vida, e sofrendo a influência inevitável do cinema, como técnica expressiva, e da sua multiplicação interior de pontos de vista, fruto de uma angústia da totalidade que ainda não encontrou a sua conciliação com a Unidade final, — deu-nos um livro excessivamente exteriorizado. Não demora em figura alguma. Nem mesmo em episódio algum*". À observação fácil era responder. Entre os dois caminhos do romance — o vertical ou horizontal — Plínio Salgado escolheu a segunda técnica; mas não abandonou absolutamente a primeira. Consoante a configuração psicológica dos comparsas, Plínio Salgado usou de um ou de outro processo: e se o processo horizontal aparece com mais frequência é que a trama da acção assim o exigia.

É a acção que torna Edmundo Milhomens o instável — porque na acção está o sangue ancestral, a sensibilidade em conflito com o meio, as seduçções da carne perante aquela mu-

lher que ele amou e agora se perdeu, criando-lhe um profundo sentimento de pena que é vencido pelo desejo de a experimentar — caída — como se não fosse a antiga namorada, mas uma mulher qualquer. É uma figura apaixonante, esta, pois nela se encontram os caminhos de perdição e de salvação ainda possível. Como apaixonante é o despertar dos sentimentos morais e religiosos em Avelino Prazeres tócido pela amizade de uma ex-amante, que prefere a amizade pura ao comércio da carne. Figuras como o jornalista capaz de todos os golpes, profissional das coisas sujas da Imprensa; os dois antagonistas, profissionais da política, pensam em tudo menos na sua Pátria, pois esta só lhes serve até ao ponto em que compartilha dos lucros possíveis das negociações em que estão envolvidos; e a figura de Sampson é a ameaça do capital estrangeiro sobre um Brasil que se não encontra, nem encontra quem o ame com todo o coração. Daí a necessidade de "alguém", do "esperado" que salve do lodo o Camurça venal, falsificador e bombista; arranque as filhas da prostituição, disfarçada ou pública, atenda ao drama de Pluto, o aleijado, que percebeu o espírito e a alvorada nova, quando desesperado entrou numa casa qualquer e encontrou Tupã, a própria alma que sonha por cima do pântano.

Quando Plínio Salgado abre o seu romance perguntando — *que angústia é essa?* — logo nos faz escutar o motivo-leito em que decorrerá o poema sinfônico que se segue: "*Há um rumor de angústias e de gemidos, crescendo em torno dos arranha-céus*". Só numa coisa contrariaremos a opinião do Autor: o romance não perdeu como Ele julgou o "*Sentido de 'romance', para ganhar o tom apaixonado de um poema*" — esse tom apaixonado da poesia deu a esta obra uma consciência e uma clarividência tão invulgares e tão dignas de nota, que Tristão de Athayde, encontrando defeitos no livro, não deixa de declarar esta verdade que de princípio vimos defendendo: "*A resposta está nas entrelinhas desse livro, cheio de defeitos, mas poderoso e impressionante, que é um retrato trágico do Brasil de hoje*". Eu acrescentarei que é um poema trágico e impressionante do mundo de hoje.

Reporto-me novamente a Tristão de Athayde ao iniciar estas impressões sobre o segundo romance de Plínio Salgado: "*Nada pior para um autor do que a expectativa do público. As revelações sensacionais devem muito à surpresa. Uma primeira obra medíocre parece mais facilmente ótimo. Tanto mais quanto somos leitores que se cansam facilmente e autores que dão de início o que têm de melhor*". Isto se referia ao aparecimento da primeira edição de *O Estrangeiro* romance que, em trocadilho fácil, antes de o ser já o era. Em boa verdade todos esperaram o segundo grande livro de Plínio Salgado; mas também é certo que nem todos gostaram da forma que o Autor deu à sua segunda obra literária. E, no entanto, visto à distância, este romance não se inferioriza perante o anterior: mas é, isso sim, diametralmente oposto àquilo que muitos deles esperariam. Referi-me, no último parágrafo à inquietação latente de *O Estrangeiro* e citei Kierkegaard para demonstrar até que ponto a inquietação é edificante ou então meio e método de edificação. Neste romance que se segue a "*O Estrangeiro*" eu não poderia falar de inquietação porque esta deu origem à angústia e ao desespero: e toda a angústia, e todo o desespero é cruel. Sim: *O Esperado* é um romance cruel e cruel porque o mundo que nele vive, ou sofre, ou se entrega, ou pretende fazer a compra do seu semelhante — esse mundo que só é paulista, porque a acção está localizada em S. Paulo — é exactamente o nosso mundo que Plínio Salgado retratou e radiografou. Todo o corpo combalido com bela apresentação externa sente a crueldade desse equívoco ao deparar com a sua verdadeira e inequívoca imagem. E nós leitores ao vermos o esfarelamento das classes dirigentes, ao atentarmos na impotência dos meios artísticos, ao depararmos com aquele "*Clube Talvez*" onde a anarquia é a triste imagem de nossos dias angustiosos, ao seguirmos a biografia dos grandes e pequenos comparsas, presos ao rodado de uma engrenagem suicida, não podemos deixar de sentir que isso é assim: mas que tudo isso é cruel.

Lembro-me da transposição do *Retrato de Dorian Gray*; mas esse romance é um puro caso de cinismo em grande estilo; Plínio não é cínico: por isso o seu romance é um caso dife-

rente, a meu ver, do que dele disse a crítica responsável de então. O ser esperado mostra, sem subterfúgios, o quanto o grande público estimou o primeiro romance; o ser incompreendido demonstra até que ponto os homens têm receio de ver a sua própria imagem, o seu retrato em corpo inteiro. E Tristão de Athayde que não gostou muito dele, mas também se não pronunciou muito contra ele, escrevia, ao criticá-lo: "*Mas não se pode de modo algum falar em fracasso. Pois é uma obra vigorosa, intensa, vivida e que ficará como um documento considerável do momento social que vamos vivendo*". Suponho não ter errado muito, ao localizar o romanesco de Plínio Salgado mais próximo do neo-realismo (observando que não houvesse confusão com o realismo socialista) do que de outro movimento de arte. Mas disse também que o romance de Plínio era tão original que ele o não desejaria ver enquadrado em movimentos a que ele estava estranho e a que se não desejaria ligar de forma alguma. Mas é inegável que a sua obra, com todas as preocupações sociais que nela habitam e vivem, é eminentemente documentária. A inquietação humana que dentro de seus romances palpita é basicamente social, pois que o homem se resolve em sociedade, e, estando esta em crise, necessariamente o homem em crise se encontra também. O homem de todos os sectores que se podem, ainda, individualizar. Porque a massa que sobra desta crise — essa é a grande incógnita a que é imperioso dar uma resposta, sem a qual as trevas densas do desespero constituirão não uma surpresa, mas a realidade dramática que o nosso mundo há tanto tempo aguarda apavorado, sem pôr cobro aos vícios e malefícios que a essa solução conduzem. É cruel este romance de Plínio Salgado: porque é cruel a vida social de nossos dias, continuação metódica e progressiva dos dias em que este romance foi pensado e gerado.

Assiste-se, por caminhos diversos e de diversas maneiras, à proletarização dos diversos elementos de uma certa mecânica social; assiste-se à prostituição das meninas, em escala ascendente, desde a mais modesta família da classe média; assiste-se ao jogo descontrolado dos interesses materiais, pondo acima de tudo o lucro de qualquer forma, ainda que seja à custa da alma

e da carne da nação; assiste-se a uma mecanização de todos os movimentos, a uma despersonalização dos caracteres, a um suborno oficializado que deixa na berma dos caminhos as suas vítimas não inocentes. Que fica depois deste brutal desencontro? Oíçamos uma vez mais Tristão de Athayde, a quem o romance não agradou totalmente mas a quem impressionou, sem sombra de dúvidas: *"Em face desse film trágico de uma civilização que se esfacela, vemos surgir o grupo dos intelectuais, reunidos nesse "Clube Talvez" e ostentando em face dessa sociedade materializada até à medula o espectáculo de uma anarquia mental absoluta. É o veneno do nominalismo moderno, que corrói todas as inteligências, como o pragmatismo que corrói as consciências.*

E do fundo do Braz, do bairro operário, da zona das grandes fábricas que vão mecanizando toda a sociedade e triturando os corpos dos que as servem e as almas dos que delas se servem, — nasce a grande mole obscura das forças bárbaras que todas as superioridades sempre arrastam consigo, como a eterna vingança de Caliban, e que são friamente manejadas pelos políticos conservadores ou democráticos, pelos anarquistas românticos ou pelo marxistas geométricos e sistemáticos, que aliás apenas repontam vagamente nas figuras de Mano e Manfredo".

Poucas pessoas teriam feito uma síntese crítica do nosso mundo, como o fez nas palavras que transcrevi e cuja autoria ficou mencionada. Estamos, pois, perante um mundo em crise e estamos perante dois casos totalitários dessa crise: a dos homens e a das idéias. Pode interpor-se, logicamente, a pergunta que sobra destes dois dados concretos — que vai ser de nós? Como responderemos às angústias do nosso tempo, à problemática que se nos põe tão claramente diante dos olhos? Que faremos diante das ameaças que nos vigiam, dos ódios que nos acompanham, da impotência que é a representação das nossas ações. Como?! De que maneira?! Com quem?!

Não chamei, por acaso, cruel, a este romance. E disse, atrás, que ele era tão verdadeiro em S. Paulo, como em qualquer cidade desta Europa corroída dos mesmos vícios que haviam de ser transmitidos ao novo mundo. O problema parece-

me, pois, residir dentro de nós, na consciência que tenhamos do drama de que somos comparsas e possíveis vítimas, julgados todos pela incógnita de uma interrogação que Plínio Salgado põe nas últimas páginas deste romance memorável: *"Quarenta milhões de seres humanos andando. Oitenta milhões de pés, movendo-se, lerdos e pesados, mas inflexíveis e insistentes.*

— Escutem... Há um rumor de passos... O Brasil está andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem do vento. Ouço passos andando... — Para onde?"

Como nos poemas sinfónicos — e eu já atrás me referi à semelhança do romance de Plínio Salgado com o drama poético em que Eliot e Auden deram lugar novo à poesia — *O Cavaleiro de Itararé* é o ponto culminante de um drama: é o seu desfecho. O primeiro andamento era o da inquietação; o segundo, o da angústia dolorosa; agora, o terceiro andamento, é a realidade dramática, apenas isso, a realidade dramática de um desfecho que foi previsão, augúrio, adivinhação — mas agora é tão palpável, como as coisas todas que estão ao alcance dos nossos sentidos. Por esse motivo começa a acção de *O Cavaleiro de Itararé* num movimento arrastado, direi mesmo, lento. Começam seus primeiros acordes num Brasil que nos lembra certos livros de Taunay: o Brasil do passado século, com uma nobreza muito arreigada aos seus pergaminhos, imprevedendo a futura democratização e proletarização; seres que se locomovem em velhos carros de cavalos, dirigidos por velhos cocheiros que nos recordam o quase patriarcal viver de nossos avós. Depois há uma espécie de volta face: os primeiros acordes do poema dramático vão soar com o nascimento de uma criança que será imediatamente trocada no berço: a mudança involuntária dos recém-nascidos só mais tarde terá consequências. O mais tarde é connosco, é com os nossos dias.

O pobre homem pai de tantos filhos será o carinhoso pai de um filho que vem a saber que não é seu; o outro miúdo, o seu sangue autêntico, será o menino prendado de uma família rica, que por descargo de consciência dará educação decente ao filho que sabe pertencer-lhe. E, no silêncio do tempo, as

vidas de um e de outro ficarão separadas, vivendo nos antípodas de uma acção que vai ser gigantesca e acidental. Tudo nasce quando uma rapariga ruiva acompanha à estação um ferroviário, seu namorado “espécie de intermezzo lírico numa acção em que o lirismo não terá lugar”; essa rapariga vai ser vista pelo engenheiro da Companhia Ferroviária que, sem o saber, é irmão daquele homem que vai pôr a máquina em movimento, o qual, sem suspeitar que numa breve troca de olhares irá nascer uma tempestade sentimental que arrastará para a luta da trincheira comunista o fogueiro lírico e que transformará, humanizará o burguês rico, que primeiro pretendeu comprar o amor da moça ruiva e que ao diante viverá um amor intenso, que quase terminaria em morte se o oficial do exército não ensinasse aos três, nas últimas páginas do livro, o sentido do verdadeiro caminho, evitando que o drama de Abel e de Caim se repetisse, pois eram de facto irmãos aqueles feixes de violência, e ele, o que oferece a vida em holocausto de erros que não cometera, o filho legítimo, trocado por engano numa alvorada de vida.

Mas não se limita a este breve esboço o drama do romance. Porque aquilo que fica para lá de uma luta sentimental é o embate de dois mundos antípodas, o choque violento entre duas formas de vida, ambas erradas nas soluções, mas ambas pléticas de seiva e ambas sinceras no lutar violento de seus princípios filosóficos transformados em acção. Aí, sim, está o centro do problema: em que tudo se dá por tudo, quando no combate está a sinceridade dos que lutam, mesmo erradamente, por um mundo melhor.

São os dias violentos da revolução de S. Paulo, que Plínio Salgado dá com um significado que transcende o facto, a ocorrência local, para significar algo mais: o desencontro de nossos dias, em que as coisas parecem embrulhar-se, proposadamente, de modo a evitar qualquer solução digna do homem, realizando-o numa plenitude que tem de sair do sonho, para entrar na marcha viva da humanidade que pretende servir. Mas há também prenúncios de que tudo pode sossobrar na grandiosa realização do homem: se este, em vez de seguir pela via si-

nuosa que o levará a um mundo diferente, prosseguir na senda de Gruber, o inventor da “Associação Recreativa dos Chefes de Família” cuja filosofia corrosiva dizia em síntese que o melhor dos mundos era aquele em que todos os vícios, todas as baldeações do homem, todas as crises se resolviam alimentando essas mesmos vícios, essas mesmas baldeações! E nós testemunhamos, atónitos, o crescer dessa associação, a proliferação tentacular de suas delegações, num ataque de flanco que atinge o cerne da vida, pois atinge a alma das coisas. Esse sórdido materialismo é realmente apavorante: pois é realizado com o cinismo mais traiçoeiro que qualquer um de nós pode conceber. Essa figura de Gruber é bem pior, nos seus indefinidos contornos, do que a de Ivan na tortura que o fará regressar ao seu niilismo integral de eslavo; aqui, não: é o imigrante judeu-alemão que sabe fomentar na sombra o grande cataclismo: pois os grandes desencontros do homem são por certo e serão sempre — aqueles em que os valores se subvertem, muito antes da chegada da catástrofe.

Há ainda a figura de Maranduba — o ingénuo crente nas possibilidades de uma reacção salutar, desde que seja encontrada a “energia essencial” única capaz de chamar à vida a multidão que olha atónita para um futuro a prazo, cujos problemas não conhece, nem na altura própria saberá resolver. A luta deste pequeno crente no futuro do homem é verdadeiramente gigantesca: lembra-nos o pequeno David enfrentando com uma funda o gigantesco Golias! E Golias é de facto o mundo onde ele tenta deitar a semente do seu amor pela Pátria; mas é vão todo o esforço, como nós poderemos ver. A revolução estala e estalam todos os liames que aparentemente seguravam uma arquitectura social em crise permanente.

Há belas páginas dramáticas neste livro: e diga-se de passagem que Plínio Salgado se comporta dignamente para com a coluna Prestes, a “do Cavaleiro da Esperança”, como pelos sertões brasileiros chamaram então ao actual chefe do Partido Comunista Brasileiro. A marcha dessa coluna, a sua heroicidade, mas também o infrutífero da sua acção são-nos dados

com pinceladas fortes de um narrador que sabe lealmente do seu ofício de narrar.

Outros flagrantes nos prenderão a atenção como o dos negros dias em que Pedrinho — lançado no Partido Comunista, por vingança sentimental contra um homem que mais tarde saberá ser seu irmão — vive na Ilha Rafã onde está situado o Campo de Concentração. São dias terríficos estes que Pedrinho vive, só amainados pelo encontro admirável com seu irmão, um velho de cabelos brancos, que chora ao encontrar o irmão mutilado; e como típicas notas de reportagem, aquelas que Plínio Salgado dedica à revolta da *Santa Fé*, navio que seguirá o seu destino levado por homens sem destino, que nem sabem sequer as mais pequenas operações de manobras náuticas, mas que tudo preferem, no seu desespero, até mesmo a morte certa, desde que seja fora daquela ilha de perdição.

Plínio Salgado — no prefácio de *O Cavaleiro de Itararé* — diz que *O Estrangeiro* foi um aviso; *O Esperado* foi um prognóstico; *O Cavaleiro de Itararé* deverá ser: ou uma glorificação ou um anátema à Nacionalidade". Bem sei que o romance foi escrito numa hora de febre; como é certo também que os males de que o Brasil sofre são comuns a toda a humanidade, que, nos nossos tempos, tem vivido da adição das suas crises. Mas esperemos que nenhum de nós tenha de anatematizar a Nacionalidade, para anatematizar, logo em seguida, a humanidade e o tempo em que nasceu.

* AMÂNDIO CESAR (1921) — Nasceu em Arcos de Valdevez, Portugal. Formou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra. Poeta, contista, jornalista e ensaísta. Pertenceu ao grupo da Poesia Nova. Obras publicadas, entre outras: *Batuque de Guerra* (versos), que obteve o Prêmio Antero de Quental, do S.N.I.; *Não Possô Dizer Adeus às Armas*, Prêmio Camilo Pessanha; *Roxo Rei* (novela), que obteve o prêmio italiano Caserta; *Literatura pelo Caminho*, Edit. 4 Ventos — Braga, 1958, de onde foi extraído o texto publicado.

PLÍNIO SALGADO OU A NOVA LUTA POR CRISTO

(A propósito dos seus livros *Como Nasceram as Cidades do Brasil*, Edições Ática-Lisboa, 1946 e *A Imagem Daquela Noite*, Edições Gama-Lisboa, 1947).

João Ameal

Um dos mais recentes historiadores da Filosofia — o espanhol Julian Marías — serve-se desta expressiva fórmula para caracterizar a tendência dominante do pensamento europeu, a partir dos meados (ou melhor: a partir do terceiro quartel) do século XIX: *retorno à tradição metafísica*. Tal é, na verdade, o sentido da corrente que se impôs nos últimos sessenta anos — dentro da qual avultam os nomes de Dilthey, de Brentano, de Bergson, de Husserl, de Scheler, de Nicolau Hartmann, de Martin Heidegger, de Ortega y Gasset, para citar apenas alguns dos mais conhecidos e representativos. Todos — e outros mais — exprimem clara, vigorosa, por vezes luminosa reação contra os velhos e rígidos postulados das filosofias positivistas, deterministas, cientistas, materialistas, que haviam conduzido as inteligências a tristes malogros, a míseros desesperos — e a lamentáveis becos sem saída...

Mas que se passou? Aquela reação enfermava ainda de vícios gravíssimos: intoxicada por largo período de equívocos, rebeldias, contradições, mantinha-se presa a certo número de erros e de preconceitos. Queria libertar-se do estreito cárcere em que se haviam encerrado as escolas precedentes; queria descortinar outros horizontes e dirigir a sua visão para o *essencial*. Desorbitada, porém; desabituada de seguir as verdadeiras normas; receosa de parecer excessivamente *inatual*, tímida ante o risco de a acusarem de simples regresso à Escolástica —

entregou-se a mil arbitrariedades e fantasias, extraviou-se numa terminologia ambígua, alastrou em várias direções que lhe comprometiam a certeza e o ritmo da marcha. Daí proveio (como aponta Maritain, no seu recente volume *De Bergson à Thomas d'Aquin*) "uma perpétua inquietação que incita a constantes inversões de perspectiva e a tentativas caprichosas em que nunca se sabe se um novo capricho tomará o lugar do anterior..."

As filosofias contemporâneas, em vez de se centrarem na matéria — centraram-se na afirmação do primado do Espírito. No entanto, parece que justificam o severo diagnóstico de Sertillanges, no diálogo famoso com Bergson — quando mostrava temer que ao *frenesim materialista*, sucedesse um *frenesim de espiritualidade*; isto é, um *frenesim* de sinal contrário, mas ainda bem longe de trazer a ordem, o equilíbrio — a decisiva paz.

E porquê? Porque a busca da nova *espiritualidade* degenera, com efeito, em *frenesim*; assenta, em geral, sobre as areias movediças do meramente sensível ou desce às funduras turvas do subconsciente. Não possui ainda (ou antes: ainda não recuperou) uma forte armadura intelectual, que a salve de determinados paradoxos e de determinadas quedas. Está ainda eivada das taras fundamentais de uma longa era de desvios, de insurreições e de inversões. Numa palavra: ainda é excessivamente *subjetivista*. Enquanto não reconquistar a *objetividade* perdida — terá de consumir numa ingloria e trágica impotência...

* * *

Vêm estas considerações (que hei-de, querendo Deus, desenvolver pormenorizadamente na mais próxima oportunidade) a propósito da obra e das diretrizes do escritor brasileiro Plínio Salgado — e, de um modo especial, a propósito de dois dos seus últimos livros: *Como nasceram as cidades do Brasil* e *A Imagem daquela Noite*.

De fato, ninguém mais sincera e intensamente *espiritualista* do que o Autor da *Vida de Jesus* e da *Aliança do Sim e do Não*. No entanto, o espiritualismo de Plínio Salgado é dos que

procuram reagir contra o *frenesim* denunciado por Sertillanges. E como? Pela constante invocação da Pessoa do Homem-Deus, cuja Presença, cujo Exemplo e cuja Doutrina são, ao mesmo tempo, Amor e Ordem, Amor e Disciplina, Amor e Hierarquia.

Cristo sempre presente, sempre acatado e obedecido, significa, para o pensador brasileiro — e para quantos se integram há muito no mesmo quadro de valores e na observância das mesmas crenças; e para quantos só agora, ao escutá-lo, se orientam nos autênticos rumos — a certeza do caminho, o amparo na luta, a promessa infalível de Vitória e de Resgate. Trata-se de um princípio *universal* e *salvador*; universal, porque diz respeito a todos os homens; e salvador, porque os defende das próprias fraquezas, lhes dissipa as dúvidas de cada hora, lhes abre as largas perspectivas de uma vida em que podem superar-se e completar-se.

Plínio Salgado escreve, fala, combate, apostoliza sob a luz perene da obediência a Cristo; os argumentos que emprega, são colhidos nas divinas palavras; as imagens que levanta, são sugeridas pelas divinas lições; os apelos que lança, são o eco dos divinos apelos; e todo o seu programa é reimplantar na consciência dos contemporâneos a figura excelsa do Filho de Deus e incitá-los a que O tomem por modelo e saibam voltar ao integral cumprimento da Sua Lei.

Porque assim é; e porque, ao serviço de Cristo, Plínio Salgado usa as armas mais eficientes e mais *atuais*, desenvolve a mais persuasiva (direi até: *a mais imperiosa*) dialética; e porque, no seu verbo de fogo, existe uma espécie de contagioso ardor que provoca, em redor, benéfica e revolucionária efervescência — deixou entre nós tão funda esteira e continuamos a senti-lo ao nosso lado quando, já de longe, nos manda novas páginas cheias de iguais exortações. A sua batalha é a nossa: batalha sem fim pela salvação dos homens, chamei-lhe um dia. Batalha sem fim — e que, todavia, tende a colocar-nos, permanentemente, diante da segura primazia do Fim Último.

* * *

Esta a atmosfera que se respira ao ler *Como nasceram as cidades do Brasil* — e, ainda com maior insistência, ao ler *A Imagem daquele Noite*.

Em *Como nasceram as cidades do Brasil*, Plínio dá-nos larga e fremente série de painéis evocativos. O seu estilo de mestre-prosador expande-se nas vastas descrições de povos, de paisagens, de burgos em plena gênese ou já em desenvolvimento pujante. Alia a erudição à sensibilidade recriadora — para fazer, simultaneamente, história social, etnografia, lirismo, epopéia. Fala-nos, com a melhor eloquência, da imensa e multimoda variedade das gentes e das regiões brasileiras — expressa no friso riquíssimo dos seus climas, dos seus panoramas, dos seus costumes, das suas tradições, das suas idiossincrasias. Reparemos bem, no entanto: é da Unidade que essa variedade provém; é na Unidade que essa variedade se resolve. E onde está a razão de Unidade? Responde-nos Plínio Salgado, em termos inequívocos:

“— Todas essas diferenciações, entretanto, toda essa descontinuidade, essas aparências de contrastes fundamentais e de choques inevitáveis — submetem-se à ação poderosa de um formidável redutor, a trabalhar continuamente, como estatutário inspirado, na construção maravilhosa da Unidade Nacional. É o gênio lusíada. É o espírito dos fundadores de um Grande Império cujo segredo se encontra nas raízes romanas e cristãs de onde provém. Tão grande tradição, pelos Brasileiros, herdada dos Portugueses, constitui a força aglutinadora por excelência, reagindo contra a diversidade do meio físico, a complexidade dos aspectos étnicos e a extensão do espaço geográfico, e sustentando de pé, isento de futuras decomposições, o caráter definitivo de um dos maiores povos do Mundo”.

É, pois, nos fundamentos lusíadas do seu passado e da sua estrutura, espiritual e orgânica, — que reside o nexo essencial da unificação brasileira. O “gênio lusíada” — sublinha-o, adiante, Plínio Salgado — “soube portar-se com superior senso de universalismo diante da terra virgem do Brasil”, como o havia feito em toda a sua ação expansiva e civilizadora através dos vários Continentes.

Nesta justa homenagem ao legítimo e profundo sentido do Imperialismo português — não se confina, porém, o autor aos meros valores humanos e temporais. Sobe, como sempre, mais alto; visa, como sempre, mais longe. Os navegadores de Quinhentos, que da “Ocidental praia” se transportaram aos remotos litorais das terras de Santa Cruz, eram portadores de uma mensagem que os transcendia. “Os Portugueses” — não se esquece Plínio de assinalar, num passo luminoso do seu livro — “desde os primeiros dias afirmaram no Brasil o primado do Espírito. Desviando navios do comércio lucrativo das Índias para fundar uma nacionalidade nova e integrá-la no grêmio de Cristo, puseram as aspirações do Espírito acima dos interesses materiais. Ensinando aos Índios a religião antes da língua do colonizador branco, puzeram Deus acima da sua própria Nação. E como Deus costuma pagar mil por um, deu a Portugal, em troca de todo o seu esforço evangelizador, uma população que orça hoje por quarenta e cinco milhões de habitantes, (*) que falam, cantam e rezam na língua de Camões e que, embora constituindo um País independente, orgulha-se de pertencer ao mundo lusíada”.

Ao mundo lusíada — isto é: ao mundo dos seguidores de Cristo. Uma vez ainda Plínio aponta Cristo como Protagonista da História. Da História de Portugal, como da História do Brasil. E nunca perde de vista, acima da nossa valiosa intervenção nas largas extensões de além-Atlântico — a Divina Razão que a comandou.

* * *

Mais direta, mais empolgante ainda, a presença de Cristo em *A Imagem daquela noite* — que é afinal, a imagem soberana do Crucificado na dolorosa e tenebrosa noite do Calvário. Ergue-se, outra vez, perante nós, o Homem-Deus — vítima dos que não souberam compreendê-lo, merecê-lo, e criminosamente O imolaram entre os seus ódios, escárneos e blasfêmias. Em redor, fermentam os desvairados remorsos da turba assassina, os pavores dos que principiam a adivinhar, na

* N. da Ed.: o presente trabalho de João Ameal foi escrito em 1946.

treva densa, os sinais da expiação — enquanto O deploram e O recordam os discípulos, certos de que, para além da espesura noturna, a madrugada da Ressurreição há-de abrir.

Não se contenta Plínio Salgado com a evocação patética da jornada do Gólgota. Faz-nos reviver o quadro tremendo para nos colocar em frente das perspectivas imutáveis que regem, hoje como então, os nossos destinos. E formula a lição dessa hora crucial na sua atualidade flagrante:

“— O Cristo não veio ao mundo” — apregoa — “para ser apenas tolerado, mercê de uma liberdade que se concede igualmente aos falsos profetas. Veio para ser, ou rejeitado, ou aceito e proclamado. Não nos indicou terceira forma, além da Treva e da Luz. Sabem disso os que ardem na insônia daquela primeira noite depois do crime, uns vendo a própria condenação, e outros a salvação, na imagem do Filho do Homem a agonizar no seu madeiro. Visão de morte e de vida, ela atravessará as idades, ressaltando nas esculturas ou estampando-se nos retábulos, à luz dos vitrais dos templos, na penumbra dos mosteiros, ou recortando-se nas paredes nuas das celas, dos hospitais, dos cárceres, ou coroada de sol, ou batida de invernía, nos átrios das ermidas solitárias e na moldura de ciprestes das necrópoles. Mas estará mais fortemente esculpida, por todo o sempre, na consciência dos homens! O Cristo Crucificado não sairá mais do mundo.”

E logo acrescenta: — “Será por Ele e só com Ele que encontraremos o sentido divino da existência...”

Um dos mais belos trechos de *A Imagem daquela noite* é aquele intitulado pelo Autor “O Menino e o Homem”, em que nos chama a uma espécie de *restauração interior* pelo redescobrimento das puras nascentes da Graça Divina, tais quais em nós fluíram nas jornadas iniciais da Infância. “Homem do meu tempo” — exclama — “experimenta ser criança!” Dirige-se ao “habitante dos arranha-céus”, ao “viajante dos ares”, que no esforço de só por si se governar e se condicionar gastou excessivas energias, se endureceu e ressequiu numa tensão inhumana. E, com veemência implacável que recorda as severas imprecações dos primeiros Apóstolos, brada-lhe: — “Corroe-

ram-te as tuas filosofias, petrificaram-te o coração os frios ingredientes em que distilas o orgulho das fórmulas sociais engendradas por um humanitarismo sem Deus. Mecanizaste tudo e agora pensas em mecanizar a sociedade. A tua paz, a paz que sonhas, é uma paz mecânica, feita de equilíbrio de forças brutas, como o funcionamento inconsciente das máquinas. A tua justiça, a justiça materialista, é a justiça da coação, uma redução dos movimentos sociais e pessoais à rigidez de um sistema de que se abstrai todo o sentido da consciência e da liberdade do Espírito. A tua liberdade é a liberdade da injúria, do sofisma, da calúnia, da vingança, da destruição e do morticínio. E tudo isso porque te esqueceste das imensas possibilidades de candura, de amor, de esperança e de fé que ainda devem existir no íntimo recesso do teu coração”. Enfim, a exortação calorosa e instantânea: — “Homem do século XX, experimenta despertar em ti Aquele por quem Jesus de Nazaré exclamou: — Deixai-os vir a mim, porque deles é o Reino dos Céus”!

* * *

Retorno à tradição metafísica — define Julian Marias. Decerto. O pensamento moderno volta a querer mergulhar as suas raízes dessoradas na fonte inesgotável que pode vivificá-lo, abrir-lhe o acesso à reconquista da plenitude.

Não basta, contudo, procurar as esquecidas vias de *tradição metafísica* nos domínios da pura inteligência. Porque a atividade da inteligência alimentava-se e fortalecia-se, então, do contato permanente com uma fé vivida, generalizada, universal — uma fé que era dádiva generosa, comando indiscutido, imperiosa exigência, clima ético, suprema lei. Quando Plínio nos convida, sem reservas, a aprofundar de novo em nós essa fé *totalitária* e quando, para que tal suceda, nos aponta a Imagem tutelar de Cristo — a sua prédica tende a resolver e a integrar todos os conflitos, todas as deficiências, todas as perplexidades e todos os extravios da mentalidade atual. Tende a superar o que nela ainda perdure dos vícios inveterados de um período de egocentrismo, de degradação materialista, de fenomenismo dispersivo, de culto obsidiante da quantidade, isto é,

da relatividade concreta. A todos esses vícios, que a intoxicam, propõe, pela Imagem e pela Doutrina de Cristo, os antídotos eficazes: ao egocentrismo paralisador, o *teocentrismo* em que tudo se clarifica e ordena; ao materialismo degradante e restrito, a libertação que lhe traz a certeza de uma transcendência criadora e ativa; à pulverização fenomênica, o conceito arquitetural de uma harmonia hierárquica em todo o Universo; aos rasteiros limites do relativo e do quantitativo, aquela direta afirmação do Absoluto já por Goethe considerada imprescindível para saciar por inteiro a aspiração do homem. Só assim se tornará possível que o *retorno à tradição metafísica* venha a dar todos os seus frutos e gloriosamente conduza ao advento promissor da Idade Nova — tal como a esperam, e a reclamam, quantos se não resignam a uma pesquisa sem termo, a uma aventura sem sentido, a um problema sem solução.

Aos seus contemporâneos, erguidos na ânsia de uma espiritualidade reconquistada, que já não seja mórbido *frenesim*, mas abrigo e convalescença — oferece, deste modo, Plínio Salgado a grande, a máxima, a única Resposta.

Cristo — invocado a cada passo, mostrado como farol na estrada, em que o seu sangue inocente brilha como um sol — não é uma abstração, um mito, uma aparição remota. É uma companhia, uma diretriz, um apelo — e *uma Pessoa*. É o Espírito feito de carne. É o remédio para todos os males, o norte para todos os caminantes — a solução unificadora para todas as antinomias da enferma inteligência humana, a pacificadora efusão para a secura e o tormento dos magoados e humanos corações.

Ei-lo de novo, apresentado, em toda a Sua dor e em todo o Seu esplendor, ao pensamento e à sensibilidade dos que se consomem nas perguntas dramáticas e nas infindas angústias da imensa crise moral e mental dos nossos dias.

Ego sum via, veritas et vita. Plínio Salgado ouviu as soles palavras e fez-se um dos novos anunciadores do Rumo que não varia, da Verdade que não muda — e da Vida que perpetuamente se renova!

* JOÃO FRANCISCO DE SANDE BARBOSA DE AZEVEDO E BOURBON AIRES DE CAMPOS, 2.º Visconde e 3.º Conde de Ameal (1902) (Pseudônimo literário: João Ameal) — Nasceu em Coimbra em 23 de agosto. Licenciado em Direito. Pensador católico e nacionalista. Historiador e literato, membro da Academia Portuguesa de História. Obras principais: *O Conde de Sabugosa, profeta do passado*, 1923; *Claridade (prosas contemporâneas)*, 1925; *A Contra-Revolução*, 1928; *Panorama do Nacionalismo Português*, 1932; *Revolução da Ordem (estudo político)*, 1932; *No Limiar da Idade Nova (ensaio)*, 1934 — Prêmio Ramalho Ortigão; *História de Portugal*, 1940 (5.ª edição), 1962; *A Origem do Poder Real e as Cortes de 1641*, 1942, (separata dos *Anais da Academia Portuguesa de História*, vol. VI); *Europa e seus fantasmas (ensaio)*, 1945; *Santo Tomás de Aquino*, 1946; *Panorama de la Literature Portugaise Contemporaine*, 1940; (Editions du Sagittaire-Paris); *História da Europa* (3 vols.), 1961. A presente crítica foi publicada na Revista de Cultura Portuguesa "RUMO", Ano I, n.º 6, 1946 (pág. 278/283).

VIDA DE JESUS

Por PLINIO SALGADO

João Gaspar Simões *

I — Crítica, não, algumas reflexões.

Não quero incorrer no erro em que tenho visto resvalar outros críticos portugueses. Sempre que me aparece qualquer obra que pelo seu caráter particular ultrapassa os limites da minha especialização, faço quanto posso para não proferir juízos sobre ela. Sou um crítico literário, não um crítico especializado em matéria filosófica, histórica ou religiosa. Na pouquidade da minha especialização, procuro ser honesto e justo. Nisso ponho todo o meu ardor de homem de boa vontade.

Vem isto a propósito da obra de Plinio Salgado, *Vida de Jesus*, que tenho há tempos sobre a minha casa de trabalho. Quanto mais não fosse, o seu volume, seiscentas e tal grandes páginas, seria, só por si, uma afirmação de labor e de operosidade digna do maior respeito num país onde os escritores passam o tempo a dizer nos jornais que é ida a época das obras de grande vulto. De fato, a preparação de um trabalho das proporções da *Vida de Jesus* representa anos de meditação e estudo. Perante tamanha soma de trabalho, toda a leviandade crítica se deve deter. Seria falta de honestidade proferir um juízo de meia dúzia de linhas sobre uma obra que tem milhares e milhares delas. Mas há mais. Não se escreve uma vida de Jesus como um romance. Um grande romance escreve-se com gênio. O gênio, pela sua natureza gratuita, conquanto seja muito mais valioso que o labor paciente e erudito, graças à sua natureza profundamente criadora, coaduna-se muito mais facilmente com um juízo rápido que o trabalho de inves-

tigação e recriação histórica que pressupõe uma empresa do vulto desta *Vida de Jesus*.

Parece-me que ninguém deve estranhar, por conseguinte, que eu chame em meu auxílio todos os meus escrúpulos intelectuais para não proferir sobre esta obra qualquer juízo definitivo.

Tudo que vou dizer, não passará de considerações provisórias. Aliás, uma obra das proporções desta tem como mérito capital ser um reservatório inesgotável de reflexões sobre o humano e o divino.

II — Poema, biografia ou polémica?

Poder-se-á ler a *Vida de Jesus*, de Plinio Salgado, com a fluência e a continuidade que é uso dedicar a uma obra de pensamento ou de ficção? Eis o primeiro escolho com que se depara o crítico que pretenda proferir um juízo rápido sobre um trabalho como este. *Vida de Jesus*, graças à sua composição em pequenos trechos, mais ou menos descontínuos na sua elaboração mental, ou mais ou menos fraccionados na fixação dos quadros em que se desenvolve a vida do Divino Mestre, permite um repouso constante do espírito e uma intermitente meditação. Está provado que a atenção se não pode manter vivamente desperta desde que não encontre na leitura aquele "and then" que um crítico inglês, Forster, considera como alavanca propulsora da curiosidade do leitor de romances. Seja qual for a natureza da leitura, a tensão do espírito não se poderá manter desde que lhe não sejam fornecidos sucessivos pontos de apoio. Assim como não será possível conservar tensa uma espia de aço que se não reforce a distância, certas com a rigidez de um braço de ferro, também o espírito do leitor se não conservará vibrante e elástico desde que não encontre na leitura uma série de motivos intimamente concatenados que entre si se completem e uns aos outros respondam. Evidentemente que numa obra da natureza da de Plinio Salgado não pode haver uma tal sucessão de pontos de apoio.

A *Vida de Jesus* participa muito mais da natureza do poema — do poema lírico — que da natureza da obra de ficção ou discursiva propriamente dita.

É, portanto, a *Vida de Jesus* um poema? Não. Não é só um poema. Plínio Salgado escreveu uma espécie de soma. Nesta obra expande-se todo o pensamento, toda a ação, toda a vida, toda a paixão, toda a ética, toda a religiosidade, toda a filosofia, toda a sociologia, toda a combatividade de um homem. Quem está nesta obra não é Jesus Cristo — é Plínio Salgado. Eis em que ela se distingue das vidas de Jesus que se têm escrito. Não é possível defini-la no seu conjunto. Quando dizemos que não é um poema, sendo, afinal, um poema, exprimimos muito da impressão que ela deixa no espírito do leitor. Se, por exemplo, abrimos o capítulo XL, intitulado “O Caminho” podemos ler um trecho puramente biográfico:

“Quando alcançaram Cafarnaum, grande parte daquela gente que estivera na serra e comera dos pães e dos peixes miraculosos, acorreu à praia. Cheios de espanto, os mais audaciosos perguntaram:

— Mestre, quando chegaste aqui?

Com amargura, Jesus respondeu-lhes:

— Na verdade, na verdade vos digo que não me buscais pelo que tendes visto e ouvido, mas porque vos fartastes de pão. Não trabalheis, porém, pela comida que perece, mas pela que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará.

— Vexados e confusos alguns indagaram:

— Que faremos para executar as obras de Deus?

— A obra de Deus, explicou o Mestre, é esta: que creais naquele que Ele enviou.”

Mas não é este o tom dominante do livro. A “Ceia”, por exemplo, já é composta como um mistério. Plínio Salgado chama-lhe mesmo em subtítulo: “Mistério em um ato”. É possível encontrarmos ainda estilos diferentes destes. No capítulo

XXV, “O Divino Mistério”, deparamo-nos com o próprio crítico discutindo os textos em que se apoia. Aí se lê:

“É essa aparente discordância, que não atinge o que há de substancial nos Evangelhos, a pedra de toque pela qual aferimos a veracidade e a autenticidade dos informes. Se o estilo, a construção literária, a ordem cronológica, o método expositivo fossem os mesmos em Mateus, Marcos, Lucas e João, ficaríamos sempre a desconfiar de que os quatro se reduziam, em última análise, a um só testemunho, perdendo todos o valor de documentos históricos.”

Mas vê-lo-emos transitar para o estilo poético, se lermos a “Dança da Morte”.

“Então Antipas fez um gesto. E Salomé começou a dançar.

A harpa, quase em surdina, esmorecia como um horizonte que se afasta.

Salomé desfraldou o véu azulado, à semelhança de uma ave fantástica. Os braços tinham as ondulações misteriosas da fímbria longínqua do Oceano. O corpo era como a palmeira do deserto batida pelo vento. As pálpebras, de longas pestanas, cerravam-se como um cofre de segredos.”

Não se esgotam, assim, as modalidades que esta obra oferece. O pensamento religioso, e beleza poética, a lição divina, o exemplo humano e tudo o mais que se pode extrair de uma vida tão extraordinariamente rica e simbólica como a de Jesus Cristo não são tudo na obra de Plínio Salgado. Se Jesus Cristo viveu e sofreu, Deus feito homem, os homens, como seus filhos, continuam a sofrer na terra os vexames que ele próprio padeceu. E, assim, o tom altamente poético, ricamente literário ou amplamente pictural de Plínio Salgado ganhará, de quando em quando, a coloração irresistivelmente pessoal, quase polêmica. Basta, para isso, que a situação pessoal do escritor se possa identificar com a situação superiormente simbólica do próprio Jesus Cristo. Eis o polemista em ação.

"Os que lêem este capítulo, tendo, acaso, vivido essa vida de caças: tendo atravessado, por serem bons, períodos da existência em que experimentaram as sensacionais emoções de se sentirem perseguidos e acuados como sicários da pior espécie; os que muitas vezes se deitaram temendo que o sono lhes fosse interrompido por uma ordem de prisão; os que chegaram a conhecer os sobressaltos da insegurança, a cada pancada de aldraba na sua porta, os que atravessaram ruas mal iluminadas, receando a cada instante uma punhalada no escuro; os que fugiram de uma cidade para outra, e tornaram a voltar, e de novo fugiram para outra localidade mais distante; os que foram odiados pelos poderosos, desprezados pelos bajuladores dos fortes, abandonados por amigos, traídos por comensais; os que estiveram nas mãos de testemunhas falsas ou de algozes sem entranhas; os que dependeram do teto alheio, e comeram o pão alheio, e peregrinaram, e jornadiaram, incertos do dia de amanhã; e que, apesar de tudo, conservaram a sua fé e aceitaram os sofrimentos que Deus permitiu lhes infligisse o tenebroso inimigo; e, principalmente, os que, tornando-se alvo da estima das multidões, atraíram por isso maior soma de ódio, esses terão, melhor do que ninguém, compreendido estas páginas, e, compreendendo-as, poderão fazer uma pequena idéia do sofrimento de Jesus naqueles dias de doutrinações fascinantes, e milagres assombrosos."

Este tom torna-se ainda mais vibrante em certos passos onde não é possível ao escritor ocultar de todo os próprios ressentimentos pessoais que por ventura possa sentir em relação à sociedade ou aos seus juizes. No Capítulo LXXII, "O Jarro e Bacia", lêem-se estas palavras, cheias de pessoal indignação:

"E Pilatos, naquele momento, entra no misterioso futuro."

Começa a existir, para todo sempre, como o símbolo dos juizes governamentais, dos juizes pusilânimes e e comodistas.

Apenas?

Não. Pois Pilatos será, em todos os séculos, a insensibilidade que caracteriza os corações de mármore ante as tragédias humanas.

A surdez e a cegueira em face da opressão. A indiferença pela desgraça alheia. O orgulho torpe, o egoísmo frio."

III — Reivindicação pessoal

Não conheço todas as obras que se têm escrito inspiradas na paixão de Jesus. Creio, no entanto, que nenhuma haverá comparável à de Plínio Salgado, graças, exatamente, ao seu caráter pessoal e desconcertante. Quando Renan, inspirado nas idéias positivistas do tempo, estudou os Evangelhos para traçar uma biografia de Jesus assente num critério rigorosamente histórico, não pôs nessa empresa o calor de um problema pessoal. O seu ponto de vista era novo e audaz; nesse ponto de vista objetivo e agnóstico se traduzia o seu pessoalismo. No texto, porém, mantém um rigor e uma impessoalidade só traídos pela formosura com que modela os seus períodos repassada de zelo em reivindicar a natureza humana de Jesus. Eça de Queirós, na sua "Morte de Jesus", extraordinária revelação literária dos vinte e quatro anos, embriagada pela leitura de Renan e Flaubert, deixa-nos extasiados perante uma tela cheia de belas tonalidades frias, Gomes Leal faz-se tímido e submisso para murmurar as suas redondilhas místicas, Dickens, realista e fantástico, Mauriac, reprimidamente exuberante, mas todos, mais ou menos, se mantêm objetivos, embora crentes, artistas e sempre artistas. Plínio Salgado, não. Nas seiscentas e tal páginas do seu livro há lugar para tudo, é certo, mas alguém lá não falta nunca, em cada página, em cada linha, em cada frase — Plínio Salgado.

É isto um defeito? Não. Pelo contrário. Não creio possível levar a cabo uma obra deste gênero sem uma intensionalidade pessoal. Os artistas fazem da vida de Jesus um tema de

arte, os filósofos um tema de filosofia, os polemistas um tema de polêmica.

No fundo de Plínio Salgado é o polemista que transparece. Um polemista de fundamento místico? Não. Plínio Salgado é um crente, mas não místico. De fato, ouvi-lo falar tão apaixonadamente dos santos, dos heróis e dos artistas, vítimas das potências maléficas da terra, poderíamos tomá-lo como tal. Mas não. Plínio Salgado não é um místico. Pelo menos, nesta obra, aparece-nos com um político. A *Vida de Jesus*, trabalho consagrado à primeira figura que no mundo levantou a voz pelo pão da eternidade, é, no fundo, a obra de um homem eminentemente social e político que não podendo manter os olhos virados para a terra os torna, momentaneamente, para o céu. É certo que apoia, veemente, o desprezo com que Jesus olhava para os que lhe ofereciam a coroa de rei; é certo que O segue às solidões da Montanha e aí fica orando com Ele longe da turba saciada do pão que Ele por suas mãos multiplicou; é certo que, ao descer à planície, aplaude as palavras com que Jesus adverte aqueles que voltam a Ele não pelo que têm visto e ouvido, mas porque se fartaram de pão; isto não impede, porém, que extraia a cada passo da vida do Mestre lições que aplica aos homens deste mundo com quem parece disputar os bens da terra. Embora não tenha a pretensão histórica de um Renan, Plínio Salgado todo se compraz no estudo das circunstâncias políticas que acompanham a existência de Jesus. E então sentimos vibrar os paralelos, tácitos ou expressos, entre o que foi e o que é, entre o que a história política tem sido e nunca deixará de ser. É possível que este meu ponto de vista seja errado, mas a verdade é que nenhuma das vidas de Cristo que conheço se me deparou uma tão pertinente reivindicação pessoal dos direitos do homem a ser santo ou herói sem esquecer os ressentimentos pessoais.

A *Vie de Jésus*, de Renan, é, de fato, uma reivindicação de um ponto de vista filosófico, Renan exprime na sua obra o pensamento de toda uma época. Plínio Salgado, não. Ou, antes: Plínio Salgado faz tal reivindicação de um ponto de vista nem filosófico nem impessoal, embora comum a muitos homens do nosso tempo. O espetáculo do mundo contemporâneo,

em que por toda a parte campeia a mentira mais impudente, proliferam os métodos mais audaciosos de torcer a verdade, como se lê a página 201 da *Vida de Jesus*, revolta este homem que parece esquecer, assim, falando de coisas temporais onde só deverá falar de coisas intemporais, que a mensagem de Cristo é eterna — durará enquanto o mundo durar. Tal indignação não é filosófica nem religiosa: é política, é social, é pessoal. Sentimos que vem da boca de um homem que acaba de ouvir as notícias do rádio.

Não é esta, por certo, a menor originalidade desta obra. Antes de mais nada, a *Vida de Jesus* de Plínio Salgado, é, como disse atrás, um grande documento humano: uma soma de todas as experiências e dores de um homem que conhece a vida tumultuosa de Ação: a vida política. Publicada no Brasil, onde se esgotaram rapidamente duas edições, esta terceira, devida aos cuidados gráficos de Luís Montalvor, mestre impressor, ingressou no movimento editorial português onde vai ter, suponho, êxito igual ao que conheceu além-mar. A obra merece-o, de fato, e merece-o a edição, valorizada com alguns magníficos desenhos de Lino Antonio. Nada mais direi dela, e o que disse, não quero deixar de o repetir, é nada ao pé do muito que a obra sugere. A outros mais idôneos do que eu compete dizer o que ela sugere no capítulo da história e da filosofia das religiões.

* JOÃO GASPAR SIMÕES (1903) — Nasceu em Figueira da Foz, em 25 de fevereiro. Crítico literário e romancista “dos mais importantes de sua geração”, com intensa atividade, ainda hoje, tendo, em inícios de 1986, visitado o Brasil, como conferencista convidado para as comemorações da obra do grande poeta português Fernando Pessoa. Fundou a revista *Triptico*, em 1924, e, em 1927, fundou e dirigiu com José Régio e Branquinho da Fonseca e revista *Presença*, “de relevante papel na consolidação do modernismo em Portugal”. Obras publicadas, entre outras: *Temas*, 1929; *O Mistério da Poesia*, 1931; *Eloi ou Romance duma Cabeça*, 1932; *Tendências do Romance Contemporâneo*, 1933; *Novos Temas*, 1938; *Eça de Queiroz, o Homem e a Obra*, 1945; *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (2 vol.), 1950; *História da Poesia Portuguesa* (3 vol.), 1955, 56, 59; *História do Movimento Presença*, 1958. A presente crítica foi publicada na secção Os Livros da Semana, do jornal *Diário de Lisboa*, em 29-03-44.

VIDA DE JESUS, DE PLINIO SALGADO

J. S. da Silva Dias*

O conhecido filósofo deísta Samuel Reimarus é o patriarca da imensa prole de vidas de Jesus que, desde fins do século XVIII até princípios do presente, germinou nos cérebros e gemeu nos prelos. Com ele, a asa racionalista começou a rondar o Evangelho e... os corações.

Herder interpretou separadamente os textos sagrados; o célebre doutor Paulus, na sua *Vida de Jesus*, escrita em plena Aufklärung, "esclarece" e simplifica as dificuldades exegéticas, interpretando "naturalmente" os milagres. Schleirmacher passou a plano secundário a crítica histórica, fazendo estudos cristológicos por conta do sentimento religioso.

Estava aberto o caminho para o aparecimento da triste *Vida de Jesus* de Frederico David Strauss, onde o racionalismo se espraia descabeladamente, por sobre as margens da boa-fé e do bom-senso. Reimarus e Paulus não o satisfazem. Recorre ao mito. E a vida de Jesus é o mito em ação.

Renan foi o grande intermediário entre as derrancadas concepções cristológicas do iluminismo alemão e a incredulidade do racionalismo francês. O renanismo chegou mesmo além dos arraiais da incredulidade. A onda da palavra feiticeira do bretão levou-o longe...

Em Binet Sanglé, Jesus é um pobre louco, Nietzsche tem a hora do seu triunfo.

Cristo, orgulhoso racionalista; Cristo, mito simpático e infantil; Cristo, pobre louco; Cristo nunca existiu afinal! Ó Cristo, ó Redentor, sem a tua Misericórdia infinita, ainda haveria motivos para ter esperança na salvação dos homens?

De certo. Porque, ao lado dos profanadores da verdade, ergueram destemidamente a sua voz aqueles que, por fim, vieram a triunfar. A verdade é cristal que o vapor do erro pode embaciar transitoriamente, mas que não é jamais obscurecido em definitivo. É como onda que cavalga as águas, e se desfaz de encontro ao rochedo. Foi temerosa, mas, no areal, é já só espuma...

Enquanto a impiedade desvairava tantos "enfants du siècle", a graça trabalhava silenciosamente nas almas. O "mistério da fé" desenrolava-se ao mesmo ritmo do "mistério da incredulidade", como diria o Pe. Moreira das Neves.

Clément Brentano, anos depois da sua entrada no barco da Igreja, pôs a correr o mundo, em letra de forma, a *Vida de Jesus*, segundo as visões de Catarina Emmerich. O público não lhe regateou acolhimento.

Gratry apareceu em cena; Louis Veuillot, também. Os grandes exaquetas cristãos começaram a surgir. Harnack, entre os protestantes; Didon, Lepin, Fillion, Lagrange, Grand-Maison, etc., entre os católicos. Em breve ia mudar completamente a face dos estudos cristológicos.

Os livros de Gratry e de Didon obtiveram o máximo êxito pelo seu caráter popular e literário. Em nosso século, a literatura cristológica vem redigindo com glória as aberrações do passado. Lembremos aqui, somente, os livros lindíssimos de Papini e de Mauriac.

Em pouco mais de meio século, o racionalismo bíblico perdeu todo o terreno que tão definitivamente pareceu conquistar. O erro é como as ondas: água acastelada que se desfez em espuma...

* * *

...E, afinal, as linhas que antecedem são o epílogo da leitura da *Vida de Jesus*, do conhecido pensador brasileiro Plínio Salgado.

Ao fechar este livro, ocorrem-nos ao espírito a visão do longo e duro caminho percorrido pela inteligência moderna

em presença do Evangelho. A incredulidade suscitou este magnífico florescimento que é a coroa dos nossos dias.

O autor de *O que é o Integralismo* tem atrás de si uma obra extensa que o público e os intelectuais justamente apreciavam. É um consagrado do outro lado do Atlântico.

Plínio Salgado é um temperamento rico de escritor. Domina a língua e as idéias com a mesma facilidade com que o cavaleiro domina o corcel com a pressão dos joelhos.

Nas páginas do seu novo livro, passa o calor da sua alma, vestido no traje da sua linguagem cálida. Não lhe falta sequer aquele simpático aceno de romantismo e de ingenuidade tão próprios dos portugueses da América.

Os homens são um pouco filhos do meio em que nascem e vivem. As planuras de Castela, intermináveis e queimadas pelo sol ardente, dominam o temperamento seco e arrebatado do castelhano; os miasmas das florestas germânicas comunicam a atração do mistério e tonalidades de misticismo à alma alemã. A imensa Amazônia não é estranha ao temperamento brasileiro, de que Plínio Salgado é tão elevada expressão.

Plínio Salgado é filho da sua terra e não renega a herança espiritual que com o sangue recebeu de seus antepassados lusitanos.

A sua *Vida de Jesus* é a última biografia cristã, popular e literária, do Mestre de Belém. Emparceira sem humilhação ao lado da obra forte de Papini e do livro suave de Mauriac. No gênero é o melhor que até hoje se publicou em língua portuguesa. Se fosse escrita em qualquer das grandes línguas européias, teria o mundo inteiro por mercado.

O Pe. Leonel Franca, S.I., conhecido doutrinador brasileiro, saudou o aparecimento do presente volume do seu ilustre compatriota com as seguintes palavras que gostosamente faço minhas: "Neste grande monumento elevado à glória de Cristo colaboram em contínua harmonia a informação exata do historiador, a piedade sincera do cristão e a inspiração sempre delicada e, por vezes, sublime do artista. E a concorrência rara

de todos estes dotes é sempre necessária para escrever uma *Vida de Jesus* destinada a ser, como a sua, a jóia de uma literatura".

Em ter conseguido ser "a jóia de uma literatura", consiste o maior mérito da *Vida de Jesus*, de Plínio Salgado.

* JOSÉ SEBASTIÃO DA SILVA DIAS (1915) — Professor universitário e investigador português. Licenciado em Direito e doutor em Filosofia. Obras principais: *A Política Cultural da Época de D. João III*, 1960; *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, 1973; *Camões no Portugal de Quinhentos*, 1981. Esta crítica foi publicada no suplemento Letras e Artes do jornal Novidades, de Lisboa, em 16-01-1944.

PRESENÇA DE CRISTO EM DOIS LIVROS DE PLÍNIO SALGADO

autor não identificado*

1

Dizia Leopoldo Levaux — um crítico belga desconhecido, segundo creio, em Portugal — haver certas obras que *por si mesmas* julgam os seus autores. Trata-se (acrescenta Levaux) de obras consagradas aos mais amplos temas, fora da medida comum. O simples fato de se dedicar a tarefas dessa ordem classifica e revela a envergadura, não só intelectual mas *moral*, de quem assim volta intrepidamente as costas às facilidades da improvisação e do menor-esforço e tenta empresas de grande vulto e de grande rasgo... Poder-se-ia resumir tal ponto de vista como variante adequada do velho aforismo popular: “diz-me o que visas, dir-te-ei quem és...”

Num momento como este, perante as mil interrogações e apreensões que enchem o horizonte — é a hora dos pensadores e artistas *visarem acima de si próprios*, explorarem não as zonas brilhantes e superficiais do Efêmero, mas aqueles altos domínios em que os problemas do homem, do seu destino essencial, das suas duras lutas, das suas esperanças de resgate, têm de ser vistos em plena claridade, *sub specie aeternitatis*. Só essas vastas perspectivas são dignas de absorver os trabalhadores do Espírito — quando, em redor, se joga um dos maiores dramas de todos os tempos...

...Mas quantos se mostram à altura dos apelos e das responsabilidades do instante que passa?

2

Plínio Salgado interessa-me e comove-me por ser artista — dos autênticos; e, também, por não ser apenas artista.

Quando escreve ou quando fala, domina-o invariavelmente o propósito de cumprir uma alta missão. Fala ou escreve para dar testemunho da Verdade que o transcende, que nos transcende a todos e que hoje, mais do que nunca, importa proclamar e difundir. Ao lê-lo e ao escutá-lo, tomamos contato “com uma alma viva”, segundo a frase do filósofo. Mais: com uma alma que compreende o sentido total da Vida e tem o dom de acordar essa compreensão à sua volta.

Não se extravia em aspectos secundários e em temas episódicos; consagra-se a defender com ardor a Verdade integral, aquela que traz consigo todas as explicações e soluções — numa época em que os homens sofrem, por certo, das fúrias desencadeadas da guerra mecânica, da agitação social e política, da crise econômica, mas sofrem, mais ainda, desse mal de raiz que é a intoxicação do espírito, feita de dúvidas mórbidas, de equívocos pérfidos, de sofismas insidiosos, de problemas supérfluos ou absurdos.

A todos os intoxicados aponta Plínio Salgado a soberana Afirmação que dissipa todas as dúvidas, a soberana Certeza que vence todos os equívocos, a soberana Realidade diante da qual todos os sofismas se esvaem e que suprime ou aclara todos os problemas.

Ao serviço de Cristo — Caminho, Verdade e Vida — põe uma lógica persuasiva e uma eloquência calorosa. Ataca de frente, com destemor, as frágeis mentiras, as paixões empolgantes, os vícios da conduta moral, as graves e ardilosas traições à inteligência. De tudo isso ensina a triunfar com facilidade e segurança. Prepara, de fato, — para empregar a sua conhecida fórmula — a vitória do Sim sobre o Não. Ante um mundo caduco, cheio de mitos decrépitos e de truísmos ociosos, é a demonstração luminosa da perene juventude da Ortodoxia, da eficiência do dogmatismo fundado na Revelação — contra as várias espécies de racionalismo, de evolucionismo, de cepticismo, de materialismo concebidas pela impotente vaidade dos homens.

A Verdade que serve, com fervor de paladino, está acima do espaço como do tempo. Mostra-se, em qualquer momento

da História, sempre válida — e onde quer que soe, em algum canto da Terra, nós a saudamos e nela encontramos a luz na tormenta e a esperança na batalha sem fim.

3

Aqui está um livro que Linares Rivas poderia dizer "*escrito con la sangre del alma*"... Plinio Salgado compreendeu que um relato da *Vida de Jesus* tinha que ser vivido, sentido — ainda mais: *sofrido*. Dir-se-á, por vezes, ao longo dos seus capítulos que tão de perto acompanham os passos de Cristo na Terra, ter o escritor dispendido um esforço para em si mesmo renovar a experiência dessas remotas jornadas, gloriosas e dolorosas. "Não fiz aqui obra de erudição ou de exegese. Estas narrativas são o espelho de um sentimento que vive em mim e tudo explica em mim". Vê-se perfeitamente como Plinio obedeceu a tão profundo sentimento. A comoção, a exaltação com que escreve tornam a sua *Vida de Jesus* uma evocação diferente das outras, um livro *único* acerca de um momento *único* da História do Mundo.

Não se esqueceu, evidentemente, de traçar o quadro da época; fê-lo até com extraordinário vigor. Mas, para além das circunstâncias do meio e do tempo, soube ressuscitar, ante nós, a figura sempre viva e próxima de Jesus de Nazaré. De certo quis assim prestar alto serviço espiritual. No prefácio, encontro estas linhas elucidativas: — "As paixões e loucuras dos homens continuam as mesmas e a necessidade de Cristo é sempre a mesma." Hoje, como nunca, na paisagem devastada — a necessidade de Cristo avoluma-se, cresce ainda... Não há só a batalha dos exércitos; há também a decisiva batalha das idéias, dos conceitos de Deus, do Homem e da Vida. Conforme os que vencerem, tomará a Civilização um rumo de suicídio ou de convalescença...

Bem haja Plinio Salgado por nos oferecer, nesta hora, a palavra cristã da Verdade, do Amor e da Paz. O seu livro é, por isso, — sem falar já nos méritos propriamente literários — um grande livro. Numa crise de inquietação mór-

bida e febril como a que hoje consome a maioria dos homens, recorda as forças que tudo superam e as claridades que iluminam o caminho. Grande livro, por não ser, como tantos, apenas estéril e angustioso rol de perguntas; por ser antes fecundo manancial de respostas!

4

Pode-se dizer que nesta obra há três protagonistas de desigual estatura.

Antes de nenhum, evidentemente, Cristo, Homem e Deus, a quem Plinio Salgado nada tira da sua humanidade, e nada faz perder também da sua divindade. A vida de Jesus é descrita como a de um homem pertencente a uma sociedade e a uma época: mas cada um dos seus atos e dos incidentes que o rodeiam possui estranho, misterioso prestígio. Entre os homens passa, de fato, o sopro do Alto — ergue-se a Presença inconfundível e inefável. Ouça-se um trecho expressivo, que restitui, ao mesmo tempo, o sabor da gente e da paisagem nazarenas e aquilo que, em Cristo, ultrapassa uma e outra:

— "Como era boa, e simples, e sem inquietações torturantes aquela vida com Jesus, sobre os barcos, abrindo as velas ao vento na superfície tranqüila do lago de Genezaré! O sol brilhava sobre as montanhas azuis; as frondes verdes agitavam-se mansamente, emergindo nas ribanceiras; aves cortavam o firmamento translúcido. Quantas vezes, deixando os barcos, o Mestre e os discípulos galgavam a encosta das montanhas, em cujo cimo Jesus gostava de orar! Lá em baixo, ondulavam as searas cor de ouro, subia docemente o fumo dos casais; nas abas das colinas cantavam pastores, pastoreando os rebanhos... A grande lua encontrava os Treze, caminhando pelas estradas brancas; a túnica do Mestre alvejava na frente, e o luar brilhava nos seus cabelos. Tinham assim jornadaado, por aldeias e cidades, onde as multidões se aglomeravam a ouvir a palavra divina e a trazer paralíticos, cegos e surdos, que se punham a andar, a ver e a ouvir, bendizendo o jovem profeta de Israel".

Cristo é o primeiro protagonista do livro. No ambiente corrupto do Império Romano, em que todos os vícios e todos os desvarios se conjugam para levantar na História um grito monstruoso de orgulho materialista — lança Jesus de Nazaré a sua revolução de amor, de justiça, de restauração do homem, de amparo aos humildes, de luta sem tréguas contra os tiranos. Revolução que rapidamente alastra, como incêndio soprado por um vento de cima. Mas atrai sobre o doce Profeta israelita a ira crescente dos poderosos e acaba por tecer à sua volta uma conjura fatal, cujo epílogo será a horrenda jornada do Calvário.

Essa conjura nos leva a falar de outro protagonista do livro: o Homem, na inumerável multiplicidade das suas máscaras, das suas reações, dos seus destinos diversos — mas na unidade substancial da sua frágil argila pecadora. Em frente de Deus feito Homem — a pobre humanidade vulgar não acerta com o rumo. Seguem uns o Mestre; outros, invejam-nO e combatem-nO; outros caluniam-nO e atraíam-nO; outros miraclados, abençoam-nO e aclamam-nO; todos, por fim, O crucificam. Jesus não se surpreende nem se indigna. Como diz Plínio Salgado, “bem conhecia e bem conhece o barro humano; bem sabia e bem sabe dos conflitos desesperadores entre a nossa carne e o nosso espírito; estava certo, como está certo, de que somos todos falíveis, todos susceptíveis de cair muitas vezes, depois de nos havermos levantado; que o homem não pode confiar no homem e que ninguém pode basear a própria virtude na própria invulnerabilidade”. As contradições humanas são-lhe familiares: — “Coragem e cobardia, verdade e mentira, desprendimento e ambição, caridade e egoísmo, fé e descrença, labor e preguiça, pureza e luxúria, sobriedade e gula, paciência e desespero, amor e ódio, afirmação e negação, em suma; o Espírito e a Carne. O Espírito é leve; o Corpo é pesado. O Espírito aspira ao Alto, o Corpo tende para a terra. O Espírito respira a misteriosa atmosfera do Infinito; o Corpo satisfaz-se com o ar cá de baixo. E justamente o fim maior do Nazareno é estabelecer a aliança do Corpo com o Espírito”.

Terceiro protagonista do livro: o próprio Autor. A cada momento, além de narrar os fatos, com extrema fidelidade aos textos evangélicos — comenta e julga. Das luminosas palavras de Jesus vêmo-lo constantemente extrair ensinamentos novos — alguns de especial aplicação aos males do nosso tempo. A sua intervenção, por isso, longe de ser pesada ou indiscreta, converte-se em preciosa ajuda para bem colhermos tudo o que para nós havia, e continua a haver, no exemplo e na lição de Cristo.

Sirvam de eloquente amostra os desenvolvimentos tão oportunos e tão justos acerca do velho motivo, sempre atualíssimo, das relações entre Deus e César:

— “As palavras de Jesus dirigem-se a todos os séculos sempre que este problema se propuser: os limites do Estado, a sua área e profundidade de ação, a natureza de seu governo.

A missão do Estado não é a de Cristo, cujo reino “não é deste mundo”; porque o reino do Estado é exatamente, e somente, “deste mundo”. Sendo o reino de César, ou do Estado, deste mundo, isso não significa que César, ou o Estado, se desinteressem do reino de Cristo, porque o reino de Cristo é para os homens, e César tem deveres espirituais como homem, como os tem na qualidade de chefe de homens.

Os direitos de César, nos limites do seu império, são exclusivos, e tão exclusivos que o próprio César os reconhece e neles não interfere. É claro que César não deverá ultrapassar as fronteiras de seu Império. Quais são essas fronteiras? As do respeito à personalidade humana e a tudo o que dela se origina, pois tais coisas já pertencem ao reino de Cristo. Jamais César deverá penetrar os umbrais da consciência dos seus dirigidos, como estes jamais deverão transpor os arcanos da consciência de César, pois no fundo da consciência o homem pertence exclusivamente a Deus. César não poderá plasmar a consciência dos seus dirigidos conforme seus caprichos, como também seus dirigidos não poderão plasmar a consciência de César, porquanto César é humano, simples cidadão do Reino de Deus, e só ele deverá saber a maneira de melhor cumprir seus deveres de cidadão.

O Povo não pode ser uma criação de César, nem César uma criação do Povo. E toda a vez que César quer criar o Povo, fabrica um monstro; e toda a vez que o Povo quer criar um César, fabrica um Anti-Cristo.

César e Cristo não são antíteses um do outro. Para que César viva não é necessário que Cristo morra; e para que Cristo impere não é preciso que César seja eliminado.

A frase de Jesus é a regra da harmonia perfeita: a César o que é de César, a Deus o que é de Deus”.

Li até hoje algumas *Vidas* de Jesus. Lembro, entre as mais antigas, a venenosa obra de Renan; entre as mais recentes, o forte e belo livro de Papini, ou o de Mauriac, cheio de claridades dramáticas. Nenhuma tanto me impressionou como esta — talvez por em nenhuma ter encontrado identificação tão nítida entre o escritor e o tema. A linguagem de Plínio Salgado aparenta-se à dos próprios Evangelistas: traduz a mesma fé, o mesmo alvoroço espiritual, a mesma vocação missionária.

No final estamos longe de assistir a um epílogo, embora seja o glorioso epílogo da Ascensão. Assistimos, sim, a um começo, a um *ponto de partida*. Terminada a Sua trajetória na Terra, cumprida a Sua missão, nem por isso Cristo deixa de estar ao nosso lado. Pelo contrário: é agora, depois de termos visto desaparecer a Sua transitória forma humana, que O sentimos presente como nunca.

Eis em que estado de espírito se fecha o livro de Plínio Salgado — que se prolonga muito para além da simples leitura e ficará a viver em nós por largo tempo...

5

“Quanto mais Dor, mais Amor!” — exclamou, um dia, um grande filósofo e um grande santo. É na hora em que a Dor se torna mais amarga, mais pungente, mais devastadora — que se devem lançar à terra as sementeiras do Amor prodigioso e misericordioso. Desse Amor que tudo cobre, tudo

salva e tudo vence fala o Autor da *Vida de Jesus*, no pequeno volume complementar a que deu o título de *A Imagem daquela noite*.

Nele se reúnem alguns ensaios e alegorias em que Plínio Salgado continua a ser infatigável pregoeiro da Verdade. Estas páginas são também escritas ao seu serviço — e resolvem-se num insistente apelo.

Pobres dos que fecharem os olhos para não verem e cerrarem os ouvidos para não ouvirem!

A Imagem daquela noite — é, ainda, a Imagem de Cristo. De Cristo crucificado. Do Homem-Deus — vítima dos que não souberam compreendê-lo e miseravelmente O imolaram entre os seus ódios, os seus crimes, as suas blasfêmias. Em redor, agitam-se os desvairados remorsos da turba assassina, os noturnos pavores dos que principiam a adivinhar, na treva densa, sinais de expiação — e, também, a mágua dos que O deploram e O recordam e, pelo contrário, sabem que, por detrás das espessuras da noite, abrirá a madrugada da Ressurreição.

Não se trata, apenas, da evocação de um lance decisivo da História Universal. Plínio Salgado faz-nos reviver o tremendo quadro para nos colocar diante das perspectivas imutáveis que regem, hoje como então, os nossos destinos. E não tarda a formular assim a lição do Calvário, na sua perene atualidade:

— “O Cristo não veio ao mundo para ser apenas tolerado mercê de uma liberdade que se concede igualmente aos falsos profetas. Veio para ser ou rejeitado, ou aceito e proclamado. Não nos indicou terceira forma além da treva e da Luz. Sabem disso os que ardem na insônia daquela primeira noite do crime, uns vendo a própria condenação e outros a salvação na imagem do Filho do Homem a agonizar no seu madeiro.

Visão de morte e de vida, ela atravessará as idades, ressaltando nas esculturas ou estampando-se nos retábulos, à luz dúbia dos vitrais dos templos, à penumbra dos mosteiros, ou

recortando-se nas paredes nuas das celas, dos hospitais, dos cárceres, ou coroadas de sol, ou batida de invernias, nos átrios das ermidas solitárias e na moldura de ciprestes das necrópoles.

Mas estará mais fortemente esculpida, por todo o sempre, na consciência dos homens!

O Cristo Crucificado não sairá mais do mundo. Será inútil fugir d'Ele, escondendo-se no agnosticismo de Pilatos, na ironia de Herodes ou na impenitência do Sinédrio. Ignorá-Lo é impossível. Tentar esquecê-Lo é esforço vão".

Um dos mais belos trechos, "O Menino e o Homem", convida-nos a uma espécie de ressurgimento interior, isto é, a descobrir outra vez as puras nascentes da graça divina — claras e frescas, tais quais em nós fluíram nas jornadas iniciais da Infância. Do que os homens sofrem, acima de tudo, é da perda do *estado de Graça* — e da irreparável nostalgia por ele deixada em cada alma. Mostra-lhes o escritor, como supremo objetivo, a reconquista dessa plenitude, sem a qual não poderão encontrar o remédio para as suas amarguras, as suas ansiedades e os seus problemas.

Ante a imagem daquela tenebrosa noite do Gólgota, Plínio Salgado ilumina, com seu verbo de fogo, os rumos promissores do Novo Dia!

* AUTOR NÃO IDENTIFICADO: Apresentação, pág. 13.

PLÍNIO SALGADO

O HOMEM, A ATIVIDADE, A OBRA-PRIMA

Paulo Mendes, A. 12

PARTE III

ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Entretanto, quando se encontra a obra de Plínio Salgado, não se pode deixar de notar a importância da obra de Plínio Salgado para a história da literatura brasileira. A obra de Plínio Salgado é uma obra de grande importância para a história da literatura brasileira. A obra de Plínio Salgado é uma obra de grande importância para a história da literatura brasileira.

PLÍNIO SALGADO, *La Vida de Juan, Nueva Edición*, Paulinas, 1974.
12 - Nova de Salgado, de Plínio, em 1975, de Plínio Salgado.

PLINIO SALGADO:

O HOMEM, A ATIVIDADE, A OBRA-PRIMA

Padre Mondronse, S. J.*

Apresentando a *Vida de Jesus* de Plinio Salgado, aos leitores italianos, somos obrigados, por força das circunstâncias, a tratar também, ainda que rapidamente e de passagem, da sua vida e das suas atividades, certos de contribuir para que melhor se compreenda e se aprecie o livro, talvez o mais representativo da sua fé e da sua arte.⁽¹⁾

A bibliografia deste escritor chega a uma trinta obras⁽²⁾ e nenhuma delas jamais deu a impressão de ter sido concebida com o ocioso academismo de quem escreve somente pelo prazer de escrever ou com a ilusão de interessar a outrem, em coisas pelas quais nem ele mesmo se interessa.

Entre os livros de Plinio Salgado, não há um sequer que não satisfaça a uma íntima e viva exigência espiritual e não seja um testemunho do ideal cristão, ao qual está dirigida toda a sua vida de indivíduo e de cidadão e no qual se enquadra a sua visão do mundo. Cada livro seu, não é somente um prazer, pois que ele conhece e maneja bem o segredo de tornar agradável a leitura, mas é um impulso que vai diretamente às inteligências e as faz pensar. A arte de escrever é para ele uma arma a serviço da idéia.

Escritor robusto e fecundo, é também um fecundo orador. Plinio Salgado pode falar três ou quatro horas em seguida sem dar o menor sinal de cansaço e sem cansar. Além da palavra brilhante, ductilíssima e agradável, o público encontra nas suas conferências: uma riqueza de pensamento, não comum, uma

(1) P. SALGADO; *La Vita di Gesù*, Roma, Edizioni Paoline, 1954.

(2) Nota do Editor: Ao falecer, em 1975, deixou Plinio Salgado 80 obras.

aderência constante à realidade da vida, uma fé inabalável na perene validade da mensagem cristã para a renovação interior dos indivíduos e para uma melhor organização da sociedade, uma força de persuasão que o tornou temível aos adversários de toda ideologia, mais que tudo encontra aí um ardor que se comunica e que não provém somente de seus dotes oratórios, mas, ainda mais, da sua têmpera de apóstolo.

Não diremos que os argumentos aos quais se estende a sua obra de escritor são extraordinariamente vários. Todavia abrangem a poesia e as narrações, a leitura infantil e a crítica literária, os esboços de filosofia política, sociologia e moral, as impressões de viagem e as elevações de geografia sentimental, os artigos de lutas de partido e os comentários de alguma encíclica pontifícia, etc. Onde ele julgou útil a sua intervenção pela causa da família e do indivíduo, da religião e da humanidade, Plínio Salgado não hesitou em vir à arena e lutar.

* * *

Plínio Salgado nasceu em 1895, em São Paulo, no Brasil.

Durante o curso de seus estudos, especialmente universitários, quando se matriculou na Faculdade de Direito,⁽³⁾ sentiu ele mesmo uma certa queda no nível da vida religiosa. Era no tempo em que as aberrações ideológicas que inundavam toda a Europa não pouparam nenhum dos países tradicionalmente católicos da América Latina. E como sucede em toda parte, por primeira lhes sentiu o influxo, difundidas que foram pela imprensa e nas cátedras, a juventude universitária.

Mas o jovem Plínio Salgado foi feliz, por ter conseguido superar o combate com apenas uma leve diminuição de entusiasmo. Na realidade a sua fé permanecera intacta e bem depressa ter-se-ia avolumado num fervor de atividade que foi e ainda é o fruto genuíno das suas convicções religiosas.

(3) N. do E. — Equívoco biográfico: Plínio Salgado jamais cursou a Faculdade de Direito.

Mas a ocasião em que a sua fé se mostrou verdadeiramente tetrágona e obteve do seu coração de crente a mais conspícua homenagem, como a *Vida de Jesus*, foi a hora da provação.

Este brasileiro não é um amante da vida sedentária. Tendo lido inteligentemente o Evangelho, num determinado momento ele quase o sentiu queimar-lhe as mãos. Viu pulsar em seu íntimo uma mensagem em elevado potencial, uma conclamação, que não permite, a quem recebe, uma fé quietista, mas lhe instila a febre da ação. A proposta feita por Pedro a Jesus, transfigurado no Tabor, de fixarem lá em cima a sua morada, pode ser compreendida, antes da Paixão. Mas o pescador evitou bem repeti-la depois do mandato apostólico e, mais ainda, depois que o Paráclito nele acendeu o fogo devorador do apostolado.

Com a confiança nas riquezas inesgotáveis que temos no Evangelho e a firmeza tão própria das naturezas exuberantes, Plínio Salgado perguntou que se teria podido fazer para que a doutrina do cristianismo fosse fermento de real renovação, mesmo na vida social e política, especialmente na sua pátria. No entretanto, nele se ia desenvolvendo e tomando corpo a idéia de um programa de ação a ser lançado em todo o Brasil. Plínio Salgado dedicou-se principalmente a duas coisas: fortalecer sua vida religiosa e imprimir em todos os seus escritos, fossem de poesia ou de narrativa, um caráter notadamente patriótico.

Em 1930, tempo em que o comunismo ateu, depois de ter reforçado suas posições no interior das Repúblicas Soviéticas, intensificava uma imensa ação de propaganda em todos os outros países do mundo, contra uma ideologia que avançava sob as insígnias do materialismo absoluto, era preciso armar-se contando com todos os valores do espírito. Os que mais cogitavam na sorte da humanidade e os mais bem iniciados nos ensinamentos do Evangelho e das encíclicas pontifícias perceberam a necessidade de um cristianismo vivido, de pessoa e profundamente.

* * *

O potencial de vida cristã de Plínio Salgado coincidiu, mais ou menos, com a fundação do partido integralista, que desde sua origem até hoje identifica-se com o nome do nosso escritor. Sobre este movimento, que bem depressa pode estar em condições de competir com três ou quatro partidos então predominantes na Federação Brasileira, Plínio Salgado compilou um resumo de documentos no volume *O Integralismo perante a nação*. É uma documentação interessante pela lealdade com que são expostas a natureza, a finalidade, e as vicissitudes daquele partido; desde o seu aparecimento em 1932 até hoje; há ainda a defesa contra as calúnias que lhe foram assacadas principalmente por obra do *Komintern*.

Numa palavra, Plínio Salgado concebia o partido integralista como um núcleo vivo e poderoso que servisse de dique: contra o materialismo apresentado sob qualquer forma; contra o estado totalitário absolutista; contra o predomínio de uma raça sobre outra; contra o prevalecimento da força sobre o direito; contra todo o debilitamento da *brasilidade* e das suas tradições religiosas e civis; contra a insegurança e pela integridade do território brasileiro ameaçada do exterior ou pela excessiva autonomia dos mesmos Estados da União; contra todo o atentado à liberdade de consciência e à dignidade da pessoa humana.

Sem jamais recorrer nem a reticências, nem a ambigüidades, Plínio Salgado punha como fundamento do programa integralista a fé em Deus, na imortalidade da alma, no destino eterno do homem. Daqui originava-se como consequência a concepção espiritualista da história, da economia, da sociedade, do Estado. Nem se poderia ter desejado de melhor com relação à tutela da família, da indissolubilidade do matrimônio, da educação da prole, das relações entre o Estado e a Igreja e de todos os outros pontos básicos, principalmente econômicos, de uma sociedade constituída sobre bases cristãs.

Como partido político, a Ação Integralista Brasileira propunha-se a reforma do Estado, mediante a formação de uma nova cultura filosófica e jurídica, de modo que o povo do Brasil, livremente e com respeito à Constituição de 1934 e das leis vigentes, pudesse conseguir finalmente, sem revoluções

armadas e sem lutas entre os Estados, entre classes e grupos de qualquer natureza: todas as garantias referentes ao culto de Deus, da Pátria e da Família; uma mais estreita união nacional; o respeito à ordem e à autoridade; o prestígio do Brasil no exterior; uma plena justiça social; a paz entre as famílias e as forças vivas da nação, mediante um sistema orgânico e cristão de corporações; uma economia que garantisse o direito de propriedade até os limites impostos pelo bem comum, etc.

Programa semelhante não podia deixar de encontrar as simpatias de tantos cidadãos, ótimos brasileiros e suscitar fundadas esperanças de vitória nas próximas eleições. Mas a impressão que dava o partido integralista de ser demasiado centralizador, deu aos adversários o pretexto de ser ele taxado como *longa manus* de alguns partidos totalitários europeus.

* * *

Getúlio Vargas, que em julho de 1934 tinha sido elevado ao poder, pelas várias correntes revolucionárias, em 1937 reforçava com a vitória eleitoral as suas posições e disso se aproveitava a ponto de elaborar uma nova constituição — a terceira depois da de 1891 e da de 1934 — que, embora reservando-lhe a aprovação ao plebiscito nacional, que se deveria realizar num tempo indeterminado, de fato a impôs logo à nação, com um gesto, não erradamente definido como um golpe de Estado; mas Vargas soube apresentá-lo como uma necessidade absoluta para a salvação do país, que tinha sido posto em risco pela desordem dos partidos, pela profunda infiltração comunista e pela propaganda demagógica convertida em luta de classe.

Como consequência destes acontecimentos, em junho de 1939 Plínio Salgado era exilado para Portugal. Lá ficou até 1946, quando Vargas, que logo depois da guerra tinha sido obrigado a renunciar, com as eleições daquele mesmo ano, era eleito senador com uma maioria de votos obtidos em todas as partes do Brasil e mais tarde tornava-se presidente de toda a Federação, cargo que ainda agora ocupa.⁽⁴⁾ Plínio Salgado, ao

(4) Note-se que a edição italiana é de 1954.

invés, retomou a direção do seu partido que tomou o nome de "populista" e encontra simpatia um pouco, em todos os Estados da União, mas especialmente no sul.

Quem lê as diversas mensagens enviadas por Plínio Salgado do seu exílio aos antigos amigos integralistas ou as cartas ou alguma entrevista a jornalistas de órgãos classificados, encontrará o nosso exilado, não lastimando as amarguras da sorte que lhe coube, ou macerando o ódio contra seus adversários, mas sempre vibrante de sincero e profundo amor pátrio, sentindo-se fraternalmente perto de seus vencedores políticos, dividindo, durante as incertezas da grande guerra, as ânsias e a paixão pelo maior futuro dos Estados Unidos do Brasil.

Longe da pátria, Plínio Salgado sentia na própria consciência a serena certeza de ter lutado unicamente pelo verdadeiro bem de sua terra, de ter tido ao seu lado no movimento, não menos de uns vinte arcebispos e bispos, homens de primeira ordem no laicato católico e toda a conspícua representação do eleitorado brasileiro. Esquecido de si mesmo, ele só pensava na sua pátria e por ela escrevia, sofria, rezava. Por esse caminho ele se aprofundava e mediante a leitura do Evangelho, preparava-se para escrever a sua admirável *Vida de Jesus*.

No primeiro dia do ano de 1942, numa mensagem fonográfica aos amigos do Rio de Janeiro, desejava-lhes "a paz e a felicidade cristã, que não se deve confundir com a paz e a felicidade do mundo... A paz do espírito é um sentimento da harmonia interior, é a consciência do dever cumprido. A felicidade do espírito é constituída pela alegria íntima que provém, mesmo sob o peso das injustiças e dos sofrimentos, da conformidade com as nossas ações dos princípios que iluminam a nossa vida interior... Nesta hora, é necessário sobretudo amar, amar sempre mais o Brasil. Cultivai este amor com entusiasmo. Sede digno baluarte de ordem e de unidade nacional. Mas, mais de que tudo, sede fiéis aos ensinamentos de Cristo, luz do nosso nacionalismo".

* * *

Num breve prefácio ao volume antológico *Madrugada do Espírito*, Plínio Salgado afirmava claramente que a *Vida de Jesus* representava a síntese de toda a sua obra. Esta é a pirâmide, aquela é-lhe o vértice. Desde quando publicava seus primeiros trabalhos, como o volume sociológico-moral *O sofrimento universal* e as conferências filosóficas, reunidas em *Quarta humanidade*, o leitor atento poderia perceber que o autor orientava já o seu espírito na direção do Mestre divino.

Uma vez colocado sob a orientação desta agulha magnética, o caminho de Plínio Salgado sempre se conservou desde a fundação do Integralismo para frente, numa linha de conduta que facilmente se percebe pela solidez e coerência de suas idéias mestras. Castro de Abreu no órgão *A Voz*, de Lisboa, pode documentar esta feliz harmonia de desenvolvimentos, no pensamento do escritor e conferencista brasileiro, examinando e citando-lhe todas as obras mais representativas, com as quais concordam os artigos publicados no jornal *A Ofensiva* do Rio de Janeiro e sucessivamente recolhidos em *Palavra nova dos tempos novos* e *Páginas de combate*. Percorrendo somente as páginas de *Madrugada*, extraídas, como dissemos, de algumas obras de Plínio Salgado, consideradas como as mais expressivas, pode-se ver, deveras, como o pensamento do autor emana de Cristo e a Cristo volta. Descreva ele os sintomas do *Mundo que prepara a catástrofe* ou ilustre certas loucuras do século, reunidas sob o título *O século do jazz-band*, discuta certos eclipses da verdade e da moral, *Marcha fúnebre* ou algumas angustiosas diagnoses sociais, terminadas em afirmações otimistas, *Sentido da tristeza e da alegria*, analise o pensamento dos que ele chama *Gigantes da montanha*: Hegel, Marx, Nietzsche ou dê algum rápido trecho filosófico sobre o capitalismo e o comunismo, a sua visão de expositor e de crítico é sempre orientada para a luz de Cristo e para os interesses da humanidade.

O livro onde talvez se revela mais evidente e mais ardente essa firmeza monolítica no tomar posição entre o Evangelho e a vida, ou melhor, diante da vida, vista e vivida em rigorosa coerência com o Evangelho, é a *Aliança do Sim e do Não*.

Plínio, durante o seu exílio em Portugal, fizera uma conferência intitulada *Pensamentos de ontem e tragédias de hoje*, que conquistou por bem duas horas o auditório, entusiasmando-o até quase o delírio e pôs em polvorosa toda a imprensa de Lisboa. Pediram-lhe que publicasse aquele discurso; ele retocou-o, aperfeiçoou-o, enriquecendo-o ainda com novos motivos e fazendo de tudo um volume do mais amplo interesse, dando-lhe por título *A Aliança do Sim e do Não*.

Motivo central é a representação de uma sociedade, não de um só, mas de todos os países, que mesmo dizendo *Sim*, como cristãos, vivem com um teor de vida que é reverso, *Não*, do credo religioso. Poucas vezes nos foi dado encontrar páginas nas quais um orador, ou escritor de hoje, verbere com linguagem mais candente essa praga, que é de todos os tempos e de que os adversários se aproveitam logicamente para seus intentos. "Estamos cansados dessa mistura", diz Plínio Salgado. "Devemos dizer basta a toda confusão. Ou afirmar ou negar. Seremos de Cristo ou de Satã, mas devemos nos definir uma vez para sempre. Esse saltitar indeciso na presença do Eterno é sintoma de putrefação e de morte."

* * *

Ainda uma palavra, antes de falarmos da sua obra-prima, devemos dizer, aos três volumes que ocupam um lugar importante na bibliografia de Plínio Salgado e são de certo modo indispensáveis para quem nos quisesse dar um perfil completo do pensamento e da alma cristã deste escritor. Sem cuidar muito de ordem cronológica, são: *Espírito de burguesia*, *O conceito cristão da democracia* e *A mulher no século XX*.

O primeiro destes três volumes é o que mais diretamente se aproxima do que tem por título *A Aliança*. É uma análise profunda, embora rápida, do fenômeno designado com o nome de "burguesia". O autor, sem se perder na grande e flutuante bibliografia, que trata do argumento, dirige logo sua "voz" para o objetivo, expõe-lhe a natureza íntima, a origem histórica, os aspectos como se manifestam, o contágio que lhe sofrem mesmo os mais calorosos antiburgueses e o único meio útil para se combater a famigerada burguesia, ou melhor o espírito

burguês: o cristianismo seriamente vivido. Voltamos às conclusões do volume citado.

A "burguesia" não é uma classe; é antes um estado de espírito, uma mentalidade, um método de vida. Muitos se estenderam em estudos sobre a burguesia, sob o aspecto das condições econômicas e nas suas conseqüências políticas e sociais. Poucos, insiste Plínio Salgado, procuraram penetrar-lhe o espírito, que não é algo de inerente ou de exclusivo da classe dominante dos nossos tempos. É algo que se infiltra em todas as classes, sob os aspectos mais contraditórios e revela uma concepção de vida em pleno desacordo com o fim sobrenatural do homem.

O autor nos introduz, assim, na análise aguda e impiedosa de um mundo que não quis compreender a advertência de Cristo: "Não podeis servir a dois senhores." Como conseqüência, então, o ataque violento contra uma mentalidade que presume coonestar a fé em Deus e o egoísmo proteiforme, a vida sacramentária e os prazeres ilícitos, a lei do amor evangélico e a exasperante dureza para com o próprio irmão. Que diferença então, justamente pergunta-se, entre os negadores explícitos e militantes do sobrenatural e os negadores implícitos e na penumbra?

Tudo nos escritos de Plínio Salgado converge para o sobrenatural e para Cristo que lhe é o vértice. Mesmo quando expõe o conceito de democracia e, resumindo o pensamento de quinze e mais anos de vida pública, tenta fixar as relações e os limites entre "autoridade" e "liberdade" tudo refere à luz de Cristo, o *único solucionador de todos os problemas humanos*, a *última solutio omnium difficultatum*, como diria Sto. Agostinho, sob a orientação e os ensinamentos dos Papas.

A única democracia possível é justamente a que nos vem delineada pela filosofia cristã e pelas diretivas da Igreja, porque a única que garante a liberdade dos indivíduos e a autoridade do Estado, fazendo da primeira o fundamento da segunda e a autoridade garantia da liberdade. Contra aqueles que nesta matéria acusam de ingerência a Igreja, Plínio Salgado responde que não se trata de questão exclusivamente polí-

tica, mas também eminentemente moral. Não aceitando esta intervenção, o mundo pode somente dar-nos ora uma autoridade que asfixia a liberdade, ora uma liberdade que desagrega a autoridade.

Unido ao precedente, como problema particular inerente àquele mais geral, é o problema da mulher, passada das humilhações da sua escravidão ao delírio de uma absoluta emancipação. Plinio Salgado trata o seu tema com suficiente amplitude. Depois de ter estudado a mulher em todas as situações e em todas as vias falsas às quais foi arrastada pelo novo paganismo, a recoloca na missão confiada a ela por Deus, indicando-lhe como guia e modelo aquela que é Cheia de graça, a Bendita entre as mulheres, incomparavelmente exaltada por todos os séculos.

* * *

Agora, a *Vida de Jesus*. O autor a ela deu a sua experiência variada e providencial de vários anos de estudos, de atividades e de lutas, a que se acrescentam as amarguras do exílio. E certamente, enquanto a escrevia, o condimento da dor quotidiana serviu para vantagem da obra, porque nenhum contato com Cristo é mais fecundo e revelador do que aquele, que de algum modo nos assemelha a Ele no mistério da Cruz.

A acolhida que este livro teve da imprensa, desde o seu primeiro aparecimento em 1943, em Portugal, foi unânime e imediata. Nenhuma admiração, pois, de que Plinio Salgado, literato, sociólogo e principalmente homem público, tenha escrito uma *Vida de Jesus*. O entusiasmo dos leitores e dos censores de livros foi suscitado porque ele o havia escrito tão bem. Livro de fé, de fato, e livro de arte, é esta biografia do Filho de Deus. E de boa mente cremos no benemérito e sempre chorado Pe. Leonel Franca S. J. que, falando disso, houve por bem dizer que ela “está destinada a ser a jóia de uma literatura”.

Entre os autores que se ocuparam de Jesus, podemos notar nomes como estes: Le Camus, Fouard, Fillion, Didon, Veuillot, Lagrange, Lebreton, Prat, Mauriac, Ricciotti, Villariño, Papini,

etc. Por que Plinio Salgado, entre estes ilustres cristólogos, destaca-se, não por maior fidelidade exegética, mas pelo caráter todo pessoal impresso em seu trabalho.

“Não fiz obra de erudição e de exegese, diz o autor nos seus *Apontamentos iniciais*. Procurar, pois, nela — referindo-se principalmente à edição original, — uma rigorosa exatidão a ponto de a tornar inatacável à crítica histórica, exegética, cristológica, poderia causar cá e lá, alguma pequena surpresa. Essa biografia de Jesus “é o reflexo de um sentimento que vive e se desenvolve todo em mim.” Pode-se dizer que o autor quis, com estas palavras, fixar as proporções do seu livro.

Lendo o Evangelho e fazendo ressaltar de quando em quando, homens e fatos, diálogos e choques de paixões, ele procedeu um tanto como os pintores da Idade Média e do Renascimento, que vestiam e pintavam os personagens bíblicos à maneira gótica e florentina e os rostos eram contemporâneos dos artistas. Persuadido de que os homens, em suma, não mudam, Plinio Salgado, servindo-se precisamente de certos elementos humanos, constantes, interpretou através das paixões, dos interesses e das loucuras dos homens de hoje, os homens com os quais Jesus teve que tratar.

Poder-se-á sempre perguntar em que medida se serviu, nas suas reconstruções, desta liberdade concedida-lhe pela psicologia e pela arte. E é o que o leitor esperto poderá facilmente, por si mesmo, observar. De qualquer modo, o autor quer antes do mais afirmar, para evitar equívocos, a sua “fé na divindade de Cristo”.

A quem, pois, procurasse o significado deste livro, no mundo atormentado de hoje, Plinio Salgado diz que outra coisa não tinha em mente que a mesma contida no grito de Filipe a Natanael: “Encontramos Aquele de quem escreveram Moisés na lei e os profetas”. “No meio da catástrofe de uma civilização alucinada, quero fazer ouvir, eu também, este grito pelas montanhas da minha terra”.

Alguém observou, quase com desapontamento, que Plínio Salgado projetou sobre a figura de Cristo alguma coisa das suas vicissitudes e do seu drama. Ter combatido com tão pura e alta idealidade pelo bem de seu país e por esse motivo, partir para o exílio, fizeram-no espontaneamente inclinar-se para a figura do maior benfeitor da humanidade, que morreu crucificado. Censurá-lo por isso? Se Jesus é de todos os tempos, de todos e de cada um dos homens, de todas as dores, podia ser também o Jesus do nosso exilado e o confidente de sua tristeza. Em vez de ver nisso um amesquinhamento, vemos a perene manifestação das “incompreensíveis riquezas de Cristo”.

* * *

Esta vida revela logo a mão do artista autêntico da palavra. Plínio Salgado tem no seu estilo as melhores tradições da literatura portuguesa e a riqueza colorida e ardente do solo do seu país. As primeiras impressões são dadas justamente pelas qualidades descritivas que o autor aprofunda, por vezes com exuberância, no retratar as paisagens, as pessoas, os episódios. — É um daqueles escritores que proporcionam a alegria de ler, como aos ouvintes o prazer de ouvi-lo.

A prosa de Plínio Salgado não é condimentada com drogas literárias que, se bem depressa exaltam, mais depressa ainda enfadam. Mesmo no perigo permanente de se enredar em certa feracidade luxuriante e tropical, sempre à espreita, para um escritor tão rico de fantasia e habituado a respirar um ar que domina a massa salgada do Oceano Atlântico e os aromas de intermináveis florestas, ele ainda consegue não deixar girar sua cabeça. Sua exposição não conhece abandonos. Exceto poucos episódios, aliás supérfluos e que a tradução italiana delicadamente suprimiu, este escritor brasileiro gosta de vigiar sobre si mesmo e refrear-se, por meio da arte.

A alegria de ler esta vida não é proporcionada somente por aquilo que deleita o gosto estético, mas, ainda mais pelo afeto íntimo que o autor sentiu no seu encontro com Jesus e que, por sua vez, consegue fazer também o leitor sentir. Com

isso vamos além dos segredos e das habilidades da arte. Estamos no clima puro e simples da piedade — não a adocicada e esquelética de tantos “bons cristãos”, mas vibrante e penetrante dos ativistas, do reino de Deus — que se haure na meditação pessoal e assídua no sagrado texto do Evangelho, na contemplação viva e amorosa da figura de Jesus, no contato vital tomado com Ele, mediante a vida sacramentária, sobretudo eucarística.

Um leitor inteligente logo percebe se quem escreveu sobre Jesus teve com Ele somente um encontro superficial ou um contato da alma, que o tenha comovido intimamente e lançado por terra em adoração, fazendo-o exclamar, como Pedro: “A quem iremos Senhor? Somente tu tens palavras de vida eterna e nós cremos e sabemos que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo!” O nosso escritor parece não ter considerado Jesus somente como literato, porque lhe recebe os ensinamentos e preceitos como integralista coerente e prático.

Para nós, diz muito ter encontrado Plínio Salgado no primeiro grupo de homens que, de 3 a 5 de março de 1935, quiseram com seu retiro inaugurar a nova casa de exercícios, aberta pelos Padres Jesuítas no Rio de Janeiro. Tal notícia foi dada como uma nota ocasional de diário, pelo idealizador mesmo daquela casa, Padre Leonel Franca e a vemos referida na biografia a ele dedicada pelo irmão Luiz Gonzaga da Silveira Delboux. Particular notável, porque sabemos que marcas costumava deixar um tão santo e culto diretor de espírito, em todos os que passavam por aquela casa, que ele chamava um *Cenáculo de vida interior e recolhida, uma escola de disciplina do caráter, um remanso de verdadeira paz*. Assim diz um folheto largamente distribuído.

Característica, nesta vida de Jesus, é a rapidez da narrativa. Depois de um relativo adágio inicial, a narração nos conquista, atirando-nos como num rio de rápida correnteza. Não há demora, nem lentidão, porque ele corre rapidamente para a foz. Mais que da pena, parece que o autor faz uso de quadros, tão freqüente é o recurso aos trechos descritivos. A exposição é como a coluna sonora sincronizada com a seqüência

da apresentação animada de paisagens e episódios. Nenhum fato que não tenha a sua *compositio loci*, substancialmente aderente à realidade, mas embelezada, da aurora ao ocaso, de dia e nas noites marchetadas de estrelas, por um colorido vivo e variado, e por uma riqueza de particulares sugeridos pela fantasia, não quimérica, mas reconstrutora, que em parte trabalha sobre coisas vistas em uma viagem à Palestina.

A erudição histórica, arqueológica, folclorística, sociológica, política, ambiental, não obstante alguma inevitável inexatidão, são mui abundantes em suas páginas. Jamais, porém, tudo isso torna pesada a narração, que corre, corre sempre. Mesmo as reflexões parenéticas, impostas muitas vezes pelo trecho evangélico, os trechos vivamente polêmicos, as comparações entre os homens e as paixões de um tempo com os homens e as paixões de hoje, não faltam. Mas nem isso diminui o ímpeto da leitura ou distrai a atenção. O autor não sacrifica o interesse geral ao particular e habitualmente conserva bastante o senso da proporção e da medida.

Plínio Salgado é dominado pela persuasão de que Jesus não é somente um personagem histórico, que nasceu, viveu e agiu no seu tempo e depois desapareceu nas trevas do passado. Para Jesus não existe passado. A sua vida estende-se a todas as idades da história e a todas as gerações humanas. Ele está vivo e presente hoje, como viveu e esteve presente na Palestina e nas suas adjacências, onde foi visto de preferência entre camponeses, pescadores e gente pobre.

Mostrar Jesus aos homens de hoje, como O viram os de dois mil anos atrás, fazer ouvir sua voz e seus ensinamentos, como os que O ouviram, fazê-LO caminhar como homem entre os homens, mestre das multidões de desorientados, consolador entre os que choram, representá-LO no contraste permanente entre a Sua luz e as nossas trevas, entre a Sua santidade e a nossa pecaminosidade, entre a Sua bondade divina e as nossas maldades: eis a ânsia assídua e por vezes atormentada de Plínio Salgado.

Para despertar em nós esta impressão, viva e presencial de Jesus, para nos pôr em contato com a realidade secular e

poderosa do mistério do Cristo e dar-nos a consciência de que ele somente é todo por nós e que tendo-o perdido, tudo se torna ruína e desolação, Plínio Salgado usou de todos os elementos à sua disposição. Lá estão, em grande número, quase todos os gêneros literários. Se a fantasia o expôs por vezes aos ataques da crítica histórica e exegetica, não por isso ele traiu o essencial.

Pode ser que no clima político da sua terra, já o dissemos há pouco, Plínio Salgado seja acusado de se ter servido dessa *Vida de Jesus* como de um porta-voz, em surdina, das suas idéias, sentimentos e ressentimentos de chefe de partido. Não pretendemos de nenhum modo, entrar no choque de simpatias e de reservas que fatalmente se concentraram sobre este escritor. Não podemos, porém, não dizer que, longe como estamos do ambiente em que ele vive e é considerado por alguns como objeto de discussão, mesmo se às vezes tenhamos colhido nas páginas da sua obra-prima algum eco longínquo das suas experiências e desditas políticas, não nos parece absolutamente poder gritar à contaminação.

Aos olhos, que a paixão não ofusca, com esta *Vida de Jesus*, com a conferência que se tornou famosa, *O Rei dos reis*, e a trilogia, *Primeiro, Cristo!*, o autor demonstrou por Jesus um entusiasmo muito sincero e consciente, para ser seriamente objeto de insinuações diminutivas e de reservas. Mais que escrever em prosa, ele cantou em poema a vida de Jesus. Nem outra foi a sua ambição, que não a de ver agigantar-se a figura d'Ele sobre todo o mundo e sobre todas as inteligências, muito mais do que no panorama do Rio de Janeiro agiganta-se a estátua do Cristo Redentor da ciclópica montanha do Corcovado.

* DOMÊNICO MONDRONE — Sacerdote Jesuita, jornalista. O presente texto foi publicado na revista *Civiltà Cattolica*, ano 105, vol. III, cad. 2497, n.º 13, 2.º grupo, 3-7-54, Roma, e na edição italiana de *La Vita de Gesù*, de Plínio Salgado (Roma, Edizioni Paoline, 1954).

O DR. PLÍNIO SALGADO FOI ALVO DE
TOCANTE HOMENAGEM PRESTADA POR
UM GRUPO DE INDIVIDUALIDADES
PORTUGUESES *

PARTE IV

UMA REPORTAGEM HISTÓRICA

* Publicada no jornal "A Voz",
Lisboa, Portugal, na edição de
23 de junho de 1946, na des-
pedida de Plínio Salgado.

O DR. PLINIO SALGADO FOI ALVO DE
TOCANTE HOMENAGEM PRESTADA POR
UM GRUPO DE INDIVIDUALIDADES
PORTUGUESAS *

Ao saudar o ilustre brasileiro, o Sr. Hipólito Raposo afirmou: "o Dr. Plinio Salgado leva Portugal consigo e deixa o Brasil connosco".

Ao agradecer, o homenageado, referindo-se à fraternidade luso-brasileira, disse: "Portugal e Brasil constituem uma unidade espiritual, fundamento do seu nobre destino e suprema glória".

Num ambiente verdadeiramente lusitano, os tradicionalistas portugueses, representados pelas individualidades que presentemente orientam as "Edições Gama", ofereceram ontem, na margem Sul do Tejo, um almoço de despedida ao ilustre escritor brasileiro, Dr. Plinio Salgado, que em breve regressa ao seu país, depois de uma permanência de sete anos em Portugal, durante a qual a personalidade e o seu valor intelectual se impuseram aos portugueses, que hoje vêem no ilustre brasileiro um dos mais qualificados elementos do verdadeiro entendimento entre Portugal e o Brasil.

A sala do restaurante onde se reuniram as pessoas, que quiseram tributar, ao nosso ilustre hóspede, as homenagens devidas à sua elevada categoria intelectual e à sua ação dou-

* Manteve-se a linguagem jornalística nos títulos e sub-títulos, conforme foram publicadas, assim como a grafia portuguesa de determinados vocábulos. (N. do Ed.)

trinária, encontrava-se decorada significativamente e os símbolos ali representados atestavam a verdadeira identidade de idéias e sentimentos que uniam as centenas de convivas que tomaram parte no banquete, realizado num local que permitia a visão de um panorama evocador das belezas e tradições da terra portuguesa, em cujo fundo se destacavam os monumentos grandiosos e representativos do Castelo, da Sé, dos Jerônimos e das históricas praias, de onde um dia os portugueses largaram para os cometimentos heróicos que fizeram a grandeza da história nacional.

Pelo número e representação, as pessoas que participaram de tão significativa homenagem constituíam, sem dúvida, o escol da família portuguesa e esse aspecto não deixou de ser oportunamente sublinhado pelo ilustre homenageado, em termos que atestam a inteira compreensão do sentido da homenagem e o grau de representação das pessoas que a promoveram.

Entre os presentes contavam-se os Srs. Dr. Hipólito Raposo e esposa, Dr. Pequito Rebelo, Brigadeiro Vasco de Carvalho, Condes de Monsaraz, Condes de Mangualde, Viscondes de Santarém, Viscondes de Moraes, D. Maria Antonieta de Lima Cruz, D. Maria Madalena Martel Patrício, D. Maria Teresa Rebelo Raposo, D. Maria Matilde de Lencastre Cabral, D. Margarida Amado, D. Conceição Vanzeles, D. Julia Granger, D. Candida Azevedo Mendes, D. Maria Jacinta Carla, D. Ilda Souto Maior Cardia, D. Maria Amelia Bastos, D. Maria Ana Rebelo Vaz Pinto, D. Maria Teresa Rebelo Vaz Pinto, D. Marta Geadá Correia Marques, D. Leonor de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Ficalho, D. Gabriela Correia Santos. Dr. Ivo Cruz e esposa, Dr. Américo Cortês Pinto e esposa, Conselheiro Vaz Pinto, Dr. Leão Ramos Ascensão, Dr. Vasco Santa Rita, Dr. Fernando Amado, Dr. Fernando Correia Santos, Eng. Ramalho Correia, Avelino de Araujo Antas, Alvaro Veiga de Oliveira, Dr. José Alves Baptista de Mendonça, Jorge de Almeida Couto, Dr. Domingos Megre, João Megre, Gonçalo Teles, Dr. Gouveia de Carvalho, Mario Ferreira, Rafael Cunha Franco, Antonio Burguete, Antonio de Oliveira Belo, D. Fernando de Almeida, Dr. Humberto Sardinha, Dr. Jorge Bastos, Sergio

Rodrigues, Eng. Duarte Toscano, pintor Preto Pacheco, Pedro Correia Marques, Sebastião Cardoso, etc.

Na mesa de honra tomou o lugar principal o Sr. Dr. Plinio Salgado, à esquerda do qual se sentaram a Sra. D. Madalena Martel Patrício, o Dr. Lins de Albuquerque, secretário do ilustre escritor brasileiro; a Sra. Condessa de Monsaraz e à direita, a Sra. D. Valentina Rebelo Vaz Raposo, o Sr. Conselheiro Vaz Pinto e a Sra. de Ivo Cruz.

Na mesa fronteira tomaram lugar as senhoras de Plinio Salgado e de Lins Albuquerque ladeadas por ilustres personalidades, entre as quais se contavam os Srs. Dr. Hipólito Raposo, Dr. Pequito Rebelo, Conde de Monsaraz e Visconde de Santarém. Os restantes convivas tomaram indistintamente lugar nas outras mesas, sem exigências protocolares, decorrendo o banquete num ambiente verdadeiramente íntimo, adequado aos fins e significado daquela reunião.

O BRILHANTE DISCURSO DO SR. DR. DOMINGOS MEGRE

Abriu a série de discursos o Sr. Dr. Domingos Manuel Megre, figura representativa da nova geração e a quem foi atribuído o encargo de falar em nome dos rapazes universitários, que se associaram a esta merecida homenagem ao ilustre pensador e intelectual brasileiro.

Espírito brilhante, orador de idéias claras e de elegante estilo, o Sr. Dr. Domingos Megre, depois de salientar que não estava nas suas intenções fazer o elogio pessoal do Dr. Plínio Salgado, afirmou que o levava a usar da palavra o desejo de pôr em foco o que nos escritos e nas palavras do ilustre escritor brasileiro pudera interessar à sua geração. Afirmou, a propósito, que o Sr. Dr. Plínio Salgado ferira sempre a nota de que é necessária uma visão integral do homem e do mundo, buscando na inteireza e desassombro das nossas convicções o ponto de arranque para todas as formulações doutrinárias e para todos os atos de verdadeiro significado.

Mais adiante, traçando o perfil moral e intelectual do homenageado, afirmou o orador que o Sr. Dr. Plínio Salgado constituía lição viva de fidelidade à própria consciência íntima, no desassombro e independência como sempre formulou os seus juízos, no que ele, orador, vira o primeiro sinal de uma identificação entre a mensagem que o Dr. Plínio Salgado trouxe a este país e aquele que nós próprios temos como base de toda a atividade séria e construtiva.

Prestou, depois, homenagem ao vigor intelectual do Dr. Plínio Salgado, à energia com que fustiga o erro, ao isolamento de que se rodeia, sem preocupação pela fácil popularidade, lembrando a propósito e pela similitude de atitudes o heróico comandante Paiva Couceiro, a cuja memória a assistência prestou

comovida homenagem e o ilustre poeta Afonso Lopes Vieira, há pouco desaparecido.

Salientando os fatores que mais reforçam a identidade, a que atrás se referira, o Sr. Dr. Domingos Megre destacou como principais o significado da mensagem do escritor, a idéia da Pátria e o culto inteligente da tradição, acrescentando que o ponto de vista cristão de toda a sua obra aclara todos os seus propósitos e norteia toda a sua atividade, esclarecendo que o que Deus quer do homem não é que negue a sua humanidade mas que saiba compreender o sentido humano da vida como reflexo de um sentido divino do próprio homem.

* DOMINGOS MEGRE — Bacharel em Direito. Jornalista. Ligado ao movimento monarquista e ao Integralismo lusitano.

UM SONETO DO CONDE DE MONSARAZ

Seguiram-se no uso da palavra outros oradores, igualmente brilhantes e significativos nas suas afirmações, como os senhores Dr. Fernando Amado, ilustre diretor do "Aléo", Conde de Monsaraz e Antonio de Oliveira de Belo, tendo o primeiro feito uma interessante descrição da vida brasileira atual, nos seus aspectos espiritual e econômico.

O Sr. Conde de Monsaráz, ao concluir o seu breve discurso de saudação, leu o seguinte soneto, composto em honra do Dr. Plínio Salgado:

VOX DEI

— a um quinto evangelista —

*Como é, Senhor, volvidos dois mil anos,
Que se ergue, assim, num século infernal,
Pregando o Amor e o Bem pelo Ódio ao Mal,
Novo evangelho em novas meridianos?*

*Um Homem, Plínio, nome de romanos,
Com raízes na selva equatorial,
Trouxe-o agora, em pacífico sinal,
Aos homens destes tempos desumanos.*

*Jesus chamou-o, como a João e a Pedro,
E disse-lhe: — "Onde em espírito não medro,
Vai, semeia a magnífica semente. . .*

*És meu discípulo hoje, nesta hora
Em que só quem não Me ama é que não chora
"Faze que chore e que ame toda a gente!"*

* ALBERTO DE MONSARÁZ (1889-1959). Segundo Conde de Monsaráz, Bacharelou-se em Direito. Foi um dos fundadores, entre 1913 e 1914, da



Plínio Salgado em companhia dos Integralistas lusitanos:
Conde de Monsaráz, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo e
Antonio de Almeida Braga.

revista Nação Portuguesa, órgão do movimento integralista lusitano, juntamente com Antonio Sardinha, Hipólito Raposo, José Pequito Rebelo, Alfredo Pimenta e outros. Participou de movimentos anti-republicanos em Portugal, motivo porque foi exilado. "No exílio entesourou largo cabedal de saudades e com ele encheu parte dos seus livros de versos". Obras publicadas; entre outras: *Romper de Alva*, 1909; *Sol criador*, 1912; *Elegia dos Reis*, 1912; *Cartilha Monárquica*, 1919; *Na Graça de Deus, da Saudade e do Amor*, 1920; *Coimbra Cheia de Graça e Céus*, 1951.

A NOTÁVEL ORAÇÃO DO DR. HIPÓLITO RAPOSO

Levantou-se a seguir o ilustre escritor e mestre, Dr. Hipólito Raposo, que proferiu uma notável oração que transcrevemos a seguir e que iniciou com as seguintes palavras: "Na partida de Plínio Salgado".

Começou o ilustre escritor:

"Pedindo-lhe que hoje nos desse alguns momentos de seu tempo para este afetuoso convívio, todos sentimos que para o receber não pudésemos abrir-lhe na despedida a Praça de Armas do Castelo, a Sala dos Cisnes ou o baluarte da Torre de Belém.

"Por gratidão ao seu pensamento construtivo e por honra dos prestígios de sua ação, esses seriam recintos verdadeiramente condignos da suprema homenagem que é devida a um dos maiores do Lusitanismo.

"Encontramo-nos em lugar aprazível e muito popular, antiga estalagem de pescadores e matalotes, que nenhuma excelência distinguia para uma festa do espírito.

"Mas de olhar alongado e de alma transposta, através da luz e do ar de Portugal que ainda não deixaram de ser livres, daqui podemos elevar-nos às maiores altitudes e deslumbrar-nos na evocação da nossa vida histórica, folheando as perenes iluminuras do grande pergaminho de Lisboa".

Evocando Portugal dos velhos tempos

Sempre escutado com a maior atenção, o Dr. Hipólito Raposo evocou a seguir, em brilhantes imagens, as suas grandezas:

"Basta lembrar que por estas arribas andaram os cavaleiros e os infantes de Nun'Alvares com seu pendão desfraldado na investida aos muros de Almada que tinha voz por Castela. E alongando os olhos para a amplidão deste diorama, logo avulta o morro do Castelo de São Jorge onde, há oito séculos, D. Afonso Henriques mandou arvorar na torre de menagem o seu estandarte que por escudo de armas só tinha a cruz da fé em Cristo; nessa morada dos Reis de Portugal, veio a morrer D. João I, de Portugal, nasceram D. João II e D. João III, lá entrou Vasco da Gama de volta da Índia, a comunicar o cumprimento da ordem recebida; dentro da cerca moira, no Paço da Alcáçova, em noite de júbilo real e popular, nasceu o Teatro Português em auto de que Gil Vicente foi autor e ator.

"Vemos além a Sé, coração da velha urbe, a erguer-se para o céu, em cujo altar-mor foram recebendo as bênçãos de Deus as bandeiras de todas as empresas da conquista e navegação, desde as partidas para Ceuta, Arzila e Azamor, até à ditosa armada de Pedro Álvares Cabral que, dirigindo-se à Índia, descobria de caminho o Brasil...

"Mais para lá se levanta o Monte de S. Gens onde o nosso primeiro Rei assentou o seu arraial para a conquista de Lisboa aos mouros. Espreitam-nos as torres de S. Vicente de Fora onde, até aos quinze anos de idade, estudou Santo Antão, Doutor da Igreja e onde repousam as frias cinzas da Família Real de Bragança. Temos à vista as melancólicas paredes do convento da Graça em que foram mandadas sepultar com reparadora pompa, as ossadas de Afonso de Albuquerque. Mais próximo de nós, aprumam-se os torreões e arcarias do Terreiro do Paço, a lembrar outras que ouviram os primeiros gritos de júbilo da restauração, as aclamações da coroação de D. João IV, lá onde depois foram passando os heróicos desvelos e correram as lágrimas da Regente D. Luisa de Gusmão, que por seus sacrifícios ganhou na Justiça da História, as honras da maior Rainha de Portugal.

"Detenhamos o olhar e a comoção em presença das ruínas do Convento do Carmo, em cujo claustro o Condestável amortalhou no burel de donato, todas as legítimas glórias da sua

espada. Mais ao poente, acena-nos o Alto de Santa Catarina, de onde os sebastianistas, nossos avós e mestres em sonho, com as lágrimas nos olhos e a Pátria no coração, durante séculos esperaram ver surgir da matutina cerração do Tejo, o Redentor claro do Encoberto. Mais ao longe, desdobram-se as colinas de Monsanto que ofereceram as aras para o sacrifício do sangue a alguns dos que estão presentes. Ressuscitada na lembrança a riba de Alcântara em que até à morte sustentaram a honra da independência, os soldados do Prior do Crato. Na neblina que o Sol festeja, parece oscilar o galeão do Mosteiro dos Jerônimos, votiva Catedral de todos os Oceanos onde é fama e repousam em imortalidade, os mortais despojos do último Rei-Cavaleiro, o navegador Vasco da Gama que escreveu, na Rota da Índia, a primeira página da História Moderna, e Luís de Camões, seu cantor, cuja tuba sonora os séculos param a escutar. A emergir das vagas inquietas, o florido rochedo da Torre de Belém, padrão dos padrões oceânicos, feiticeiro Castelo das Rendas, pelas sereias tecidas da espuma das ondas. Por último, a fortaleza de São Julião da Barra, avançada sentinela da terra e do mar, gélido asilo dos presos de Estado, desde os tempos dos Filipes até aos nossos dias.

“E a alongar-se, a ondear, a chamar, a seduzir, a bruxaria da distância que nestas águas cintila, durante séculos alumiadas pelos maiores fulgores das glórias do mundo — toda a Ribeira de Lisboa por onde se fizeram as naus e se aparelharam as armadas com que nossos avós foram ampliar os horizontes da Terra e do Céu, batisando Ilhas, Continentes e Estrelas, revelando aos homens e aos séculos a grandeza de Deus na Criação.

“Recordando em pobres palavras um pouco do muito que é possível admirar deste lugar, elas bastam para o transmutar em fiel e seguro miradouro das pedras de Lisboa e do espelho do Tejo, tornando-o desde logo muito digno do destino com que se honra neste dia.

Definindo uma atitude

Dirigindo-se ao ilustre homenageado, afirmou, depois, o orador:

“Senhor Doutor Plínio Salgado:

“Tem à sua volta uma pequena parte da família portuguesa que espiritualmente melhor o compreende, o admira e muito bem que lhe quer.

Aqui vieram trazer os seus afetos de estima, as esposas destes homens e mães destes filhos. Quiseram juntar-se aos caminheiros de difíceis veredas por onde com palavras, serviços e armas, andarão procurando resgatar a Nação Portuguesa da opressão da demagogia, dos mitos, da inteligência, dos erros e execrando malefícios da maçonaria, que por mais de um século, desfiguraram e conspurcaram a fisionomia mental, religiosa e moral da nossa grei.

São sempre poucos os que muito sabem desejar, e sempre muitos aqueles que de pouco se contentam, vivendo febrilmente a infantil aspiração da vitória na urna ou na bola, os dois polos da inquietação contemporânea, ambos ocos como tambores...

“Poucos temos sido, certamente, mas sempre nos lembramos de que a razão numérica, por outra não poderem alcançar, é a razão dos inconscientes, dos democratas, dos comodistas, e também dos tímidos, desconfiados que constituem a triunfante posteridade do Velho do Restelo.

Os que são atraídos pelas mais altas solicitações do Espírito, sujeitam-se a viver incompreendidos, a viver como perturbadores, a ser malsinados nos seus mais nobres intentos, servindo de estorvo aos acomodaticios, aos tolerantes e práticos que na mão direita acendem a vela a Deus e na mão esquerda outra ao diabo, cuidadosamente batendo na madeira, para que ele se contente de ficar surdo.

Assim viemos a ser obscuros lutadores, com os escudos brancos e as armas em linha, para mais dignamente oferecer as maiores aspirações da vida e da alma à glorificação de Portugal Português. Embora duramente experimentados pela adversidade, nunca acreditamos nas vitórias da força e procuramos ser fiéis à inteligência, não confundindo certezas com sofismas vitoriosos e rejeitando os mais louvados equívocos,

remuneradores de todas as ambições. No curso da jornada, sempre tivemos de nos considerar os expatriados do interior, agora compelidos a calar vozes de justiça e a não castigar erros, repelir violências e denunciar misérias.

Na profunda crise de que sofre o mundo, tanto corre o homem mecanizado que em cada hora andada também mais distante se vê de si mesmo. Vai a caminho de perder a consciência da sua própria natureza e da luz divina que no seu espírito se reflete, sujeitando-se ao império da Ciência e da mais despótica Animalidade. Mas para a verdadeira vida que é a da alma, de nada lhe servirá recolher pelo *radar* os ecos da Lua ou fazer o interrogatório aos ardentes mistérios do Sol que nos alumia.

Considerando o tumultuário desvario dos nossos tempos, nada têm que ceder, na sua intransigência, os defensores de uma herança que lhes compete inflexivelmente defender e continuar.

Hoje como ontem, por entre as maiores investidas da ignorância e da jacobinagem, firmemente confessaremos fidelidade a Cristo Deus, relembrando que no regaço da sua Igreja nasceu e foi batizado Portugal.

Como portugueses provindos das mais fundas raízes, aceitamos as inabaláveis verdades da vida da Nação: a sua individualidade histórica, a sua independência e liberdade, as suas tristezas e as suas glórias.

Por essas certezas e aspirações reconhecemos logicamente na Realeza a mais segura fiança do seu destino imortal.

Cristãos pela fé, portugueses por nascimento e monárquicos pelo respeito à verdade, justiça aos Reis e amor a Portugal, demos a Deus o que a Deus pertence e demais ao Rei a parte atribuída a César, em nome de quem se mandou e muitas vezes se manda crucificar a Cristo...

Estes foram os conceitos, estas as luzes que nos guiaram os difíceis passos do caminho.

Filhos do Mafazejo século XIX, sofremos a dor de reconhecer que o maior esforço de Portugal foi o de negar-se a

si mesmo, trocando o verdadeiro rosto pela Máscara alheia: corrompeu-se a língua, aviltaram-se as artes no intento, perverteu-se o gosto, perseguiu-se e roubou-se a Igreja, desnacionalizou-se e falsificou-se a vida social. Dos Sonhos, trabalhos e provações da cruzada, em que, por juvenil audácia, para sempre nos armamos cavaleiros, outros colheram honras e talvez proveitos. Por não faltar à justiça da razão Política, permanecemos fiéis à honra jurada àquela Bandeira, na qual há manchas de sangue e nenhuma nódoa de lama, e por isso, em fria manhã de janeiro, ela pôde dignamente cobrir o ataúde de Antonio Sardinha.

Homenagem ao mais eloquente intérprete da brasilidade

Referindo-se especialmente à personalidade e ao significado da presença do Sr. Dr. Plínio Salgado em Portugal, o Sr. Dr. Hipólito Raposo afirmou:

“Sem protocolos, sem frívolas cerimônias que só contemtam enfiados e vangloriosos, por espontânea devoção das nossas almas, aqui viemos saudar na despedida o mestre, o camarada e o amigo, o doutrinador e o moralista, o escritor e o chefe político, capitão-general na nova cruzada do Ocidente, ardoroso vingador da fé, e o mais eloquente intérprete da Brasilidade.

Desde de que a velha província de Santa Cruz julgou necessária e oportuna a sua separação do Reino de Portugal, nenhum homem ou partido, nenhum instituto ou governo conseguirá persuadir-nos de que, uma vez perdida a união dos corpos, nos melhores recursos da sua vitalidade, continuaria a subsistir a unidade da alma luso-brasileira.

Mas com manifesto propósito de obediência à sua natureza e aspirações, ao sentido tradicionalista e cristão que em Portugal havíamos procurado, Plínio Salgado quis também chamar ao seu sistema de renovação político-social — INTEGRALISMO BRASILEIRO.

Para ele e para nós, feliz destino o deste deportado, tão perseguido e ferido nos anelos de amor à sua Pátria!

Contra os mesmos erros e heresias levanta o mesmo estandarte, para combater com a mesma fé, a falar e a escrever na mesma língua. Bendita e fecunda unidade!

Lá e cá, tínhamos todos a comandar-nos a voz dos mortos e a fortalecer-nos na lide a bênção de Deus de Ourique e dos Santos de Portugal.

A grande promessa que ao Pensador do Brasil o sangue sugerira e a sua inteligência iluminara, viria encontrar nos testemunhos dos séculos aquela lição de verdade e de sentimento português com que nossas almas outrora e para sempre se haviam fortalecido.

Ele vinha receber no emanatório da Tradição o heróico influxo das altas torres e castelos da Conquista e a misteriosa e lustral irradiação das catedrais, debaixo de cujas abóbodas nossos passos acordam para nos chamar, as vozes e os ecos além-mundo.

Rezou diante das cinzas dos Fundadores, dos Navegantes e dos restauradores; comoveu-se diante das sombras dos painéis de Nuno Gonçalves; pôde tocar com a mão as armas tismadas pelo sol da glória — as lanças da peonagem, as espadas de Nun'Álvares, D. João II e Vasco da Gama, os padrões dos descobrimentos, os canhões e bombardas quinhentistas, as reais bandeiras feridas de balas e requeimadas de pólvora, os troféus ensangüentados e oirescentes, as lembranças das vitórias e os despojos das catástrofes.

Em dia especialmente consagrado a tão evocadora romagem, vai debruçar-se, com gratidão e respeito, sobre a sepultura rasa de Pedro Álvares Cabral na Igreja da Graça em Santarém.

Com estas ilustrações e este culto, pôde reler com maior amor e saudade a certidão de nascimento do Brasil na *Carta* de Pero Vaz de Caminha e em mais claros e profundos ecos, ouvir o brônzeo clangor dos cantos de *Os Lusíadas*.

Completava o seu curso de História e ouvia toda a hora pulsar de dor e de esperança, o coração do Povo Português, já hoje tão orgulhoso do sangue que lhe foi dado por seu Avô, laborioso beirão de São Pedro do Sul.

Indomável curiosidade levaria este brasileiro para as terras das nossas províncias: — o Algarve de luz adriática, florido e navegador; o Alentejo dos grandes horizontes, lavrador e místico; a beira das serras e do mar, mãe de soldados e missionários, dura nas pedras e branda nas almas; Trás-os-Montes, forte e fiel, de solene dignidade na alma e no caráter; o Douro, altivo, torturado e orgulhoso de suas montanhas e profundezas; o Minho sempre risonho, até quando chora, berço da Monarquia e solar dos trovadores; a Estremadura, ditosa pelas terras e pelas águas, pelo luzeiro de Alcobaça, pelo hinário de pedra da batalha e pelo fecundo silêncio de Tomar, em cujos claustros de místico perfume, a meditar se formou o espírito heróico da expansão e se temperaram as almas para as lugentes desgraças da História Trágico-Marítima; e, por fim, e princípio, o trono e o milagre de Fátima onde em certas horas parece que a terra se acaba e o céu começa...

Assim se iluminava a mais clara consciência que o Brasil já teve desta antiga Metrópole que extremosamente o criou, ensinando-o a falar, a rezar e a trabalhar.

Melhor instruído na sua devoção a Portugal, pelos cristais das lágrimas dos olhos, com mais amor e maior saudade viu por cima do Atlântico, a imensidade, a pujança, a grandeza da Pátria distante e melhor avaliou a doçura de alma, o sonho, a ternura, o trabalho dos séculos que fizeram da terra virgem de Santa Cruz, uma das mais robustas, ditosas e prósperas nações do mundo, por onde agora cinquenta milhões de almas podem rezar em português o Padre-Nosso.

E foi então que esse prodígio de criadora energia do gênio lusitano começou a ser proclamado com nova claridade nas falas e livros deste Apóstolo. Ouvimos-lhe descrever como se venceram ímpetos de rios torrenciais, em que verdadeiras ilhas e pedaços de floresta flutuam, espessuras de florestas, povoadas

de estranhas aves e mortíferos offídeos; subimos às altas montanhas de onde se avista meio mundo, descemos aos abismos das correntes diluviais e das minas que se abrem em tesouros. Ouvimos o louvor da coragem dos bandeirantes e do ardente zelo e caridade dos missionários, de que foram mestres Anchieta e Antônio Vieira; as memórias dos capitães, soldados e dos indígenas que lutaram contra os holandeses usurpadores; foi-nos revelado o labor obscuro dos agricultores, o esplendor das cidades modernas e a melancólica poesia das vilas mortas, por onde ressoam ao luar dos trópicos os cânticos sertanejos de amor e de devoção religiosa.

Relembrando agora o que todos sabem, a sua inegalável cooperação no rejuvenescimento cristão de Portugal, o seu combate à barbaria anti-humana do comunismo, teremos enunciado em breves palavras os magníficos frutos do providencial desterro deste grande orador e escritor.

Com verdadeiro sentimento de pessoa de família, conosco ele sentiu as alarmadas palpitações do coração da Pátria Portuguesa, vivendo e sofrendo os nossos anseios dos maus dias da guerra e regozijando-se com a nossa venturosa imunidade em tão horrível tormenta.

E fiel ao seu pensamento, à independência dos seus juízos, e às razões de reserva dos seus mais próximos amigos portugueses, por discreta e íntima solidariedade quis sempre acompanhá-los nas suas mágoas e justas queixas”.

O Dr. Plínio Salgado — filho adoptivo de Portugal

A terminar o seu notável discurso, várias vezes interrompido com palmas, afirmou o Sr. Dr. Hipólito Raposo:

“Vai partir do meio de nós um homem sempre alheio a malabarismos de fácil êxito e isento do pecado de qualquer compensadora idolatria.

Regressando à Pátria depois de sete anos de desterro, em que foi cruzado e missionário, Plínio Salgado leva Portugal consigo e deixa o Brasil conosco. Com saudade e tristeza que não se devia confessar, vemos afastar-se nas distâncias dos ca-

minhos do mar ou dos céus este tribuno da Ordem Social Cristã, a voz que na América do Sul mais alto se ouviu por entre ameaças e atentados, a proclamar a esperança na regeneração moral do mundo.

Se mais se adensar a noite do caos que a Ciência e a maldade nos prometem, permita Deus que na vida e na morte nunca nos falem os doutrinadores para a inteligência, os animadores para a ação, os apóstolos para as verdades da fé do nosso batismo.

Dentro das próprias possibilidades, cumparamos todos o nosso dever, como este irmão brasileiro tem cumprido o seu.

Nesta hora, relembrando as atividades e infortúnios políticos do Chefe do Integralismo Brasileiro, não podem estas palavras deixar esquecida a extremosa e valorosa dedicação de Sua Esposa que tantos sobressaltos e amarguras sofreu e tantos riscos de vida passou a seu lado.

Diante desta senhora, da feição e da estirpe moral das nossas avós, das nossas mães e das nossas mulheres, inclinemos toda a admiração e o nosso maior respeito de cristãos e portugueses.

E não ficaríamos a bem com a justiça, se deixássemos de envolver nos afetos da mesma saudação o Dr. Lins de Albuquerque e sua esposa, dois exemplos de dedicada lealdade à Sua Pátria e ao grande Apóstolo do seu melhor destino.

Nada podemos neste País e nada temos para dignamente galardoar as lições, os exemplos e os estímulos recebidos da atividade intelectual de Plínio Salgado.

Neste cenário de grandeza e comoção histórica, por feliz coincidência no dia aniversário do seu exílio do Brasil, os portugueses aqui presentes e em nome dos ausentes que da alma e coração os acompanham, desejam fazer ao amigo e ao mestre uma grande mercê, aquela que mais lhe contentará o amor-próprio e até o seu legítimo orgulho.

Certos estamos de que nos aplaudirão, lá do invisível, as sombras dos mortos da Comunidade Portuguesa, esses que bem

do Integralismo Lusitano e que era a mesma que outrora incendiava os corações dos fundadores da Nacionalidade; ouvira-o, antevisionando o Amanhã de duas Pátrias, como tantas vezes ouvira, cheio de entusiasmo, a palavra ardente dos jovens brasileiros, porque todos os que se fizeram doutrinadores e caudilhos são enamorados destas forças morais que se renovam de pais para filhos. Referiu-se, em seguida, à oração do Dr. Fernando Amado, que soubera numa síntese admirável dar uma idéia perfeita do Brasil, fazendo, como Keisserling, uma análise espectral da alma brasileira, porém com muito mais precisão, porquanto para isso possuía um instrumento magnífico: o sentido universalista dos lusitanos para compreender todos os povos e o sentimento português, com o qual fácil se torna a compreensão dos irmãos brasileiros. Em seguida manifestou seus agradecimentos a Antonio Belo, pelas amáveis palavras que lhe dirigiu e, ao referir-se ao soneto recitado pelo conde de Monsaráz, fê-lo com visível emoção, dizendo que já o conhecia, mas guardava-o em segredo, não podendo mostrá-lo senão na intimidade do lar, tratando-se, como se tratava, de um elogio à sua pessoa. Agora, que Alberto de Monsaráz rompia o sigilo, era com intensa comoção que escutava aqueles versos tão fundos, vasados em ritmo primoroso e a exprimirem a grandeza de alma de um de seus mais caros amigos.

A parte em que o Dr. Plinio Salgado apreciou a magnífica peça oratória produzida por Hipólito Raposo foi um dos trechos mais tocantes do discurso do homenageado. "Escritor de raça, mestre do pensamento, artista da língua portuguesa", tais foram os juízos de Plinio Salgado sobre o ilustre prosador português. "Ao seu lado", — disse o homenageado — "estava Pequito Rabelo e Alberto Monsaráz, que lhe evocavam outras figuras, todas de Integralismo Lusitano, figuras essas que formaram a plêiade mais brilhante dos pensadores políticos lusíadas dos últimos tempos e entre as quais brilhava o sempre lembrado Antonio Sardinha, falecido prematuramente mas hoje cada vez mais vivo na consciência de todos aqueles que, em Portugal e no Brasil, estabelecem o fundamento da grandeza da Pátria na rocha viva da tradição nacional."

*O ilustre escritor evoca comovidamente
a sua Pátria distante*

Chegado o momento, em que o Dr. Plinio Salgado evocou a sua saída do Brasil e vibrou na saudade da sua Pátria distante, a assistência sentiu-se contagiada e não pôde deixar de sofrer a influência do sentimento que provocara no orador expressões de alta e emotiva vibração.

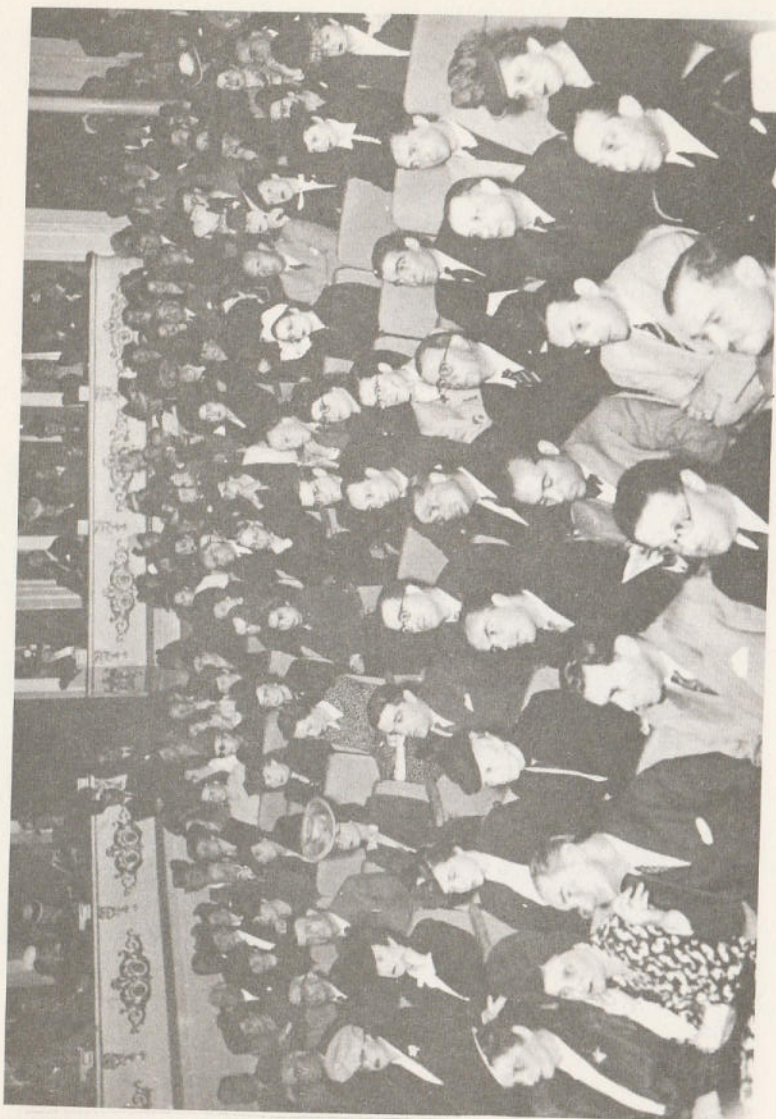
"Há precisamente sete anos" — disse o Dr. Plinio Salgado — "neste mesmo dia 22 de junho, ao romper da manhã, saía eu a caminho do exílio. O navio que me conduzia singrava as águas da Baía de Guanabara e a cidade do Rio de Janeiro desenrolava-se aos meus olhos, com suas montanhas de florestas luxuriantes, emolduradas ao fundo pela Serra dos Órgãos, cujos dedos de Pedra apontavam para o céu. Na amurada, contemplando pela última vez a terra da Pátria, vi o Cristo do Corcovado, como um símbolo, emergindo da névoa matutina. Quando o navio, passando pela garganta estreita em cujas bordas assentam-se as fortalezas de São João, da Lage e de Santa Cruz, atravessou a barra e entrou no oceano, eram oito horas da manhã e as cornetas nas praças de guerra anunciavam o hasteamento da Bandeira Nacional. Passando rente à fortaleza de Santa Cruz, vi mais uma vez aquela massa granítica a lembrar os feitos da nossa Raça, desde quando, no século XVI, Mem de Sá lançou a sua primeira pedra. O monumento cresceu, desenrolou as suas arcarias, abriu as suas canhoelras e, já no século XVII, erguia-se como uma afirmação gloriosa da força lusitana. Agora, ao passar por ali, e evocando as glórias passadas da nossa Raça, aconteceu que, por coincidência, a Bandeira Verde-Amarela flutuava triunfalmente. Senti no pavilhão da Pátria, a ondular no azul, o próprio adeus do Brasil. E hoje compreendo que aquele adeus da Bandeira, que se agitava como se fosse a própria mão aflita e saudosa do Brasil, não era um adeus de desesperança, mas um "até breve", encerrando um estímulo, porque a verde Bandeira parecia dizer-me: "*Vai, porque do outro lado do oceano encontrarás a Pátria da tua Pátria e ali, junto aos monumentos antigos e aos túmulos dos heróis*"

A esse impressionante apelo correspondeu o ilustre brasileiro proferindo gravemente as primeiras palavras da oração cristã, que a assistência, de pé, continuou. Foi um momento de emoção inesquecível para todos os presentes, só comparável àquele em que o Dr. Plínio Salgado consagrou, em termos vibrantes, a realeza de Nossa Senhora de Fátima, soberana das almas dos portugueses e fiadora dos seus destinos.

E assim terminou esta significativa homenagem, que constituiu, sem dúvida, a mais expressiva e comovida manifestação de apreço pelas qualidades e ação do Dr. Plínio Salgado e pela sua notável obra do apostolado religioso, literário e político.



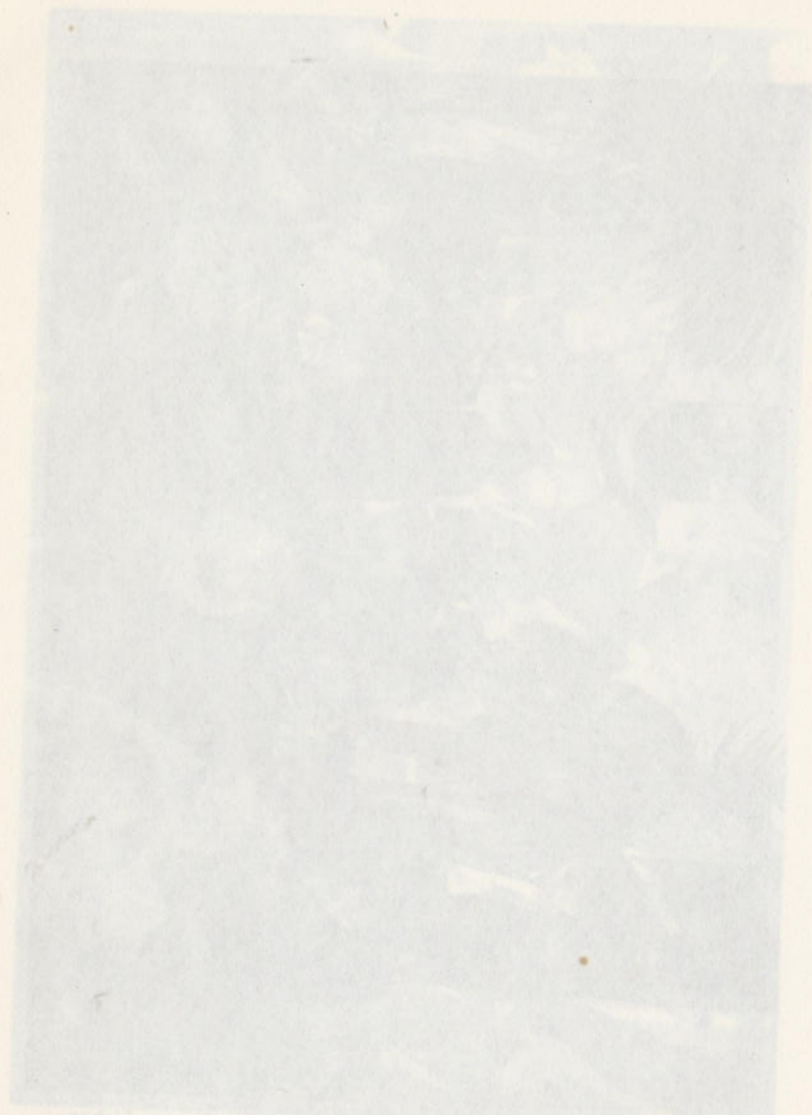
Plínio Salgado e o Pe. Moreira das Neves em seu gabinete de trabalho, em Lisboa.



Primeira conferência de Plínio Salgado no Teatro Dona Maria, em Lisboa, 1944.



Conferência de Plínio Salgado na Casa de Ribatejo, em Lisboa.



Aspecto da cidade de São Paulo em 1944, no Rio de Janeiro, 1944.

SÍNTESE CRONOLÓGICA

1893 — Nascimento a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sul, filho do ferroviário brasileiro das Estradas de Ferro Santa Catarina e da professora dona Ana Leopoldina Ramos Correa.

Quando criança, juntamente com seus irmãos, viveu protegido de sua progenitora, chefe salutar do município, em frente de Caxias e outras grandes vilas da Ilha de Santa Catarina. Ela levou, principalmente as crianças de São Bento.

1911 — Aos 18 anos, com o falecimento de seu pai, é estalando no Caxias São Bento, em Itajaí, Alagoas, Estado de Alagoas, com de volta para São Bento do Sul, a fim de cuidar de sua progenitora e das quatro irmãs mais novas.

1913 — Aos 20 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com Carlos Rodrigues, Manoel Carlos, Agostinho Ramos e Joaquim Correa, "para combater a ditadura do governo estadual". Era tal a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa da municipalidade. Apoiava-se em sua cidade e diversas atividades, desde um clube de futebol, um grupo musical, promova conferências, e ordena oficial em todas as atividades, a defesa de São Bento, quando intervenções, frustava como organização política e sempre surge de sempre, sempre no município, longe o movimento local "Caxias de São Bento".

1914 — Casou com a professora Maria Antônia Pereira, descendente de tradicional família abolicionista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Antônia, com apenas 15 dias, que passou a ser criada pela mãe e sua.

1915 — Mudou-se para São Paulo onde ingressou como suplente de redator, assumindo logo a redação, no "Correio Paulistano", pertencente ao governo estadual de Epitácio. Ali teve conhecimento das condições locais e políticas, e muitas experiências por ali e profunda amizade.

1917 — Redigiu o jornal de São Paulo, cujo principal propósito era "apoiar o movimento abolicionista, libertação dos negros, reforma da constituição", levando observância de Modesto, Siqueira, Agostinho, Carlos, Mar. José, Carlos.

[1] Artigo sobre os dois aspectos da situação e situação, a fim de não ser visto de forma.

I

SINTESE CRONOLÓGICA

1895 — Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez.

Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.

1911 — Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.

1913 — Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com Gama Rodrigues, Machado Coelho, Agostinho Ramos e Joaquim Cortez, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades, dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltavam advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".

1918 — Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.

1919 — Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conhecimento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.

1922 — Realização da Semana de Arte Moderna, cujos principais participantes "apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo". Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars.

(*) Amigos atentos nos têm auxiliado com informações e retificações. A eles, o muito obrigado da Editora.

- 1924 — Indicado como Secretário da Coligação Paulista, presidida por Altino Arantes.
- 1926 — Publicação de *O Estrangeiro*. Falecimento de sua progenitora.
- 1927 — Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.
- 1928 — Cria a Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão e consegue leis favoráveis à agricultura paulista. Funda, com Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Motta Filho o Movimento Verde-Amarelista.
- 1929 — Em 31 de julho, como primeiro ocupante, toma posse da cadeira n.º 6, da Academia Paulista de Letras, sendo patrono da mesma Couto de Magalhães. Posse conjunta de Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis Jr., Cassiano Ricardo, Nuto Sant'Ana e Gofredo da Silva Teles.
- 1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, "lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris", examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem de Portugal: "tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana".
- Deflagrada no Brasil a revolução contra Washington Luís e o sistema político que este representava.
- 1931 — Fundação e direção de "A Razão". Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional. Lançamento do Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo à Nação Brasileira.
- 1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de "A Razão". Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação da SEP.
- 1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos oficiais do Exército Brasileiro, alguns adeptos do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.
- 1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada família radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consórcio.
- 1937 — Candidatura à Presidência da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando Salles Oliveira. Fechamento de todas as organizações políticas. É convidado para Ministro da Educação, que recusa por não concordar com os termos da nova constituição. É implantado o Estado Novo.
- 1938 — Revolta, denominada "integralista" (V. *Dicionário de História do Brasil*, Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4.ª edição, pág. 469), objetivando a restauração democrática no Brasil, e que ocasionou inúmeras

prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira e exílio dos principais líderes.

1939 — Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.

1939-1946 — Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.

1942 — Publicação da *Vida de Jesus*, cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada. O editor, Ruy de Arruda, foi preso durante quarenta dias.

1946 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular.

É eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, após 1964).

1947 — Escreve semanalmente um artigo para o semanário "Idade Nova".

1948 — É convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Nietto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina".

1950 — Apoia o Brig. Eduardo Gomes à Presidência da República e disputa a senatoria pelo R. G. do Sul, onde obtém mais de 300.000 votos, não conseguindo, porém, eleger-se.

1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.

1953 — Fundação do semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.

1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros, quando obteve quase um milhão de votos.

1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.

1960 — Passa a colaborar semanalmente no "Diário de São Paulo", o que faz durante 15 anos seguidos.

1960-1964-1970 — Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação e Cultura. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.

1961 — Representa o Brasil na Conferência Geral da UNESCO, em Paris, como observador parlamentar.

1962 — Representa o Brasil, como membro da União Parlamentar, em Roma.

1964 — Representa o Brasil, como Membro da União Parlamentar, em Washington.

1965 — Representa o Brasil na Conferência das Nações de Língua Portuguesa, em Lisboa.

1967 — Representa o Brasil, como Membro da União Parlamentar, em Barcelona.

1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterrado no cemitério do Morumbi.

1977 — Inaugurada a Praça Plínio Salgado, em Rio Claro, SP.

1979 — No dia 7 de outubro, inauguram-se a Praça 7 de outubro e a Avenida Plínio Salgado, em Varginha, Minas Gerais.

II

BIBLIOGRAFIA

1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor.

— *A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor.

1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda. (in Obras Completas, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X, e 8.ª ed., José Olympio, 1972).

1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda. (2.ª ed. in Obras Completas, vol. XIX).

— *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor (in *Despertemos a Nação*, in Obras Completas, vol. X).

— *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.

— *A literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no "Centro Gaúcho" de São Paulo (2.ª ed. in Obras Completas, vol. XIX).

1931 — *O esperado* (romance), Comp. Editora Nacional. (4.ª ed., in Obras Completas, vol. XII); 5.ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, SP., 1981.

— *Oriente* (Viagem), ed. do Autor. (4.ª ed., in Obras Completas, Vol. XVIII).

— *Manifesto da Legião Revolucionária de S. Paulo*.

1932 — *Manifesto de Outubro*.

1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas. (4.ª ed., in Obras Completas, vols. XIII e XIV, 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979).

— *O que é o Integralismo* (política), ed. Star. (5.ª ed., in Obras Completas, vol. IX).

— *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira. (5.ª ed. in Obras Completas, vol. VII).

1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio. (4.ª ed., in Obras Completas, vol. XIV), 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978.

— *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio.

— *A quarta humanidade* (temas filosóficos), ed. José Olympio. (4.ª ed., in Obras Completas, vol. V).

1935 — *Despertemos a Nação* (política), ed. José Olympio. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. X).

— *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo, SP.

— *Cartas aos Camisas-Verdes*, ed. José Olympio.

1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. VII).

1937 — *Nosso Brasil* (brasilidade), ed. Coelho Branco. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. IV); 4.ª ed., Voz do Oeste/Secr. de Cultura do Est. de S. Paulo, SP., 1981.

— *Geografia sentimental* (brasilidade), ed. José Olympio, (3.ª ed., in Obras Completas, vol. IV); 5.ª ed., reprodução fac-similar da primeira, Voz do Oeste/INL, 1983.

— *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes.

1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama (in Obras Completas, vols. I, II, III), 22.ª edição, Voz do Oeste, SP, 1985.

1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. VI).

1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Martins, Porto. (4.ª ed., in Obras Completas, vol. VIII).

— *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa, (4.ª ed., in Obras Completas, vol. VI). 5.ª ed., in *Primeiro Cristo*, 4.ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, 1979.

— *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra. (4.ª ed., in Obras Completas, vol. VIII).

— *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. VI), 4.ª ed., Ed. Voz do Oeste/INL, 1979.

— *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa (3.ª ed., in Obras Completas, vol. XVI).

— *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. XVIII), 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).

— *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Pro-Domo, Lisboa. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. VII).

— *O Integralismo brasileiro perante a Nação* (política) s/ed., Lisboa. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. IX).

1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa. (2.ª ed., in Obras Completas, vol. VIII).

- *Mensagem às pedras do deserto* (ensaio políticos), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro. (2.ª ed., in Obras Completas, vol. XV).
- 1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro. (3.ª ed., in Obras Completas, vol. V).
- *Poema da Fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanambi, São Paulo; (nova edição in Obras Completas, vol. IV); nova edição in *Minha segunda prisão e meu exílio*, 1980.
- *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanambi, SP.
- *Pio IX e o seu tempo*, prefácio à obra de Villefranche. *Pio IX*, ed. Panorama, São Paulo, 1948 (in Obras Completas, vol. XI).
- 1949 — *O ritmo da história* (ensaio políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro. (2.ª ed., in Obras Completas, vol. XVI), 3.ª ed. Editora Voz do Oeste/INL, 1978.
- *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo. (2.ª ed., in Obras Completas, vol. X).
- 1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro. (2.ª ed., in Obras Completas, vol. VIII); 3.ª ed., Voz do Oeste, 1983.
- 1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro. (5.ª ed., in Obras Completas, vol. XV).
- 1953 — *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953.
- 1954 — *Atualidades brasileiras* (in Obras Completas, vol. XVI).
- *Roteiro e crônica de mil viagens* (in Obras Completas, vol. XVIII).
- *Críticas e prefácios* (in Obras Completas, vol. XIX).
- *Contos e fantasias* (in Obras Completas, vol. XX).
- *Sentimentais* (in Obras Completas, vol. XX).
- *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in Obras Completas, vol. XVII).
- *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma", "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-Verdes", in Obras Completas, vol. X).
- *Viagens pelo Brasil* (in Obras Completas, vol. IV).
- 1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro.
- 1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, (2.ª ed., idem).
- 1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro; 3.ª ed., Voz do Oeste/INL, 1983.

- *O Integralismo na vida brasileira*, Enciclopédia do Integralismo, vol. I, Liv. Clássica Brasileira.
- *Doutrina e tática comunistas*, 2.ª ed., Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo (ed. da Liv. Clássica Brasileira)
- 1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- *Poemas do século tenebroso* (com o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1962 — *A crise parlamentar e os cinco discursos de Plínio Salgado*, ed. do Comitê pró Candidatura à Câmara Federal.
- *Como se prepara uma China*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa, edição de luxo.
- 1964 — *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro. (5.ª ed., idem, 1972).
- 1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro. (2.ª ed., 1972, ed. FTD).
- 1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
- 1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília.
- 1980 — *Tempo de exílio* (Correspondência familiar-1), Ed. Voz do Oeste, SP. (publicação póstuma).
- *Minha segunda prisão e meu exílio*.
- *Diário de bordo* (obra póstuma), e incluído no volume o *Poema da Fortaleza de Santa Cruz*, ed. Voz do Oeste.
- 1982 — *Perfil parlamentar de Plínio Salgado*. Organização e introdução de Gumercindo Rocha Dorea, ed. da Câmara dos Deputados, Brasília.
- 1985 — *Plínio Salgado (in Memoriam)*. Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, São Paulo.

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

- 1965 — *A batalha do Riachuelo* (como orador oficial do Parlamento Brasileiro nas comemorações de centenário).
- 1967 — *Sol do Oriente, Sol do Ocidente* (sobre as relações Brasil-Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro).
- 1972 — *40.º aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira*.
- *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência).

— *A Semana de Arte Moderna* (nas comemorações do 50.º aniversário).
1973 — *Origens e evolução do Parlamento* (sesquicentenário do Legislativo).

1974 — *Evolução histórica da gravura*. Aula proferida na abertura da exposição retrospectiva promovida por "The Past", em Brasília, set. de 1974.

1975 — *Despedida do Parlamento*. (2.ª ed. em 1976, a pedido do Dep. Navarro Vieira).

III

BIBLIOGRAFIA DA VIDA DE JESUS

- 1.ª ed., editora Panorama, São Paulo, 1942 (apreendida pela polícia e liberada posteriormente)
- 2.ª ed., 1.ª portuguesa, editora Ática, Lisboa, 1943, edição ilustrada por Lino Antonio
- 3.ª ed., editora Panorama, São Paulo, 1945, com ilustrações de Fulvo Pennachi
- 4.ª ed./9.ª ed., todas lançadas pela editora Ática, Lisboa, entre 1945 e 1950
- 10.ª ed. portuguesa, correspondendo à 4.ª edição brasileira, esta pela Cia. Editora Panorama, São Paulo, 1950.
- 11.ª/18.ª ed., todas lançadas pela Ática, Lisboa, entre 1950 e 1963
- 19.ª ed., (monumental), em 2 volumes, formato grande, encadernado, com reproduções de 47 figuras do Aleijadinho, em página inteira, Difusão Pan Americana do Livro, Belo Horizonte, 1964. Traz uma "Pequena história da *Vida de Jesus*", autoria de Plínio Salgado, e um Apêndice sobre o Aleijadinho, de Silveira Neto.
- 20.ª ed., capa cartonada, com 16 reproduções de arte sacra da Bahia, Editora Voz do Oeste/MEC, São Paulo, 1977.
- 21.ª ed., capa cartonada, com reproduções de arte sacra missioneira, ed. Voz do Oeste, SP, 1978.
- 22.ª ed., com reproduções de arte sacra pernambucana e prefácio de Marco Maciel, Senador e Ministro da Educação, ed. Voz do Oeste, SP, 1985.

Em outras línguas:

- Vida de Jesus*, ed. Poblet, Buenos Aires, trad. por Cayetano Romano, 1945
- Vida de Jesus*, ed. Esceliscer, Madrid, trad. por J. L. Vasquez Dodero, 1946
- Vita de Gesù*, ed. Paoline, Roma, trad. por Vittorio Loiacono (da 7.ª ed. portuguesa), com introdução do Pe. Domenico Mondrone S. J., 1954

IV

BIBLIOGRAFIA SOBRE A VIDA DE JESUS

(conforme o arquivo da editora)

NO BRASIL

Não possui a Editora notícias referentes ao lançamento da 1.ª edição da *Vida de Jesus*, no Brasil, excluindo-se aquelas que apenas denegriam a figura de seu autor, o que era lógico, pois a censura do Estado Novo não permitia a publicação de qualquer crítica positiva sobre a obra ou sobre o homem. Apenas Tasso da Silveira, o grande poeta e crítico, em 1946, através da "Idade Nova", do Rio de Janeiro, publicou um artigo, de alto significado, acentuando esta situação.

Excetua-se aqui, evidentemente, a correspondência particular remetida a Plínio Salgado, de cujo acervo a Editora destacou a carta de Leonel Franca, publicada nesta edição. Só ela, a missiva do insigne jesuíta, mestre de diversas gerações, cuja obra e atuação marcaram definitivamente a inteligência nacional e católica, redime o pensamento brasileiro de sua grande falha.

Sobre a 19.ª edição, pronunciaram-se:

- *Vida de Jesus*, Edmundo Lys, in "Porta da Livraria", O Globo, Rio de Janeiro, 28-12-1963
- *Vida de Jesus*, Menotti del Picchia, in *A Gazeta*, S. Paulo, 13-02-1964
- *Vida de Jesus*, "Pergunte ao João", in *Jornal do Brasil*, 09-10-1964

EM PORTUGAL

- Plínio Salgado diz porque, quando e como principiou a escrever a *Vida de Jesus*, in *Novidades*, Lisboa, 06-04-1944
- *Vida de Jesus*, ed., in J. de Notícias, Porto, 24-01-1944
- *A Vida de Jesus*, ed., in *O Século*, Lisboa, 15-01-1944
- *Vida de Jesus*, ed., in J. do Comércio, Lisboa, 12-03-1944
- *Vida de Jesus*, editorial, in *O Jornal*, Ilha da Madeira, 19-04-1944
- *Vida de Jesus*, Tomaz de Figueiredo, in *Aléo*, Lisboa, 01-02-1944
- *Vida de Jesus*, João Ameal, in "Rumos do Espírito", *Diário da Manhã*, Lisboa, 25-01-1944
- *Vida de Jesus*, editorial, in *A Guarda*, Lisboa, 09-02-1944
- "Já leu a *Vida de Jesus*?", Ac. Cr., in *Folha do Domingo*, Faro (Algarve), 13-02-1944
- "Pedro e Judas: as duas pedras", Dutra Faria, in *Correio do Minho*, Braga, 17-03-1844
- *Vida de Jesus*, J. M. de Freitas, in *O Almonda*, 04-03-1944
- *Vida de Jesus*, Marinho da Silva, in *Correio dos Açores*, 17-08-1944
- *A Vida de Jesus*, editorial, in *A Defesa*, Évora
- *Madrugada nas almas*, J. L. da Silva Dias, in *Diário de Lisboa*, 18-02-1944
- *Evocação histórica de Jesus*, C. M., in *A Voz*, Lisboa
- *Mistério*, editorial, in *Diário de Lisboa*, 04-01-1944
- "Carta de Lisboa", L. T., in *Jornal da Beira*, Vizeu, 14-04-1944
- *A Vida de Jesus em F. Mauriac e em P. Salgado*, Alfredo de Carvalho, in *Acção*, Lisboa, 20-04-1944

- A "Vida de Jesus", de P. Salgado, Miramar Coimbra, in *Estudos*, Coimbra, Jan.-Fev./1944
- Jesus e o Calvário, F. Noronha, in *Gazeta de Cantanhede*, 01-04-1944
- Um mensageiro da paz — Plínio Salgado, A. de Castro Abreu, in *A Voz*, Lisboa, 19-01-1944
- Vida de Jesus, J. Gaspar Simões, in *Diário de Lisboa*, 29-03-1944
- Vida de Jesus, Maria de Lourdes Belchior Pontes, in *Universitárias*, Lisboa, n.º 15, março/1944
- Vida de Jesus, J. G. Monteiro, in *O Castelovidense*, 23-04-1944
- O Divino Mestre, Pinheiro Torres, in *A Ordem*, Porto, 05-02-1944
- Vida de Jesus, A., in *Jornal de Notícias*, Porto, 26-01-1944
- De novo como outrora... Abel Varzim, in *Jornal de Notícias*, Porto, 23-01-1944
- Uma "Vida de Jesus", Edmundo Correia Lopes, in *Notícias de Famalião*, 01-04-1944
- A "Vida de Jesus", Deniz da Luz, in *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 04-02-1944
- Mensagem cristã da modernidade lusiada, Marinho da Silva, in *Renascença*, Lisboa, 15-01-1944
- Um livro — um monumento: Vida de Jesus, Silvio Felix, in *Notícias da Covilhã*, 09-04-1944
- Notas à margem de "A Vida de Jesus", Duarte de Montalegre, in *Via Latina*, 18-03-1944
- Vida de Jesus, J. S. da Silva Dias, in *Novidades*, Lisboa, 16-01-1944
- Vida de Jesus, Visc. do Porto da Cruz, in *Rev. Port.*, Lisboa
- De vez em quando..., Baltazar Ferreira Jr., in *Jornal de Elvas*, 12-03-1944
- Ao sol dum livro, M. Santos Rocha, in *Correio de Coimbra*, 13-05-1944
- Vida de Jesus, T. G., in *Mensageiro de S. Bento*, ano XIII, n.º 3/4, 1944
- 4 apontamentos sobre Plínio Salgado, Amândio César, in *Correio do Minho*, Braga, 18-08-1944
- Plínio Salgado, a "Vida de Jesus", H. N., in *Alvoradas*, ano XIII, n.º 4, abril/1945
- Plínio Salgado, Pedro Zarco, in *Beira Vouga*, Albergaria-a-Velha, 25-02-1945
- Plínio Salgado, o "Homem", H. N., in *Alvoradas* (dos Seminaristas de Évora), ano XIII, n.º 3, março/1945
- Vida de Jesus, editorial, in *Renascença*, Lisboa, 15-01-1945
- Vida de Jesus, Costa Lima, in *Brotéria*, Lisboa, Dez. 1945
- Vida de Jesus, ed. in *O Dever*, Laes-Pico, 06-10-1945
- Vida de Jesus, in *Novidades*, Lisboa, 19-04-1946

NA ESPANHA

- Vida de Jesus, X., in *Sur*, Malaga, 18-02-1944 (sobre a edição portuguesa)
- Vida de Jesús, J. Leal, in *Razón y Fé*, nov./1947
- Plinio Salgado y su "Vida de Jesus", Lope Mateo, in *Arriba*, 03-01-1946 (sobre a edição portuguesa)

- Vida de Jesús, Nicolas González Ruiz, in *Ya*, 11-11-1947
- Vida de Jesús, editorial, in *ABC*, 21-12-1947
- Vida de Jesús, ed., in *Bol. de Inst. de Cult. Hisp.*, 01-11-1947
- Vida de Jesús, F. Elias de Tejada, in *Misión*, 18-10-1947
- Una "Vida" admirable de Jesús, A. García Figar, in *Eclesia*, n.º 335, 13-12-1947
- Vida de Jesús, editorial, in *La Gaceta del Norte*, 27-11-1947
- Vida de Jesús, ed., in revista *Mundo*, n.º 416, 25-04-1948
- Vida de Jesús, R. G. Villoslada, in *Estudios Eclesiásticos*, oct./diciembre, 1948
- Vida de Jesús, J. A. Cortázar, in *Hoja del Lunes*, 22-03-1948
- Vida de Jesús, M. Muñoz Cortés, in *Arriba*, 11-01-1948
- Vida de Jesús, R. O. Pedrayo, in *La Región*, Orense, 19-02-1948
- Vida de Jesús, A. del Hoyo, in *Insula*, n.º 32, 15-08-1948
- Vida de Jesús, editorial, in *Ecclesia*, n.º 345, 21-02-1948

NA ITALIA

- La vita de Gesù, Domenico Mondrone, in *L'Osservatore Romano*, n.º 152, 04-47-1954
- Plinio Salgado — L'uomo, l'attività, il capolavoro, D. Mondrone, in *La Civiltà Cattolica*, vol. III, 03-07-1954.
- La vita de Gesù, Armando Guidento, in *Lettura, rassegna critica del libro*, Milano, ano XI, n.º 8-9, ag.-set. 1954

V

ROTEIRO DE PESQUISA SOBRE A VIDA E OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Lamentavelmente os afazeres do dia-a-dia não nos têm permitido concretizar um já antigo objetivo, qual o de fazer o levantamento bibliográfico completo acerca da obra de Plínio Salgado. Consequentemente, tal como em reedições de vários trabalhos do autor da *Vida de Jesus*, aqui mais uma vez estamos, com este roteiro, um simples roteiro, a ser utilizado por aqueles que desejem iniciar o estudo do pensamento de Plínio Salgado, sob os aspectos literário, político ou religioso, não obstante seja difícil estabelecer-se uma separação entre o biógrafo de Jesus, o romancista de *O estrangeiro*, *O esperado* e *O cavaleiro de Itararé*, ou aquele que criou a Ação Integralista Brasileira, o maior movimento político — de massas e de inteligência — já surgido no Brasil e estabeleceu, através de intensa produção, as raízes filosóficas de sua doutrina.

Assim considerando, o levantamento aqui registrado — o mais completo que nos foi possível estabelecer até agora —, não mais estará dividido entre os que se utilizam de regras científicas e assumem posição honestamente criteriosa, e outros que, alheios à dignidade exigida pelos que pretendem analisar o pensamento de qualquer autor, nada mais ambicionam senão deturpar as idéias e os fatos. Preferimos reuni-los num bloco único, sob ordem alfabética, cabendo, assim, ao estu-

dioso tomar posição entre a calúnia desonesta, de gratuidade evidente, ou plena de má fé, e a análise honesta e digna.

A seguir, as obras que submetemos à consideração dos leitores:

- Abreu, Alzira Alves e Beloch, Israel. Verbete *Plínio Salgado*, in *Dicionário Histórico-Biográfico* (1930/1983), Fundação Getúlio Vargas, Forense, RJ, 1985, 4.º vol., págs. 3051/3061.
- Adonias Filho, pronunciamento de, in sessão do Conselho Federal de Cultura, RJ, 1976.
- Amândio César, *Literatura pelo caminho*, ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958.
- Ameal, João, "Plínio Salgado ou a Nova luta por Cristo", in Rumo, ano I, n.º 6, 1946, Lisboa.
- Andrade Murici. *A nova literatura brasileira*, ed. Globo PoA.
- Araújo, Ricardo Benzaquem de. "As classificações de Plínio Salgado — Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 a 1938", in *Revista de Ciência Política*, FGV, RJ, 1978, vol. 21, n.º 3.
- *A cor da esperança* (Totalitarismo e revolução no Integralismo de Plínio Salgado), CPDOC/FGV, RJ, 1984 (man.).
- Azevedo, Thales. *A religião civil*, Vozes, Petrópolis, 1982.
- Barreto, Raymundo Sá. *Notas de um tabelião de Ilhéus*, GRD, SP, 1982.
- Beraldo, SJ, Carlos. "Plínio Salgado", verbete in *Enciclopédia Filosófica*, Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2.ª ed., 1968-1969.
- Bonavides, Paulo. *Reflexões: política e direito*. Forense, RJ, 1978.
- Brandão, Euro. Prefácio, in *Como nasceram as cidades do Brasil*, Voz do Oeste INL, SP, 1979.
- Broca, Brito. "O romance modernista", in *Letras e Artes*, RJ, 15-6-1952.
- Brito, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*, Saraiva, SP, 1958.
- Buron, Thierry e Gouchon, Pascal. *Os fascismos*, Zahar, RJ, 1980.
- Carone, Edgar. *Revolução do Brasil contemporâneo*, Desal, SP, s/d.
- A República nova, Difel, SP, 1974.
- A segunda República, Difel, SP, 1973.
- Carvalho, José Baptista de. Apresentação, in *Plínio Salgado* — in *Memórias* — 1.º vol., Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, São Paulo, 1985.
- Castro, Marcos de. *Dom Helder*, ed. Graal, RJ, 1978.
- Chasin, J. *O Integralismo de Plínio Salgado*, Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., SP, 1978.
- Chauí, Marilena. *Apostamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho França, *Ideologia e Mobilização*, ed. Paz e Terra/CEDEC, RJ, 1978.
- Chacon, Vamireh. *História dos partidos políticos brasileiros*, ed. Universidade de Brasília, 1981.
- Corbisier, Roland. *Autobiografia filosófica*, Civ. Bras., RJ, 1978.
- Filosofia e crítica radical*. Liv. Duas Cidades, SP, 1976.
- Corrêa, Nereu. *A tapeçaria lingüística d'Os Sertões e outros estudos*, Quiron/MEC, SP, 1978.

- Costa, Vanda Ribeiro. "Com rancor e com afeto: rebeliões militares na década de 30", in *Ciências Sociais*, Hoje, 1985, Cortez ed., ANPOCS, SP, 1985, págs. 260/291.
- Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, ed. Sul-Americana, RJ, 1955.
- Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e cultura*, 2.ª ed., Forense, RJ, 1973.

Ficção e realidade, Pongetti, 1972.

- Cunha, Ovídio da. "Um depoimento histórico sobre o Integralismo" in *Revista de Ciência Política*, vol. 28, n.º 2, agosto/85, págs. 140/152. (FGV).
- Diversos. *Para onde vai o Brasil?* Renascença ed., RJ, 1933.
- Diversos. *Plínio Salgado*, ed. da revista Panorama, SP, 1937.
- Diversos. *Plínio Salgado — 1895/1975*, Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.
- Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (13 vols.), GRD/Liv. Clássica Brasileira, RJ, 1956.
- Diversos. *Plínio Salgado* — In *Memórias*, 1.º vol., Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, São Paulo, 1985.
- Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance modernista de Plínio Salgado*, 2.ª ed., IBRASA/INL, SP, 1978.

O pensamento revolucionário de Plínio Salgado, ant., Voz do Oeste, SP, 1983.

- Dorea, Gumerindo Rocha. *Introdução ao Perfil parlamentar de Plínio Salgado*, Câmara dos Deputados, 1982, Brasília.
- *Manifesto de Outubro de 1932*, posfácio, ed. Voz do Oeste, São Paulo, 1982.
- *Enciclopédia Mirador Internacional*, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., S.P.-R.J., 1975, vol. 12, págs. 6161/2, verbete *Integralismo*.
- Faria, Octávio de. *Machiavel e o Brasil*, Civ. Bras., 2.ª ed., RJ, 1933.
- Ferreira, Barros. *O vendaval 1930*, ed. do A., SP, 1980.
- Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 2.ª ed., RJ, 1942.
- Galli, Italo. Prefácio. in *São Judas Tadeu e São Simão Cananita*, Voz do Oeste, SP, 1982.
- Gracioti, Mário. *Os deuses governam o mundo*, Nova Época ed., SP, 1980.

Europa tranqüila, ed. Clube do Livro, 4.ª ed., SP, 1959.

- Grieco, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*, in *Obras Completas*, José Olympio, RJ, 1948.
- Guimarães, Josué. *Os tambores silenciosos*, Globo, PoA, 1977.
- Leite, Alfredo Augusto Rabelo. Prefácio, in *O pensamento revolucionário de Plínio Salgado*, de Augusta Garcia Rocha Dorea, Voz do Oeste, SP, 1983.
- "O poeta revoltado", prefácio, in Ezequiel, *Poemas do século tenebroso*, Liv. Clássica Brasileira, RJ, 1959.
- Leite, Ascendino. *As coisas feitas*, EDA, RJ, 1980.

- Lenzi, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e políticos em Santa Catarina*, Lunardelli/Ed. da UFSC, Florianópolis, 1983.
- Levine, Robert. *O regime de Vargas*, Nova Fronteira, RJ, 1980.
- Lima, Alceu de Amoroso. *Revolução suicida*, ed. Brasília, RJ, s/d.
- *Companheiros de viagem*, Civ. Bras., RJ, 1972.
- *Indicações políticas*, Civ. Bras., RJ, 1936.
- Lima, Eblon de. *Lições de história da literatura brasileira*, Liv. ed. Salesiana, SP, s/d.
- Lima, Décio Monteiro. *Os senhores da direita*, Antares, RJ, 1980.
- Loureiro, Maria Amélia Salgado. *Integralismo*, Voz do Oeste, SP, 1981.
- Love, Joseph. *A locomotiva — São Paulo na federação brasileira, 1889/1937*, Paz e Terra, RJ, 1982.
- Lustosa, Oscar de Figueiredo. "A Igreja e o Integralismo no Brasil, 1932-1939", in *Revista de História*, SP, vol. LIV, n.º 108, 1976.
- Macedo, Ubiratan B. de. "O Integralismo em Portugal e no Brasil", in *Convívium*, SP, n.º 5, 1983.
- Maffei, Eduardo. *A batalha da Praça da Sé*, Philobiblion, RJ, 1984.
- Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vols. VI e VII, ed. Cultrix, SP, 1978-79.
- *O modernismo*,
 - Medeiros, Jader. *A força de um pensamento*, ed. da UOCB, RJ, 1973.
 - Medeiros, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*, FGV, RJ, 1978, (O capítulo deste livro, sobre Plínio Salgado, foi publicado, com pequenas modificações, em *As idéias políticas no Brasil*, ed. Convívio, vol. II, SP, 1979.)
 - Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*, Graal, RJ, 1978.
 - Moura, OSB, Odilão. *As idéias filosóficas no Brasil, séc. XX*, p. I, ed. Convívio, SP, 1978.
- *Idéias católicas no Brasil*, Convívio, SP, 1978.
- Mourão, Gerardo Mello. *Peripécia de Gerardo*, 2.ª ed., in *Os Peões*, GRD/INL, SP, 1980.
- Nascimento, Abdias. *Sitiado em Lagos*, Nova Fronteira, RJ, 1982.
- Nestor Victor. *Os de hoje*, in *Obra Crítica*, vol. II, MEC/Fund. Casa Rui Barbosa, RJ, 1973.
- Norow, Adolph. *O sociopata*, SP, s/d, s/d.
- Oliveira, Lúcia Lippi, coord. *Elite intelectual e debate político nos anos 30*, FGV/MEC, RJ, 1980.
- Paim, Antonio. *Bibliografia filosófica brasileira (1931-1937)*, GRD/INL, SP, 1979.
- *História das idéias filosóficas no Brasil*, Convívio, SP, 3.ª ed., 1984.
- Picchia, Menotti del. *A longa viagem*, Martins, SP, 1970.
- Prado, Antônio Arnoni. 1922 — *Itinerário de uma falsa vanguarda — os dissidentes, a Semana e o Integralismo*, Brasiliense, SP, 1983.
- Reale, Miguel. "O risco é inerente à democracia", in *História vivida*, vol. I, ed. O Estado de S. Paulo, SP, 1981.

Obras políticas (1.ª fase — 1931/1937), 3 vols., reunindo todas as obras sobre o Integralismo ed. Universidade de Brasília, 1983.

"Estudo Sociológico de Geografia Sentimental" in Salgado, Plínio, *Geografia Sentimental*, 4.ª ed., facsimilar da príncipe, Voz do Oeste/INL, 1983.

- Ricardo, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço*, José Olympio, RJ, 1970.
- Roy, Teresa Malatian. *A Ação Imperial Patrianovista Brasileira*, tese apresentada à PUC (SP), 1978.
- Santos, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*, ed. Liv. Duas Cidades, SP, 1978.
- Saldanha, Nelson. *História das idéias políticas no Brasil*, Univ. Ded. de Pernambuco, Recife, 1968.
- Salim, Emilio José. *Ciência e Religião*, 2.ª ed., Escolas Profissionais Salesianas, SP, 1941.
- Sacerdos. *O homem integral*, Liv. Clássica Brasileira, RJ, 1957.
- *O estado integral*, Liv. Clássica Brasileira, RJ, 1957.
- Schooyans, Michel. *Destin du Brésil*, Duculot, Belgique, 1963.
- Silva, Hélio. *Terrorismo em campo verde*, Civ. Bras., RJ, 1971.
- *A ameaça vermelha — O plano Cohen*, LPM, PoA, 1982.
- Simões, Teotônio. *Repensando Alberto Torres*, ed. Semente, SP, 1981.
- Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira*, INL, RJ, 1958.
- Silveira, Tasso. *Diálogo com as raízes*, GRD/MEC, Salvador, 1971.
- *O estado corporativo*, José Olympio, RJ, 1937.
- Sodré, Nelson Werneck. *Vida e morte da ditadura*, Vozes, Petrópolis, 1984.
- Souza, Francisco Martins de. *O Integralismo*, ed. Univ. de Brasília, 1982.
- Tavares, José Nilo. *Conciliação e radicalização política no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1982.
- Trindade, Hêlgio. *Integralismo, o fascismo brasileiro da década de 30*, Difel, 1979.
- "Integralismo teoria e praxis política nos anos 30", in *O Brasil republicano — 3* (História Geral da Civilização Brasileira, vol. III, Difel, SP, 1981).
- Vasconcelos, Gilberto. *Ideologia curupira*, análise do discurso integralista, Brasiliense, SP, 1979.
- Vieira, Maria do Pilar Araújo. *Em busca do Sigma*, estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB, SP, 1978.
- Zandonadi, Máximo. *Venda Nova: um capítulo da imigração italiana*, SP, s/d.
- Zaveruche, Jorge. "A questão do Integralismo diante da herança facista", in *Ciência e Trópico*, ed. Massangana, Fund. Joaquim Nabuco, Recife, vol. 12, n.º 2, jul/dez, 1984, págs. 241/253.

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Casa de Plínio Salgado
REVISÃO: C. P. Salgado/G. R. Dórea/J. B. Carvalho
CAPA: J. B. Carvalho/Carlos Nelson da Cruz
COMPOSTO POR: Editora "MM" Ltda. - Fone: 279-5195
FOTOLITO: Binhos Fotolito - Fone: 278-7028
IMPRESSÃO: RUMO GRÁFICA EDITORA - Fone: 918-5711
EDITADO POR: Editora Voz do Oeste - Caixa Postal, 4623 -
CEP 01051 - S. Paulo (SP) e Casa de Plínio
Salgado - Rua Brigadeiro Tobias, 577, conj.
309 - Fone: 227-9227 - S. Paulo (SP).

de ação cultural, de educação social, de
edificação nacional.

Um teto que dê abrigo a todos que
confiam no poder da inteligência e que
fazem do conhecimento uma forma de
amor.

Um lar onde ninguém é excluído,
para onde todos são chamados. Até
mesmo aqueles que não sabem, mas fa-
zem parte da família.

Queremos construir um monumento
em torno do qual se unam e se reunam
sucessivas gerações de brasileiros para
manter acesa a chama do ideal de uma
grande Pátria num mundo melhor.

Queremos uma casa para manter a
consciência do bem comum e a conti-
nuidade do nosso patrimônio histórico.

Queremos erguer uma casa para pro-
var que a liberdade e a igualdade se
conciliam na fraternidade.

Por isso, essa casa não recusará o
diálogo a ninguém e nela serão bem-
vindos todos os que têm algo a propor
para o bem comum. Todos os que so-
nham em fazer do Brasil uma nação
unida, forte, próspera e feliz.

Queremos uma casa que seja um foco
de integração.

Queremos uma casa que perpetue a
vida e a obra de PLÍNIO SALGADO.

ALFREDO LEITE

